



Momentos

QUE MUDAM UMA VIDA

G I S E L E S O U Z A



MOMENTOS

GISELE SOUZA

Copyright © 2014 Gisele Souza

Capa: Jéssica Gomes

Revisão e Copidesque: Carla Santos

Diagramação Digital: Carla Santos

Esta é uma obra de ficção. Nomes, personagens, lugares e acontecimentos descritos são produtos da imaginação da autora. Qualquer semelhança com nomes, datas e acontecimentos reais é mera coincidência.

Esta obra segue as regras da Nova Ortografia da Língua Portuguesa.

Todos os direitos reservados.

É proibido o armazenamento e/ou a reprodução de qualquer parte dessa obra, através de quaisquer meios — tangível ou intangível — sem o consentimento escrito da autora.

Criado no Brasil.

Dedico esse livro a minha mãezinha, porque seu sonho deu vida a essa linda história de amor, superação e perdão.

Agradecimentos

Momentos foi um livro que me ensinou tantas coisas que fica difícil falar sobre ele sem me emocionar. É uma história envolvente e tão real quanto pode ser. Senti tantas coisas ao escrever esse romance: alegria, tristeza, dor, felicidade, amor, encantamento... Enfim, cada linha mexeu comigo.

E primeiramente agradeço a Deus por me dar força e inspiração para continuar essa história que muitas vezes quis parar.

Agradeço à minha família, especialmente à minha mãe que deu vida a essa obra com um sonho bonito e triste. Ao meu marido por me apoiar e incentivar a cada dia e ao meu lindo filho por me encher de carinho e amor.

À querida amiga Annamaria Lotti por me ajudar muito na construção dos sentimentos da Joana. Obrigada, minha linda. Seu apoio, dicas e sugestões fizeram toda a diferença na minha maneira de construir a personagem e todo o enredo. Ah, e pelo maravilhoso prefácio, eu me apaixonei.

Às minhas lindas e amadas betas amigas, o meu muito obrigada. Agradeço a cada uma por cada momento perfeito que passamos juntas: Gracileni Melo Aguiar, Isabel Cristina, Iza Corat, Luana Salles, Andréa Titericz, Babi Barreto, Lais do Vale, Maria Falcão, Biia Rozante, Lygia Fernandes, Paola Aleksandra, Pitty Bonadio, Giseli Bernardes e Daya da Silva. Não há palavras para agradecer a amizade de vocês!

Carla Fernanda se tornou alguém muito especial, além de grande amiga e incentivadora é de importância extrema na minha vida pessoal e profissional. Obrigada, minha querida, por tudo que tem feito por mim, por seu carinho, apoio, palavras de ânimo e, principalmente, por sua linda amizade. Sem você, eu não estaria aonde cheguei.

E preciso agradecer às minhas amigas de letras que por conta de um projeto especial acabamos ficando mais próximas. Brooke J. Sullivan, F. P. Rozante, Vanessa Marques, Babi Barreto, BF Moreira, Pitty Bonadio, Lenny Silva, Shirlei Ramos e Juliana Parrini. Meninas, vocês não tem noção como fazem a diferença no meu dia a dia, então de coração, muito obrigada!

E agradeço a você leitor por estar sempre caminhando ao meu lado nos passos que dou nessa carreira linda que escolhi. Espero de coração que se apaixonem por essa história que é tão especial para mim.

Beijinhos, Gisele Souza.

Sumário

Agradecimentos

Prólogo

Capítulo 1

Capítulo 2

Capítulo 3

Capítulo 4

Capítulo 5

Capítulo 6

Capítulo 7

Capítulo 8

Capítulo 9

Capítulo 10

Capítulo 11

Capítulo 12

Capítulo 13

Capítulo 14

Capítulo 15

Capítulo 16

Capítulo 17

Capítulo 18

Capítulo 19

Capítulo 20

Capítulo 21

Capítulo 22

Capítulo 23

Capítulo 24

Capítulo 25

[Capítulo 26](#)

[Capítulo 27](#)

[Capítulo 28](#)

[Capítulo 29](#)

[Capítulo 30](#)

[A autora](#)

[Contato](#)

[Outras obras na Amazon](#)

Prefácio

Os momentos que compõe toda a trajetória de uma vida registram em nossa essência, às vezes de modo profundo, pequenas pérolas ou cicatrizes que viajam conosco intimamente e se sobressaem cada vez que nos relacionamos com outras pessoas, principalmente na forma íntima do amor.

Quando li *Inspiração* foi fácil me envolver com Layla Bonatti e com todo o carisma e encantamento presentes na escrita da autora, que despertaram em mim aquela deliciosa compulsão pela leitura.

Gisele Souza ao construir Joana, protagonista deste romance, repete a proeza, e nos presenteia com todas as interfaces que uma mulher intensa pode deixar transparecer, com sensibilidade, romantismo e profundidade.

Acompanhar a construção de *Momentos* foi maravilhoso! Uma história visceral na qual presenciei o desenrolar de personagens intensos, passíveis de sentimentos nobres como o altruísmo e do que considero o pior de todos, a rejeição, que fere profundamente a alma de qualquer ser.

Permitir mais do que a simples leitura de *Momentos*, mas sentir e vivenciar os personagens e momentos tão factuais deste romance, que poderiam compor perfeitamente a minha ou a sua vida!

Um romance sedutor com todo o viés que a intensidade de uma história de amor pode proporcionar. Os sentimentos são revelados neste livro com veemência, mostrando que há momentos que valem por uma vida inteira, pela riqueza e propriedade de desprender em nós emoções únicas.

A impossibilidade de prever os fatos que a sinfonia da vida nos impõe e o resultado de como será possível digerir e assimilar cada um deles propicia toda esta magia e ao mesmo tempo o desafio de se apaixonar.

“É tão difícil falar e dizer coisas que não podem ser ditas. É tão silencioso. Como traduzir o silêncio do encontro real entre nós dois? Dificílimo contar. Olhei pra você fixamente por instantes. Tais momentos são meu segredo. Houve o que se chama de comunhão perfeita. Eu chamo isto de estado agudo de felicidade.”

(Clarice Lispector)

(Annamaria Lotti – Psicóloga Clínica e autora do blog Árvore dos Contos)

Prólogo

“A vida é feita de momentos. Pequenos e grandes acontecimentos que mudam nossos destinos. Transforma sonho em pesadelo, alegria em tristeza, amizade em amor.”

(Gisele Souza)

Fevereiro de 2003

O dia estava quente e não tinha nenhum vento para aliviar o calor escaldante do mês de fevereiro. Era alto verão e início do ano letivo. Eu tinha acabado de completar quinze anos e ingressado no ensino médio. Tivemos que nos mudar de cidade por conta do novo trabalho do meu pai. Não fiquei muito feliz, porque começar em uma nova escola não era muito interessante. Mas, como não tinha voz ativa em casa, apenas me resignei com a nova rotina que começaria.

A nova escola era daquelas tradicionais, bem diferente da antiga. As meninas usavam saia de prega, meias três-quartos e camisa de botão; os meninos usavam calça social, camisa engomada e gravata. Tudo muito sério para o meu gosto. Mas decidi não ser uma adolescente problemática e me comportar, não reclamando de tudo.

Só que ao chegar à escola e ver aquela enorme estrutura convencional me acovardei, era muita gente pra uma menina do interior. Mas decidi ir em frente, levantei a cabeça e apertei os livros e o caderno de encontro ao meu peito, ajeitei a mochila nas costas e entrei no pátio. Já sabia que a minha sala seria no segundo andar e logo me encaminhei para as escadas.

Ao passar por um grupo de meninos fui cercada e impedida de continuar em meu caminho. Eles mexiam comigo, brincavam e falavam qualquer bobeira. Não fiquei assustada, mas incomodada por ser o centro das atenções. Não gostava nada disso. Tentei me desvencilhar de um garoto sardento sem sucesso, e já estava ficando nervosa. Iria começar a esbravejar feito uma louca, e dizer poucas e boas para o indivíduo quando uma voz alta e levemente rouca pôde ser ouvida no meio daquela balbúrdia.

— O que estão fazendo, seus animais? Deixem a garota seguir o seu caminho.

O sardento fechou a cara e virou-se, encarando o rapaz alto que havia interferido por mim.

— Qual é, Deco? Estamos apenas brincando com a gatinha.

— Pois eu acho que ela não está gostando nada. Vamos lá, circulando. Deixem a menina em paz.

E como num passe de mágica toda a confusão se dispersou deixando apenas eu de frente com os dois garotos mais bonitos que poderia imaginar encontrar.

— Está tudo bem? — Aquela voz rouca e grossa era estranha para um garoto tão jovem e fiquei meio embasbacada olhando em seus olhos. O rapaz que havia interferido por mim era alto, magro, cabelos escuros e um pouco grandes e tinha os olhos mais enigmáticos que havia visto. Pareciam até negros, e por ser apaixonada por Biologia sabia o quanto essa cor era rara.

— Ei, está me ouvindo? — Pisquei os olhos e o encarei, ele sorria de lado, como se estivesse se divertindo com o meu lapso.

— Seus olhos são lindos. — Ele franziu a testa e percebi que havia falado em voz alta. Corei envergonhada e abaixei a cabeça apertando ainda mais os livros em meu peito. — Estou, sim. Obrigada! Se me der licença, preciso ir para a sala de aula.

Eles se afastaram e, totalmente sem graça por ter falado dos olhos do garoto, segui meu caminho. Porém, aquela voz se fez audível de novo.

— Você não me disse seu nome!

Parei e respirei fundo, era o mínimo que poderia fazer por eles terem me tirado de uma furada. Olhei por cima do ombro e encarei aqueles garotos. O outro parecia mais tímido, mantinha-se atrás do amigo e apenas me observava com seu olhar azul.

— É Joana.

— Prazer Jô, eu sou André e ele é o Bernardo. Nos vemos por aí.

Assenti sorrindo, não sei bem o que provocou em mim a felicidade que senti. Mas a perspectiva de ir àquela escola estranha tinha acabado de ficar muito boa.

Capítulo 1

*Amar não é ter que ter
Sempre certeza
É aceitar que ninguém
É perfeito pra ninguém
É poder ser você mesmo
E não precisar fingir
(O que eu também não entendo – Jota Quest)*

Joana

Chegar atrasada não escola não é legal!

As pessoas ficam te encarando e cochichando sobre o que você está usando, seu penteado e até mesmo o quanto você é esquisita. Enquanto isso não há outra opção a não ser se desculpar com o professor de cara amarrada e fazer a caminhada da vergonha até se sentar ao lado daquela patricinha metida, que fica te observando com cara de poucos — ou nenhum — amigos. Nunca gostei de me atrasar para nada. Porém, não tive alternativa. Minha mãe estava me dando o maldito sermão de que eu não devia aprontar na nova escola, que não podia envergonhar meu pai. Tinha que ser uma boa menina, pois eles me davam tudo que eu pedia ou precisava. Bem, nem tudo! O amor e o carinho foram deixados de lado.

Então, ali estava eu em meu segundo dia de aula, depois do primeiro já ser agitado, parada em frente à minha sala e preparando-me para o inevitável: enfrentar uma sala inteira de alunos fofoqueiros e curiosos além de um professor chateado por atraso em sua primeira aula com a turma.

Respirando profundamente, preendi os cadernos em meu peito e ajeitei a mochila no ombro. Em seguida, levantei um punho devagar e já iria bater quando uma voz grossa me impediu:

— Eu não faria isso se fosse você!

Olhei para o lado com o braço no ar e vi o menino de olhos negros que havia me “salvado” no dia anterior. Ele estava encostado no corredor com os braços cruzados.

— E por que não?

Ele sorriu e arqueou as sobrancelhas, deu de ombros e me encarou fixamente.

— O professor Marcão não gosta de gente atrasada; ele fica, vamos dizer assim: “agitado”! Espera até trocar de aula.

Desviei meu olhar e fitei a porta, mordendo os lábios. Não estava acostumada a matar aula também.

— É tão ruim assim? — Fiz uma careta tombando a cabeça de lado.

Ele sorriu e descruzou os braços, colocando as mãos nos bolsos da calça do uniforme escolar.

— Na verdade não, mas ele gosta de brincar e exagera um pouco, pelo que percebi você não gosta de chamar atenção. — Arqueou uma sobrancelha.

— Não mesmo!

— Então, vem! Te faço companhia. — Deu de ombros virando meio de lado em direção às escadas.

Engoli em seco e balancei a cabeça o acompanhando até o pequeno pátio no andar de cima, que parecia mais um local de estudos. O rapaz — que eu havia esquecido o nome — sentou-se numa das mesas e olhou para mim divertido.

— Senta aí, eu não mordo! — Sorriu abertamente mostrando seus dentes extremamente brancos.

Franzi a testa e sentei-me à sua frente colocando meus cadernos em cima da mesa. Estava um pouco sem jeito, pois não fazia amizades facilmente, sempre tive receio em confiar muito nas pessoas.

— Você não está com material escolar!

Ele riu e balançou a cabeça, apoiando os cotovelos em cima da mesa e o queixo em suas mãos abertas.

— Não, deixei na sala. Eu saí para ir ao banheiro e te vi.

— E você não terá problemas? — disse de olhos arregalados, não queria que se metesse em encrenca por minha causa.

— Provavelmente sim, mas não liga. — Acenou com a mão desdenhando. — Meu amigo vai cobrir a minha bunda.

Senti meu rosto esquentando e abaixei a cabeça.

— Ei, você está envergonhada por que eu disse bunda?

Droga, fiquei mais envergonhada ainda. Ele parecia saber como apertar meus botões.

— Claro que não!

— Não acredito, ficou sim! Você não fala coisas assim?

Arranhei a garganta tentando dissipar o mal-estar que se formava em mim quando era lembrada

das coisas que normalmente me privavam de fazer.

— Na verdade, não! Meus pais não permitem!

— Temos que mudar isso. — Bateu na mesa como se assim firmasse o que tinha dito.

O cara era meio louco! Onde um rapaz, que acabava de me conhecer, queria ensinar-me a falar palavrões? Ele olhou em meus olhos e imediatamente abaixei a cabeça, porque ele era muito intenso e não estava acostumada com isso.

— Mas, me diga, o que gosta de fazer? — Sua voz interrompeu meus devaneios, surpreendendo-me com a pergunta que pra mim era, no mínimo, curiosa.

Olhei em seu rosto forte e franzi a testa.

— Por que quer me conhecer?

— E por que não?

Ele sorriu pra mim e eu para ele, era inevitável devolver um sorriso tão sincero. Apesar de sermos estranhos, ele era estranhamente confortável. Me abrir foi fácil demais, e a hora voou. Nunca fiquei tão à vontade com alguém. Quando o sinal tocou, caminhamos para a sala e esperamos o professor sair. Porém, assim que ele nos viu, estreitou os olhos.

— André, vá para a diretoria. O que foi, caiu no vaso? E você, mocinha, sem atrasos na minha aula!

Assenti envergonhada e vi-o se afastar. Olhei para o André — agora me lembrei do nome dele —, que sorria.

— Vai lá, Joana. Tenho que ver o senhor diretor. Te vejo na sala.

Senti-me culpada por tê-lo colocado naquela situação, esperei que ele virasse na esquina e entrei na sala de aula. Procurei um lugar bem afastado, num cantinho e me acomodei. Nem ousei olhar para os lados, pois estava pensando no meu novo amigo. Um sorriso se formou em meu rosto ao me lembrar dele. Em seguida, senti um cutucão nas minhas costas. Virei-me e me deparei com lindos olhos azuis.

— Você viu o Deco?

— Deco?

— É, aquele que estava comigo ontem quando nos encontramos.

Então, percebi que esse era o amigo do André que me “salvou” dos garotos inconvenientes na entrada da escola.

— Ah sim! Bem, ele matou aula para me fazer companhia e se encrencou, o professor mandou-o para a diretoria. — Torci a boca de lado fazendo uma careta.

— Cara, ele é foda! Segundo dia de aula e já vai ficar em detenção?!

— Foi minha culpa, sinto muito!

— Não, ele é assim mesmo, gosta de burlar as regras! Bem, eu sou Bernardo!

— Prazer, Joana!

— Eu sei, você disse ontem! Então, está gostando da escola?

Ele sorriu e seus olhos brilharam. Naquele momento eu estava, enfim, gostando de estar em algum lugar. A aula começou e André não tinha voltado. Bernardo estava preocupado e pediu licença para a professora e foi atrás do amigo. Os meninos voltaram rindo e se empurrando de brincadeira. Deco sentou-se ao meu lado e piscou. Corei e abaixei a cabeça.

Os dias na escola ficaram melhores e acabei ficando amiga de ambos os garotos. André cumpriu o que prometeu. Ao final do ano letivo, eu falava tanto palavrão quanto ele. Minha mãe não gostou muito dessa minha nova fase, e culpava meus novos amigos pelo meu comportamento. E surpreendentemente eu aprendi a enfrentá-la, porque nunca admitiria que falasse mal deles.

As férias vieram e eu estava com saudade deles, mas procurá-los seria estranho, certo? Éramos somente amigos. Na verdade fiquei confusa, porque sentia como se fosse além disso. Porém, não estava acostumada a manter uma amizade e não sabia como deveria me sentir ou agir.

Estava sentada na varanda da minha casa quando fui surpreendida com duas figuras que não via há quase um mês.

Deco

Sempre fui sozinho em minha vida, nunca tive coisas que me pertencessem e não gostava de me abrir. Demonstrar sentimentos era uma fraqueza que eu não precisava. Dois anos se passaram quando, enfim, fiquei livre do inferno ao qual fui submetido toda a minha vida. Um ano atrás tudo mudou completamente!

Quando vi aquela garota assustada no meio daqueles idiotas, filhinhos de papai, senti a obrigação de protegê-la. Conhecer Joana foi a salvação da minha alma.

Ela se tornou tão importante para mim que senti meu coração explodir a cada sorriso que dava. Não era acostumado a me importar com ninguém, além do Bernardo, claro.

Bê era um cara legal, mas extremamente controlado. Ele dizia ser costume de família que planejasse cada passo, não concordava muito, mas respeitava. Eu o vi se soltar um pouco ao lado da Joana, era coisa mínima, porém significativa. Seus olhos brilhavam mais e sorria com frequência.

Joana era a luz pura e simples! Não havia uma pessoa que se aproximasse dela e não notasse a paz que ela emanava. Eu fui um dos sortudos em poder chamá-la de amiga... Mesmo querendo mais!

O ano escolar nunca foi tão divertido, tirar toda a tensão da sua personalidade e vê-la

desabrochar era maravilhoso. Joana se tornou tão traquinas quanto eu. Nós participamos de boas brincadeiras e ficamos em detenção muitas vezes.

Combinávamos perfeitamente!

E, então, veio as férias. Estava morrendo de saudades em meu pequeno quarto, que aluguei em cima da oficina que trabalhava, quando uma batida na porta mudou todos os meus sentimentos e vontades.

Bernardo queria ir até a casa da Jô, convidá-la para passear, sem destino certo. No meio do caminho, ele estacou na calçada fazendo-me olhar para trás.

— Que foi, Bê? Esqueceu alguma coisa? — Sorri, ele nunca esquecia nada, mas não custava perguntar.

— Não! É que eu quero te contar uma coisa.

— Okay!

Bê respirou fundo e franziu a testa, me observando.

— Eu estou apaixonado pela Joana!

Você já sentiu como se o seu coração tivesse sido esmigalhado, mas, apesar da sua vontade de gritar até perder a voz, teve que manter a compostura?

Bem, foi assim que me senti ao ouvir aquela declaração! Porque desde que fixei meus olhos nela, meu coração já não me pertencia mais. Bernardo me observava ansioso.

— Sério?

Ele assentiu e colocou as mãos nos bolsos da bermuda. Bernardo e Jô tinham a mesma idade, eu era dois anos mais velho. Por conta de problemas pessoais, fiquei atrasado na escola. Porém, meu amigo era maduro para um garoto de quinze anos.

— Sim, e não sei o que fazer! Acha que devo contar pra ela?

Droga! Meu coração pedia para que dissesse não, mas não podia fazer isso. Sabia o quanto Joana foi importante na vida dele e eu já era acostumado a abrir mão das coisas. Talvez, o que eu sentia por ela fosse passageiro!

Me aproximei do Bernardo e o abracei pelos ombros.

— Olha, eu não sei o que você deve fazer, vai ter que descobrir sozinho. Vamos apenas passear hoje e você vai ver quais são as reações dela. O que acha?

Bernardo assentiu e caminhamos em silêncio. A cada passo mais perto da casa da Joana, um pedaço do meu coração ficava pelo caminho, pois, depois daquele dia, eu a perdi. Na verdade, abri mão da única mulher que fui capaz de amar.

Capítulo 2

*E até hoje não houve um só dia
Em que eu não me lembrasse
Daqueles nossos dias
E até hoje não houve um só dia
Em que eu não me lembrasse de você
(Tudo me faz lembrar você – Jota Quest)*

Joana

Não sabia o que acontecia comigo quando via aqueles meninos, mas meu coração acelerou no peito de saudade quando os vi se aproximando do meu portão. Levantei-me prontamente e corri até ficar frente a frente com eles. Não me contive e os abracei juntos. Não gostava de dar preferência para um em particular, porém, muitas vezes meus olhos foram atraídos primeiramente para o Deco.

— Vamos dar uma volta, Jô?

Bernardo sorria amplamente com os olhos brilhando e o rosto vermelho. Franzi a testa estranhando sua atitude, porque ele era sempre tão certinho e controlado.

— Pra onde?

— Ah, qualquer lugar!

Mordi os lábios e pensei por algum tempo, minha mãe provavelmente não permitiria, mas se eu saísse sem ela saber não teria como me impedir. Na verdade nem sentiria minha falta, nunca me procurava pela casa mesmo.

— Tudo bem, mas eu não tenho dinheiro!

Bê sorriu e se aproximou envolvendo-me em seus braços fortes.

— Tudo bem! Nós vamos apenas passear, e se quiser comer alguma coisa, eu pago.

Assenti incomodada com aquele abraço, porque não era acostumada com esse tipo de demonstração de carinho. Eu os abraçava, mas quando era em grupo. Olhei para André que parecia diferente, ele mal me encarava e quando o fazia seus olhos estavam apagados.

— Ei Deco, não senti minha falta?

Ele deu um meio sorriso e balançou a cabeça.

— Não mesmo, você e essa boca suja não fizeram falta! — Riu, caçoando.

Mesmo sabendo que era implicância, meu coração afundou com aquilo. Ignorei e devolvi seu sorriso, dei um tapa em seu braço de brincadeira quando caminhávamos pela calçada.

— Você é o culpado! Eu não podia ouvir a palavra bunda que me envergonhava.

— Eu me lembro!

Apesar de ele ser o mesmo de sempre o notei estranho, distante e inquieto. Cada vez que Bernardo se aproximava, ele dava uns passos à frente e aquilo me magoou. Era tão ignorada por meus pais que estava acostumada, mas eu vi nele e em Bernardo uma família alternativa, a que escolhi para ser minha. E ele não estava muito interessado em estar perto de mim.

Com o coração doendo e morrendo de vontade de voltar pra casa, os acompanhei até a praça no fim da minha rua. Tinha alguns carrinhos de cachorro-quente, algodão-doce e pipocas por ali. As crianças brincavam e sentamos num banco ao lado do chafariz.

André se afastou até o final do banco e não olhava pra mim. Já Bernardo estava muito grudento. Comprou-me algodão-doce e pipoca. Em certo momento André levantou-se quando viu alguém, que eu descobri uns minutos depois ser uma menina. Aliás, uma linda menina! Ele ficou conversando com ela por um tempo e voltou sorrindo, totalmente diferente do que estava.

— Bê, você leva a Joana para casa? Tenho que ir a um lugar...

Bernardo riu, como se fosse algum segredo secreto entre eles e assentiu. Eu fiquei tão brava com eles que não quis ficar mais naquela praça. Em primeiro lugar, Deco não precisava ter ficado conosco — na verdade, nem precisava me procurar pra começar. E em segundo: me levar pra casa? Eu não era uma idiota que precisava de acompanhante para achar o caminho de casa!

Quando paramos em frente à minha casa, Bê colocou as mãos nos bolsos da bermuda e me encarou, vermelho como um tomate.

— Posso voltar aqui essa semana?

Por mais que eu quisesse vê-lo, estava chateada e não era uma boa companhia.

— Não sei Bernardo, minha mãe está implicando demais comigo. Acho que é melhor esperar as aulas voltarem!

— Mas semana que vem é o aniversário do Deco! Pensei que podíamos sair, fazer alguma coisa.

Droga! Eu sabia que Deco não tinha ninguém e precisava da gente, mas ainda estava brava.

— Não sei! Me liga para saber se posso! Tenho que ir, até mais.

Entrei em casa sem olhar para trás, meu coração parecia que iria explodir e eu não sabia bem o motivo. Meus olhos se encheram de lágrimas e deitei na minha cama me amaldiçoando por ter me permitido sentir aquilo. Mais uma vez, eu havia me enganado. Como uma besta, confundi as coisas e fiz papel de idiota.

A noite caiu e a casa estava silenciosa, sabia que minha mãe devia estar na sala, mas não estava com humor para as suas gracinhas. Quando deu meia-noite, meu estômago roncou e em seguida meu celular apitou da penteadeira em frente à cama. Levantei-me sem vontade e o peguei. Era uma mensagem do Bernardo.

“Eu gosto mais de você do que imagina.”

Mesmo com o coração traiçoeiro que eu tinha, eu decidi amar quem me amava. Estava cansada de ser a segunda opção na vida de alguém!

Depois daquele final de semana não ouvi falar do André! Bernardo sempre mandava mensagens e quando eu perguntava do Deco ele dizia que estava trabalhando. Não tocou mais no assunto do aniversário dele e respeitou minha vontade de ficar sozinha. Bem, por alguns dias.

Quatro dias depois da primeira mensagem, veio outra no meio da noite, que arrancou um sorriso dos meus lábios.

“Eu digo que gosto de você e não tenho nenhuma resposta?”

Nossa, o garoto esperou tanto tempo para me cobrar uma resposta? Sorrindo, digitei rapidamente:

“Mas eu sei que você gosta de mim, somos amigos”

Tinha que me fazer de desentendida, nem um segundo se passou para o telefone apitar novamente.

“Não, Jô! Gosto de você mais do que isso...”

Meu coração estava acelerado, não sabia o que sentir ou pensar!

“Meu Deus, Bernardo, não sei o que dizer!”

Não queria magoar o Bê, mas eu realmente estava muito confusa. Como iria afirmar uma coisa que não sabia? Tinha muito medo de ser rejeitada.

“Diga que sente o mesmo.”

Eu sentia? Não sabia. Mesmo tomando a decisão de deixar me levar e ver onde aquilo nos levaria, ainda estava confusa e magoada. Mas eu descobri naquele dia que Bernardo era insistente!

Às três horas da tarde, ele bateu na porta da minha casa. Minha mãe atendeu e com seu humor azedo de sempre berrou do andar de baixo que eu tinha visita. Quando cheguei à sala, Bê estava com as mãos para trás escondendo alguma coisa. Cheguei à sua frente e sorri, esperei minha mãe desaparecer e falei:

— O que foi? Cansou de mandar mensagens?

— Engraçadinha! Eu vim te trazer uma coisa.

— Ah, é? Meu aniversário é daqui a três semanas.

Ele sorriu e corou envergonhado.

— Eu sei, esse é um presente diferente. — Tirou as mãos das costas e estendeu uma caixa vermelha com um laço branco.

Curiosa, eu abri quase rasgando todo o pacote. Bem, eu não era mais tão delicada do que quando ele me conheceu. Quando, enfim, consegui desvendar o mistério, meu coração parou. Estendida em cima de uma almofada, tinha um pequeno anjinho de pelúcia vestindo uma manta azul com meu nome bordado na frente. Engoli em seco e o encarei.

— Obrigada, Bê! Eu amei!

Ele assentiu e, de repente, pareceu envergonhado.

— Bom, eu tenho que ir. Daqui a pouco sua mãe vem te chatear! Te vejo no seu aniversário, Jô!
— Aproximou-se, deu um beijo no meu rosto e foi embora.

Fiquei com o anjo nas mãos enquanto olhava para a porta. Bernardo era um doce e eu não sabia como me sentir com aquele frio na barriga que se apossou de mim com aquele gesto.

Faltava uma semana para a volta às aulas e era meu aniversário. Levantei-me animada, pois adorava ficar mais velha. Estava fazendo dezesseis anos. Entrei na cozinha e papai estava preparado para o trabalho, mamãe estava envolta com os afazeres para agradá-lo e nenhum dos dois levantou a

cabeça para me cumprimentar.

Eu devia estar acostumada. Desde que fiz onze anos parecia que esqueceram o dia que eu nasci, mas ainda doía. Tinha a desconfiança que doeria por muito tempo.

Tomei café em silêncio, imitando-os ao me ignorar e me levantei para andar um pouco. Fui para a praça que àquela hora estava um pouco vazia, havia somente alguns idosos tomando banho de sol e lendo seus jornais. Sentei-me num dos bancos bem no início da praça e fiquei olhando meus dedos brincando com minhas unhas, podia ter levado um livro para me distrair, mas nem pensei.

— O que está fazendo aqui, sozinha?

Olhei assustada para cima e me deparei com Bernardo me encarando com a testa franzida. Sorri ao vê-lo, não sabia quanta saudade estava até olhar seu rosto bonito.

— Não tinha nada melhor em casa e vim andar um pouco!

Ele respirou profundamente e sentou-se ao meu lado.

— Eles esqueceram, né?

Senti meus olhos encherem-se de lágrimas e assenti, Bê envolveu seu braço em meu ombro e encostei-me em seu peito. Sem que pudesse controlar, chorei por tudo que vinha me acontecendo, pois eram tantas emoções contraditórias, decepções e descobertas.

Bernardo me apoiou em silêncio e quando não tinha mais uma gota para chorar, levantei minha cabeça do seu peito e o encarei. Ele era tão bonito, seu rosto era forte e estava mudando, já tinha um pouco de barba que cuidadosamente retirava e seus olhos azuis me encaravam cheios de amor.

— Não fica triste assim, Jô! Eu sempre estarei aqui com você. Tudo bem?

Assenti sem conseguir afastar meus olhos dele, então sem perceber lambi os lábios ao encarar sua boca entreaberta. Eu estava com a mão em cima do seu coração e o senti disparar. Bê pegou meu queixo entre seus dedos e colocou seus lábios nos meus. Foi um beijo inocente e suave que mexeu com os meus sentimentos e me fez feliz! Quando nos separamos, eu não sabia o que fazer.

Na hora fiquei confusa e não consegui dizer nada, apenas o encarava. Foi quando toda minha vida, mesmo que curta, passou à minha frente. Era uma garota solitária, ignorada pelos pais, que encontrou em dois desconhecidos a razão de sorrir e levantar todas as manhãs. Olhei para o meu amigo novamente e apenas fechei os olhos, aceitando de braços abertos o que ele me oferecia.

Seus lábios selaram em mim uma paixão de adolescente. Meu coração lhe pertenceu e o dele a mim. Apesar de tudo ter mudado, ele parecia o mesmo.

Fiquei magoada por André não me procurar nem no meu aniversário, mas com o tempo o perdoei. Gostava demais dele para ficar sem vê-lo. As aulas retornaram e tudo voltou a ser como era antes.

Tinha virado rotina Bernardo me buscar em casa para irmos juntos à escola. As aulas haviam começado há duas semanas e ainda estávamos pegando o ritmo dos professores novos. Bem, nem todos eram novos, pois Marcão continuava a nos perturbar em História.

Quando Bê chegou, eu já estava do lado de fora esperando-o. Tinha tido uma briga com a minha mãe e não queria ficar mais dentro de casa. Ele deve ter percebido meu humor e não perguntou nada. Deu-me um beijo suave e caminhamos de mãos dadas até a escola. Eu não falei nada e nem Bernardo puxou conversa, porque não concordava por eu bater de frente com meus pais. Dizia que seria melhor se eu apenas deixasse levar, logo estaria na faculdade e era perda de tempo brigar.

Eu quase explodia quando ele dizia isso, até mesmo antes de namorarmos. Bernardo, às vezes, era muito certinho e me irritava. Contudo, nesses momentos eu precisava conversar com meu melhor amigo.

Quando chegamos à sala de aula, Deco já estava em seu lugar esperando por nós; e, como vinha acontecendo, ele não olhava muito em minha direção. Mesmo sendo o mesmo, eu o sentia diferente.

Quando me sentei, bufando, ele arqueou uma sobrancelha e olhou para o Bê.

— O que você falou com ela?

Bernardo levantou as mãos e franziu a testa.

— Nada! Dessa vez fiquei quieto.

— Bom, porque nesse caso você só atrapalha — Bê revirou os olhos e retirou a mochila sentando-se atrás de mim. — O que foi, Jô? O que eles fizeram?

E foi como se uma enxurrada forçasse a sair de mim. Deixei-a em liberdade.

— Ah, você sabe. O mesmo de sempre! Eles querem que eu seja isso, aquilo. Que você me leva para o mau caminho, que sou muito nova para um relacionamento. Que devo priorizar os estudos... e blá-blá-blá. Mas sabe o que me irrita? É que eles dizem essas coisas só pra me irritar porque na maioria das vezes eu sou só um fantasma andando pela casa.

Deco fechou a cara e olhou para frente, sabia que ele ficava chateado com as asneiras que meus pais diziam, não gostava de deixá-lo assim, porém só tinha ele para desabafar.

— Jô, isso tem que acabar!

— Eu sei! — Olhei em seus olhos, porque ele era o amigo que me entendia e por quem eu sentia algo diferente e era muito forte, que me julgava errada.

— E vai! — Olhei para Bernardo que estava nos olhando cautelosamente, com a testa franzida. Tinha um brilho estranho em seus olhos azuis que não identifiquei.

— Como, Bê?

— Eu vou me casar com você! — Arregalei os olhos enquanto o olhava, pensando se ele estava mesmo falando a verdade. Como assim? Éramos muito jovens! — Eu sei o que está pensando, Joana, mas não é agora, ainda não tenho onde cair morto. Porém, eu vou me casar com você.

Aprendi uma coisa: quando seu coração está tão cansado de sofrer e um amor lhe é oferecido de bandeja, você não pode ser louco de recusar. Eu sorri para ele e me estiquei para trás para lhe dar um beijo.

Seu sorriso era tão radiante que pensei: “Se eu era tão afortunada por ter um cara como o Bernardo em minha vida, por que me lamentar por outra pessoa que era apenas meu amigo?”.

Olhei Deco, que já não me encarava mais; ele estava conversando com Melissa, que sentava à sua frente, e ela flertava abertamente para todos verem. André sorria e se aproximou para falar algo em seu ouvido, ela corou e sorriu assentindo para o que ele disse.

Virei-me para frente e abri meus cadernos. Não tinha motivo para me sentir desse jeito. Eu tinha Bernardo que era apaixonado por mim, e eu o amava também, mas de uma forma diferente. Porém, não importava, porque eu dedicaria todos os meus dias para fazê-lo feliz tanto quanto ele planejava me fazer.

O destino, às vezes, é assim. Não podemos ter tudo o que queremos.

Apesar de tudo, eu, Bernardo e Deco continuamos inseparáveis por quatro anos até que fui surpreendida, mais uma vez.

Bernardo me pediu em casamento de verdade antes de ingressarmos na faculdade. Eu aceitei prontamente e resolvemos ajeitar tudo para antes da nossa viagem. A única tristeza era que nos separaríamos de André, pois depois de cinco anos juntos não teríamos mais a presença do nosso querido amigo.

Mas estava muito feliz e animada. Era o melhor dia da minha vida. O melhor momento. Antes disso houve um dia que nunca iria esquecer, vou te contar para que entenda o resto da história.

Era uma tarde de primavera e estava bem fresco, faltavam dois meses para o meu casamento e decidimos dar uma volta no parque, e, claro, que convidamos o Deco, pois não éramos completos sem ele. Chegamos ao parque e ele estava lotado, com muitas famílias fazendo piqueniques, namorados e grupos de amigos. Estendemos um cobertor na grama e nos acomodamos. Depois de comermos uns sanduíches e conversarmos bastante, Bê se ajeitou no meu colo e adormeceu. Enquanto passava os dedos entre seus cabelos claros sentia o olhar do André sobre mim. Levantei a cabeça e me deparei com sua inspeção intensa, ele encarava minha mão e depois levantou os olhos negros fixando-os nos meus.

— *Que foi, Deco? Por que está me olhando assim?*

Ele estava meio deitado no cobertor com um cotovelo levantado e escorava a cabeça no punho fechado.

— *Nada não, só observando o quanto você é linda!*

Meu coração disparou e senti um nó na garganta. Retirei a mão dos cabelos do Bernardo e abaixei os olhos. Quando André falava assim, me deixava extremamente confusa.

— *Deixa de bobeira, sou uma pessoa tão comum.*

André deu uma risada rouca e passou a mão livre por seu queixo recém-barbeado.

— *Jô, você é muitas coisas, mas comum não é uma delas. Eu me encantei por sua beleza desde o minuto que coloquei meus olhos sobre você.*

Deus, de onde vinham aquelas coisas? Franzi a testa e fiquei olhando em seus olhos que sempre me hipnotizaram. Seu rosto estava sério e ele me encarava fixamente.

— Por que está me dizendo essas coisas?

— É que eu... — André abriu e fechou a boca e olhou para Bernardo dormindo confortavelmente em meu colo, fechou os olhos e respirou profundamente. — Não é nada, só estou com medo de perder vocês. Daqui a dois meses, vocês vão se casar e me abandonar.

Sorri para ele, André era tão importante para mim, muito mais do que ele saberia ou eu admitiria.

— Não fique assim, a faculdade vai acabar rápido e vamos poder nos encontrar em outra cidade. Nós já não combinamos?

Ele assentiu e sorriu, deitou-se de costas e ficou olhando para o céu cheio de nuvens brancas. Virou sua cabeça para mim e seu olhar estava diferente, nostálgico e muito triste.

— Eu estou feliz por vocês. Ambos têm um ao outro para se apoiarem. Obrigado por cuidar dele, Jô.

Olhei para o topo da cabeça do meu noivo e sorri abertamente. Bernardo foi muito importante em minha vida, ele era meu amigo, meu primeiro beijo, meu primeiro homem. Estava muito feliz com a perspectiva do nosso futuro, mas alguma coisa me incomodava, não sabia dizer o quê.

Ficamos num silêncio confortável e quando tomei coragem de olhar novamente para André, vi que ele estava de olhos fechados, talvez tenha dormido um pouco. Então, pude observá-lo sem correr o risco de ser pega. Quando conheci os meninos, o primeiro que me chamou atenção foi o Deco. Aquele jeito extrovertido e de bem com a vida, me mudou completamente. Aprendi a me soltar, viver sem me preocupar demais. Confesso que até fiquei interessada em algo mais que amizade, mas ele nunca se pronunciou a respeito. Na verdade, acho que nem daria tempo. Bernardo não perdeu tempo e deu um passo à frente em nossa relação. Nunca me arrependeria da minha escolha, mas às vezes pensava se ela teria sido precipitada ou correta.

E, naquele momento, os olhos azuis e meigos se abriram fitando-me, seriamente. Bernardo estendeu a mão e passou-a em meu rosto.

— Você é a pessoa mais importante da minha vida, Joana. Eu não sei o que eu faria sem você.

Meu coração cambaleou com a intensidade das palavras do meu noivo, fechei os olhos e espantei toda e qualquer dúvida que pudesse ter em minha mente e meu coração.

— Eu também, Bê. Você é muito importante para mim.

Ele olhou para o Deco, que respirava tranquilamente e realmente parecia dormir. Passou uma sombra no rosto do Bernardo e logo ele desviou o olhar do amigo, observando as crianças brincando no parque. Subitamente levantou-se e enlaçou meus ombros com seu braço. Beijou o topo da minha cabeça e ficou quieto por um tempo.

Depois de meia hora, André já tinha acordado e recolhemos nossas coisas, os meninos me

deixaram em casa e foram embora para seu apartamento. O dia no parque foi esplêndido e confuso, mas nunca me esqueceria de um dos momentos em que ficamos juntos passando um tempo na companhia do outro.

Um sorriso despontou dos meus lábios ao olhar para o lado de fora da limusine. Aquele dia era para ser o mais lindo e, da mesma maneira que a tarde no parque, marcou minha vida para sempre. O céu estava estrelado e a lua cheia enfeitava a noite. Meu coração estava tão pleno que parecia explodir. Encostei-me no estofado de couro e fechei os olhos, estava ansiosa. Meus pais não aceitaram muito bem o casamento e se recusaram a acompanhar-me, então, André me levaria ao altar.

Quando o carro parou, vi Deco vindo em minha direção com o rosto molhado de lágrimas, os olhos negros tristes e desolados. Ele abriu a porta e abaixou-se. À medida que ele falava, o sorriso em meu rosto morria para nunca mais voltar. E naquele momento sobraram apenas restos de uma mulher que havia sido inteira.

Capítulo 3

*Eu não sei o que eu tô fazendo, mas tenho que fazer
Naquela noite que eu te conheci eu acho que nunca vou esquecer
Um momento quase perfeito inocente em seus defeitos
Tudo que é bom dura pouco e não acaba cedo.
(Eu nunca disse adeus – Capital Inicial)*

Dezembro de 2007

Acordei tão animada que mal cabia em mim de felicidade. Meus pais me ignoravam há mais de duas semanas — coisa que era bem recorrente desde que me lembrava —, e eu estava aprontando as coisas para o casamento sozinha, mas nem ligava. Encontrava-me pronta para sair daquela casa e viver a vida perigosamente. Sorri com esse pensamento, não era para tanto. Bernardo se mantinha com os pés no chão sem sonhar demais, dizia que era bobagem ansiar por algo que poderia trazer apenas decepções, mas ele não me freava. Deixava-me ter meus devaneios à vontade. Até gostava, era um charme, segundo as palavras do meu noivo.

Tive meu dia de princesa, totalmente paparicada, pena que foi por profissionais que estavam sendo pagos para estarem ali e não por quem deveria estar feliz por mim. Na verdade, meus amigos — Bernardo e André — eram mais importantes em minha vida do que minha própria família. Como papai não era a favor do meu casamento, por ser muito jovem, André iria me levar ao altar.

Lembrar-me dele dava um aperto no peito, não sabia bem o porquê. Talvez pelo motivo de não nos vermos mais todos os dias, porque depois do casamento eu e Bê nos mudaríamos para uma cidade e André para outra. Quando convidamos ele para nos acompanhar, disse que devíamos seguir caminhos diferentes, pois estava na hora de trilharmos nosso próprio destino. Essa era a única tristeza do meu dia, a despedida do meu amigo querido, a outra metade do meu coração.

Tudo foi muito lindo e brilhante, meu corpo parecia flutuar. Vesti-me com esmero e quando me olhei no espelho parecia alguém diferente. Em meu rosto estava estampada uma felicidade pura. Não havia frustrações nem decepções até que a voz que me assombrava por uma vida inteira se fez presente.

— Você acha mesmo que vai dar tudo certo?

Congelei no lugar e observei meu reflexo. Com a voz da minha mãe, tudo sempre ficava

sombrio. Olhei para ela, que estava parada na porta do meu quarto com os braços cruzados e a cara amarrada. Respirei fundo para não permitir que ela estragasse meu dia.

— Acho sim, por que não daria?

— Simplesmente pelo fato de vocês não terem nada a ver. — Arqueou uma sobrancelha bem feita. Ela se mantinha impecável o tempo todo, acho até que nunca passou um dia sem maquiagem. Talvez fosse esse o motivo de tanta decepção, éramos como água e óleo.

— E por isso você se acha no direito de estragar a minha felicidade? Quem decide se tem a ver sou eu e mais ninguém.

Ela suspirou pesadamente.

— Você está sendo imatura como sempre e se precipitando Joana, porque as coisas não são assim. Daqui a seis anos, vai se arrepender e pode ser tarde demais.

Virei-me e a encarei, minha mãe era bonita e vivia feliz com meu pai. Da maneira deles ambos se completavam, eram frios igualmente. Eu acho que fui alguém não planejado que atrapalhou as suas vidas.

— Você não tem coisa melhor pra fazer não, hein? Já não chega o inferno que foi minha vida aqui, agora quero seguir meu caminho e vocês querem me segurar? Veja pelo lado bom, mãe, estarão livres de mim!

Desde que me entendo por gente, nunca tinha visto minha mãe sem palavras. Ela me olhava assustada como se estivesse surpresa com o meu ataque. Bem, o que ela queria? Será que não percebeu os anos que fui ignorada e minha opinião nunca foi posta em consideração? Ainda mais que, nesse dia tão importante para mim, eles se recusaram a participar.

E realmente acho que ela não tinha nada a dizer, queria somente acabar com a minha felicidade. Depois de muito me observar, deu meia volta e saiu do meu quarto. Tentei não chorar, mas foi complicado. A única coisa que me impediu de desabar em tristeza foi saber que em meia hora veria meu Bernardo no altar, sorrindo e feliz.

O tradicional é a noiva se atrasar, tipo um charme. Mas eu não iria dar a chance do meu pai também vir tentar acabar com a minha felicidade. Peguei a barra do vestido, tirei os sapatos e segurei-os, desci a escadaria correndo em silêncio. Já estava pronta mesmo e a limusine me esperava. Não daria oportunidade do meu dia perfeito desmoronar.

Sentei-me no banco de couro daquela beleza que havia sido alugada por Deco, pois, segundo ele, uma noiva linda como eu devia chegar à igreja em grande estilo. Bernardo discordava e falou ser um gasto excessivo, mas André insistiu e não arredou o pé. Respirei novamente ao me ver longe de todo aquele veneno. Fechei os olhos e percebi o carro se movimentar, senti um arrepio no corpo e abri os olhos novamente e me virei. Dei de cara com minha mãe me observando da janela da sala, seu rosto bonito estava contorcido numa máscara estranha de tristeza, amargura e pena. Como eu sabia disso? Vi essa mesma expressão por vinte anos da minha vida.

Nunca entendi bem o porquê de dar tanto desgosto aos meus pais. Sempre fora uma garota boa, nunca me envolvi em confusões, acatava suas ordens sem protestar. E mesmo assim nunca fui amada

realmente como uma criança deveria ser. Eles nunca me maltrataram fisicamente, mas, às vezes, palavras desdenhosas e duras doem muito mais do que um tapa.

O tempo que passei naquele carro lembrando do sorriso do Bernardo e das bobagens do André fez com que minha angústia diminuísse, menos o aperto no peito que sentia. Mas isso devia ser pelo desentendimento recente com a minha mãe, que, aliás, não devia me importar, já que para ela não daria certo. Aprendi aos trancos e barrancos absorver apenas coisas boas; o que me trazia tristeza, eu jogava fora.

Na esquina da comprida rua que ficava a igreja já podia avistar parte da decoração, jasmims decoravam a entrada e reconheci a silhueta esguia do meu querido Deco. Um sorriso despontou dos meus lábios, era tão largo que o meu rosto começou a doer. Mas era sempre assim quando me via perto do André, sua alegria e espontaneidade me deixava simplesmente feliz.

O carro parou e André se aproximou abrindo a porta. Quando percebi sua expressão, senti meu peito se dilacerar. Ele quase nunca chorava e naquele momento seu rosto bonito e seus olhos negros expressivos estavam apagados. Ele abaixou-se e pegou minhas mãos, dando um sorriso fraco.

— Jô, eu preciso que você seja forte, viu?

Meu coração acelerou, deixando-me quase surda pelo som alto que fazia dentro de mim.

— O que foi, André? Tá me assustando! — sussurrei com um nó na garganta, sem saber o que estava acontecendo.

Ele fechou os olhos e respirou fundo, enquanto as lágrimas grossas desciam por seu rosto sem parar. Quando me encarou novamente, vi meu mundo desmoronar, pois já sabia o que ele iria me dizer antes mesmo de pronunciar uma palavra.

— Bernardo sofreu um acidente de carro quando vinha para cá. — Ele balançou a cabeça, desolado. — Ele estava com os pais e um caminhão os fechou numa curva e capotaram. Sinto muito!

Senti meu mundo desabando, parecia que as paredes do meu castelo encantado estavam ruindo ao chão e não podia fazer nada para evitar que tudo se acabasse.

— Ele morreu, né? — Mesmo não me dizendo explicitamente, em meu coração eu soube. Desde o momento em que bati o olho em André, minha vida se perdeu.

Por cinco anos, eu fui uma garota feliz, ou seja, desde que conheci os dois caras mais perfeitos que existiam. No dia que era para ser perfeito, tive o momento mais desesperador que poderia passar. Era uma mulher inteira. Porém, quando perdi o amor que escolhi para a minha vida, ele levou junto o que havia de melhor em mim: a vontade de sorrir e ser feliz.

Larguei tudo para trás. Não mantinha contato com ninguém, era muito doloroso lembrar a risada e os carinhos que não teria mais. Depois do enterro do Bernardo e dos seus pais, saí da cidade e fui cursar Pedagogia. Após concluir meus estudos, passei a dar aulas para crianças de cinco anos. Ali, eu conseguia sentir novamente um resquício de luz em meu peito.

André tentou milhares de vezes falar comigo, mas eu o rejeitei. Vê-lo seria o mesmo que me matar devagar. Perdi o Bê, meu melhor amigo, e a mim mesma, tudo de uma vez só. Estava por um

triz, não poderia baixar a guarda.

A profecia da minha mãe acabou se concretizando. O meu casamento não deu certo, fiquei viúva antes mesmo de pôr os pés do lado de fora do carro. Não pude nem me despedir e nem dar um beijo de adeus em Bê, porque ele ficou irreconhecível.

Seis anos se passaram desde o dia em que minha vida desmoronou. Nunca fui alguém ligada em destino, não acreditava que as coisas tinham que acontecer em seus momentos certos. Porém, naquele fatídico dia, me vi numa brincadeira fatal, fiquei destruída pelo maldito acaso.

Minha vida não passava de um borrão, eu apenas existia. Vivia apenas pelas lembranças que vinham me visitar quando fechava os olhos. Não sei dizer quando me entreguei ao inevitável, passei a viver sozinha sem emoções ou expectativas. Ao mesmo tempo que me sentia solitária preferia dessa maneira. Tinha vontade de sumir, não ver ou falar com ninguém. Muitas vezes me forcei a comer para me manter de pé, nada me fazia ter a vontade de me sentar à mesa e degustar de um belo almoço. Tudo se tornou uma pesada obrigação, acordar, comer, levantar e até viver! Meu coração se tornou sombrio e apenas meu trabalho trazia-me um pouco de felicidade. Terminei minha faculdade e optei por cuidar dos pequenos, porque somente eles colocavam um sorriso no meu rosto. Quando chegava em casa e olhava em volta, via o quanto ela era vazia e silenciosa. Meu peito se comprimia e não tinha outra opção senão deixar as lágrimas rolares, mais uma vez.

Na verdade, estava exausta de sentir a falta daquele que já havia partido e levado metade do meu coração. O pior? O dia do meu casamento era para ser o mais feliz da minha vida. Lembro vividamente como se estivesse acontecendo no mesmo instante, podia sentir o tecido do vestido de noiva em meu corpo e o perfume de jasmim pela casa e pela igreja.

Minha vida se resumia ao trabalho e a casa, não mantinha amizades e não tive nenhum tipo de relacionamento todos esses anos. Vivia reclusa e no cair da noite tudo começava. Podia passar o dia dispersa de toda a dor, mas ao contemplar um futuro incompleto me via num abismo sem fim. Meu coração andava cheio de sentimentos que não conseguia explicar. Sentia uma raiva de mim mesma e de todos que passaram por minha vida que não conseguia controlar e isso me deixava quase cega. Queria deixar tudo de lado e seguir em frente, mas simplesmente não conseguia. Era uma dor que esfaqueava meu peito deixando feridas abertas e profundas. Gostaria de apenas curá-las e viver novamente, mas logo me culpava por querer sobreviver já que nem o Bernardo e nem o Deco estavam comigo. Sentia-me suja e a depressão me assolava sem dó e nem piedade.

Deitei a cabeça no travesseiro e olhei pelo vidro da janela, as estrelas enfeitavam o céu e a lua cheia trazia lembranças que às vezes preferia esquecer. Pensava em Bernardo a cada instante e morria de saudades. Não sabia se um dia essa dor iria passar, mas queria seguir em frente e deixar nossos momentos juntos no lugar onde pertenciam. E ainda tinha o Deco, não podia nem pensar nos sentimentos que me invadiam ao pensar em seu lindo sorriso, pois a culpa me corroía por dentro.

Fomos tão felizes. Por que tinha que acabar assim? Será que não merecíamos um final feliz?

Fechei meus olhos e tentei voltar naquele tempo em que tinha tudo o que precisava, pois por algumas horas estarei de volta ao lugar aonde pertencia. Porém, ao amanhecer continuarei sozinha, sentindo saudades, mais uma vez. E estarei me definhando aos poucos, sem esperança de me reerguer novamente.

E o mais interessante disso tudo é que o amor que fez meu coração pular ainda vivia! E, mais uma vez, a culpa me corroía.

Capítulo 4

*Não vou viver, como alguém que só espera um novo amor
Há outras coisas no caminho onde eu vou
As vezes ando só, trocando passos com a solidão
Momentos que são meus, e que não abro mão
(Pra rua me levar – Ana Carolina)*

Março de 2013

As tardes de sextas eram sempre muito cansativas. As crianças não paravam um segundo. Pareciam saber que logo viria o final de semana e, então, teriam a folga tão esperada. Eu, na verdade, abominava ficar muito tempo longe da escola tanto que nas férias arrumava um jeito de me envolver em programas sociais. Ficar sozinha era sinônimo de lembranças.

Abri a porta de casa, me escorando nela e joguei a chave na mesa de canto. Larguei-me no sofá de qualquer maneira e fechei os olhos esperando ver se a dor de cabeça horrorosa iria passar, mas só uma coisa melhorava o humor do cão que me encontrava: remédios! Odiava estar em tratamento para depressão por seis anos sem previsão de melhora. Sentia-me uma fracassada e covarde. A única coisa que me tirava um pouco do meu mundo de autopenalização eram os livros. Sim, era viciada em romances de todos os tipos. O que estava lendo há alguns dias me arrancava lágrimas de tão linda que era a história.

Peguei-o de cima da mesa de centro e acariciei a linda capa, que continha um casal abraçado simulando estar em seu próprio mundo. Era louca para conhecer a autora e dizer o quanto sua história mudou minha vida. *Amor no Ninho*, da Maribell Azevedo, é sem dúvida um dos livros mais perfeitos que li.

Porém, minha mente não estava boa para prosseguir na releitura, porque nesse dia, especialmente, me lembrei demais do Bernardo e do André e meu coração estava tão apertado, que quase não conseguia raciocinar. Às vezes pensava que me faltava o ar de tanto que precisava esquecer. E logo depois que toda a angústia passava, me culpava por querer tirar aquele sentimento de dentro de mim. Meus olhos se encheram de lágrimas, tamanha era a confusão que me afligia.

Apesar de ter restado apenas os pedaços de uma mulher feliz que fui um dia, tentava manter as aparências, porque não gostava que soubessem da minha depressão. Mas minha vontade era entregar-

me à tristeza que me consumia. Continuava insistindo pelo simples fato de saber que meu noivo não aprovaria minha entrega. E tinha a suspeita de que ele estava decepcionado comigo. E tudo se agravava. Meu coração martelava o peito fazendo com que meus ouvidos zumbissem.

Com um suspiro pesaroso, levantei-me e decidi começar meu final de semana solitário. Levei o livro e o guardei na estante junto com meus outros amores. Acaricieei as lombadas cuidadosamente, como sempre fazia. Eles eram o meu refúgio, o que fazia ter esperança de um dia sair do buraco que me encontrava.

Fui até meu quarto onde cautelosamente passei os olhos por todo o cômodo. Meu apartamento era simples e confortável. O local que menos era tocado era a cama de casal, que ficava no centro. Não suportava dormir sozinha, tinha pânico total de virar de lado e encontrar o vazio, por esse motivo aquele colchão confortável servia apenas de enfeite. Minhas noites eram passadas no sofá cercada de almofadas e do barulho baixo da tevê. Pode parecer loucura, mas aliviava um pouco a dor que me cercava. E, como sempre fazia, caminhei a passos lentos até o banheiro porque sabia o que me esperava!

Não gostava de fazer isso todos os dias, mas era necessário. Segundo minha terapeuta, eu tinha que me ver todos os dias para conseguir me enxergar.

Na porta do banheiro, retirei toda a minha roupa e fiquei somente com a calcinha e o sutiã branco de algodão, parei em frente ao espelho enorme que tinha ao lado do boxe de olhos fechados. Quando os abri, foi o mesmo choque de sempre. Meus cabelos encaracolados estavam ressecados, mas tentava domá-los sem sucesso. Meus olhos verdes, outrora brilhantes e expressivos, estavam sem vida. Meu rosto bonito de pele morena estava magro com os ossos proeminentes. Não comentaria do corpo que se apresentava em meu reflexo no espelho. Tudo aquilo provocava uma torrente de lágrimas que não podia conter, porque me penalizava a mulher que eu havia me tornado.

Respirando profundamente, tentei parar o soluço que se formava em minha garganta, o que foi realmente difícil. Mas, por fim, consegui me controlar e terminei de me despir, em seguida abri o chuveiro deixando a água cair bem morninha. Mesmo estando quente, eu apreciava o calor relaxante que provocava em meus músculos tensos.

Meus olhos ameaçaram transbordar novamente ao lembrar-me da carícia que recebia depois de um dia exaustivo. Eu e Bernardo estávamos praticamente morando juntos, pouco ia para casa, pois não era muito bem-vinda, e ele se mudou para junto do Deco, que era independente desde os quinze anos. E num belo dia em que voltava da escola, cheguei em sua casa mais cedo porque queria surpreendê-lo quando notei que estava no chuveiro. Alegrei-me por, enfim, estarmos realmente sozinhos. André estava no trabalho e eu não desperdiçaria a chance de um momento íntimo com meu namorado. Na época tínhamos dezenove anos. Encostei a cabeça no azulejo do banheiro e fechei os olhos retornando àquele tempo que não voltaria.

Sorrindo feito uma criança, deixei minha bolsa cair ao lado do sofá e retirei as sandálias para não fazer barulho. Em seu quarto retirei a roupa e me infiltrei no banheiro tentando ser discreta até o último minuto. Mas quando vi sua silhueta através da cortina do boxe, me esqueci de toda a brincadeira.

Bê era lindo demais! Jovem, atlético e inteligente. Meus lábios formigaram por um beijo seu.

Então, não perdi mais tempo. Abrindo a cortina repentinamente, o surpreendi. Sim, ele se assustou de verdade.

— Nossa, Jô. Quer me matar de susto?

— Não mesmo, amor. Apenas quis fazer uma surpresa, vi que o Deco ainda não chegou e resolvi aproveitar. Fiz mal? — Arqueei uma sobrancelha divertida, pois sabia qual seria sua resposta.

— Não! — Passou os olhos maliciosos por meu corpo, sorrindo logo em seguida. — Mas agora terá que pagar o pedágio pelo susto que me deu. Sabe, tenho o coração fraco.

— Hum... E qual seria? — Dei mais um passo encostando meu corpo ao seu, que estava morno pela água que caía.

— Terá que me beijar por toda a noite. — Não foi preciso pedir outra vez. Nossas bocas se encontraram e não pensei em mais nada.

Naquela noite fui pedida em casamento, foi um dos dias mais felizes que passei ao seu lado. E só de ter a água tocando minha pele cansada, me trazia lembranças boas. E eram elas que aqueciam meu coração há muito tempo congelado.

Disposta a não deixar que a tristeza me encapuzasse aquela noite, saí do chuveiro e penteiei meus cachos, não era tarefa fácil já que eles precisavam de uma hidratação urgente. Com eles um pouco ajeitados, vesti meu pijama e fui preparar algo para comer. Não estava com a mínima vontade, mas decidi tentar, pelo menos para me manter por mais um dia.

Na verdade, eu vivia como um alcoólatra em recuperação. Cada dia era uma vitória.

Fiz um macarrão instantâneo e só. Precisava voltar para a minha leitura, já que havia melhorado um pouco. De repente, uma animação tomou o meu ser. Se vivesse outras vidas e sonhasse com finais felizes, talvez meu humor melhorasse e suportasse o final de semana.

Com os olhos vidrados fiz meu jantar e depois de pronto sentei-me no sofá terminando rapidamente de ingerir o macarrão e peguei o livro na estante, acomodei-me novamente com um pequeno sorriso no rosto. Porém, no decorrer da leitura meus olhos encheram-se de lágrimas, porque estava numa parte muito tensa e meu coração se apertou pelo casal. O trecho era tenso onde o personagem se sentia perdido e sua amada o confortava.

E nesse momento eu mesma voltei a chorar, mas alguma coisa naquela cumplicidade do casal, o apoio mútuo em uma situação tão complicada, fez estalar em mim uma compreensão de que acontecimentos ocorrem independente do nosso entendimento. Meus olhos varreram pela sala, mas não via nada. Estava com a mente longe e precisava sair daquela inércia que me acometia por tantos anos.

Um desespero me invadiu e me senti sufocada. Olhei para o livro em meu colo e sorri. Mais uma vez, aquela história me ensinava alguma coisa. Toda forma de amor vale a pena. Antes ter amado e perdido do que nunca ter amado.

Levantei-me com a garganta obstruída e fui até a janela, coloquei a cabeça para fora e respirei o

ar fresco da noite. Minha cabeça fervilhava.

O que eu estava fazendo com a minha vida?

Olhei para as pessoas que caminhavam pela calçada calmamente e foquei num jovem casal de mãos dadas. Eles sorriam um para o outro e se beijavam carinhosamente. Dessa vez, as lágrimas não vieram como de costume. Meu coração se encheu de paz. Sabia que não duraria muito, estava acostumada a me afundar na tristeza, mas iria, sim, tentar me reerguer, e foi com esse pensamento que peguei o telefone ao lado do sofá e disquei o número da minha terapeuta. No segundo toque, ela atendeu.

— O que foi, aconteceu alguma coisa?

— Não, Letícia. Está tudo bem! Queria saber se você pode me receber amanhã?

Letícia Braga era jovem, bonita e competente. No início do tratamento, não confiei muito por ela ser tão nova, já que estava trocando de terapeuta. Seu apoio era mais importante que qualquer coisa. Sabia que ela tinha uma vida e um namorado, mas não poderia esperar. Eu precisava seguir em frente e necessitava dos seus conselhos.

— Me deixa ver... — Ouvi-a conversando com alguém, devia ser homem pela rouquidão da resposta. — Pode ser na parte da manhã? Tenho um almoço com meu namorado, mas posso te atender.

— Ok! Às 9h, eu estarei lá.

— Te aguardo, querida.

Desliguei o telefone e sorri. Minha vida estava prestes a começar, novamente.

Mesmo com alguns contratempos, passei a noite incrivelmente bem. Por mais estranha que possa parecer estava ansiosa para encontrar Letícia, como nunca havia ficado. Apesar de ter certa afinidade com ela, nunca me senti assim. Não dei muita importância e adiantei tudo. Às 8h45 estava a postos na porta do consultório.

Estava distraída, olhando os vasos de flores que tinham na varanda, quando escutei os barulhos dos saltos na escada. Levantei os olhos e me deparei com a linda loira que me acompanhava por mais de um ano.

— Bom dia, Joana. Adiantada hoje?

— Estava ansiosa!

— Que bom, algum motivo especial? — Ela sorriu lindamente, destrancando a porta.

— Só algumas coisas que decidi.

Letícia me olhou com curiosidade evidente no rosto e assentiu. Entrou dando-me passagem logo em seguida. Já sabendo de todo o protocolo, me sentei na poltrona que estava acostumada, aguardando. Ela ajeitou algumas coisas na mesa e se acomodou à minha frente.

— Pode me contar o que tem em mente. Deve ser coisa boa para me procurar, normalmente te vejo relutante em estar aqui.

Respirei fundo e encarei o céu azul de um sábado que prometia ser muito bom.

— Creio que sim. Vou começar lhe dizendo como foi minha sexta. As crianças estavam agitadas, mas, como sempre, adoro estar com elas. Elas trazem-me alguma paz que perdi ao longo desses seis anos, porém, quando acabou a aula me senti vazia de novo. Arrumei tudo e fui para casa sabendo o que me esperava. Bom, era pra ser uma noite normal, para os meus padrões, mas fiquei lembrando do Bernardo e do Deco e a tristeza me invadiu. Aí fui fazer aquele exercício de olhar no espelho, e senti como se fosse a primeira vez que me via de verdade. Quase não acreditei que aquela que devolvia meu reflexo era eu. Como nunca enxerguei que estava definhando vagarosamente? E, então, decidi me reerguer, voltar a ser como eu era.

Voltei meus olhos para Letícia, que sorria e assentiu.

— Você já decidiu como vai fazer isso?

— Não! Acho que será melhor um passo de cada vez, sei que a tristeza irá voltar aos poucos, mas estou disposta a tentar. Vou a um salão de beleza depois que sair daqui. E... — Abaixei meus olhos para minhas mãos entrelaçadas e me perguntei se faria aquilo mesmo. — vou tentar encontrar o Deco.

— Perfeito, Joana. E sabe por onde começar a procurar por seu amigo?

Meu coração disparou no peito com a expectativa de vê-lo novamente, mas logo veio a culpa por não poder estar com o Bê. Balancei a cabeça tentando tirar aqueles pensamentos da minha cabeça.

— Eu não sei. Vou ter que saber por onde ele anda. Talvez nem seja uma ideia tão boa assim.

— Imagina, Joana. É uma ótima ideia, seu amigo deve sentir sua falta também.

Sorri para ela e assenti, conversamos por mais um tempo e nem vi a hora passando. Quando me dei conta já haviam passado os cinquenta minutos da sessão. Levantei-me pronta para encerrar a nossa conversa quando vi o celular da Letícia vibrando em cima da mesa, e ela o olhou franzindo o cenho. Sabia que seu profissionalismo a impediria de atender ao telefone, mas eu estava de saída e de qualquer maneira tínhamos terminado.

— Pode atender, deu a hora da nossa sessão, eu já estou indo mesmo. — Aguardei, ela levantou o indicador pedindo para que esperasse e falou baixinho.

— Tudo bem, já estou saindo. Eu sei, não podia atender — Letícia finalizou a ligação e sorriu. — Você conhecerá meu namorado, não é comum isso acontecer, mas nós tínhamos marcado um compromisso. Espero que não se importe, ele está aí fora. Engaçado, tantas coincidências...

Sabia que ela namorava há dois anos e era completamente apaixonada, não que ficávamos

falando da sua vida, mas o pouco que sabia dava pra perceber. Enquanto Letícia abria a porta e saía para falar com seu namorado, peguei minha bolsa e já estava saindo quando achei que tinha ouvido uma voz conhecida. Franzi a testa e imaginei que fosse algum fruto da minha imaginação saudosa, mas quando cheguei à porta e vi minha linda terapeuta ao lado de um homem alto, forte e com os olhos mais negros que já encontrei percebi que o destino estava mesmo brincando comigo.

Capítulo 5

*Ando por aí querendo te encontrar
Em cada esquina paro em cada olhar
Deixo a tristeza e trago a esperança em seu lugar
(Palavras ao vento – Cássia Eller)*

Deco

Em minha vida nunca tive nada exatamente meu. Órfão, fui abandonado pela minha mãe ainda recém-nascido, vivi até os quinze anos num orfanato público. Consegui estudar em boas escolas por dedicação e força de vontade, porque se dependesse de incentivo e carinho teria me tornado algum malandro qualquer. As pessoas que me criaram não eram cuidadosas, não nos maltratavam fisicamente, mas suas palavras doíam mais que ações. Carreguei insultos e ainda os guardava na mente para que fosse forte e não me tornasse o que me acusavam. Sabia muito bem que nem todas as instituições tinham pessoas daquele tipo, porém, não tive a boa sorte de encontrar gente dedicada e carinhosa.

Nunca fiquei lamentando a perda de nada, nem mesmo de uma mãe que não foi capaz de amar um ser tão indefeso como um bebê. Eu cresci e fugi, arrumei trabalho e aluguei um apartamento, porque não dependia da “bondade” de ninguém. Logo conheci Bernardo, meu irmão de coração, que se tornou uma presença constante em minha vida. E logo depois veio a doce Joana... Sua alegria e vontade de viver me conquistaram completamente e mudei minha concepção do mundo. Ela era de classe alta, mas ignorada pelos pais. Na verdade era uma órfã como eu, a diferença é que quem a colocou no mundo ainda se via “presente” em seus dias. Tornamo-nos inseparáveis e criei um laço com aquela menina de olhos verdes tão felizes, que não conseguia imaginar meus dias sem ela.

Éramos tão parecidos que até para fazer traquinagens pensávamos iguais. Bê já era mais centrado e não gostava de entrar em nossos planos mirabolantes. Digo com segurança que amava aqueles dois, só que com a Jô era diferente. Ouso dizer que nunca encontraria um sentimento igual ao que sentia por ela.

Nosso mundo perfeito desmoronou no dia do casamento da mulher que eu amava com meu amigo e irmão. Eu estava feliz por eles. Dizem que o verdadeiro amor é assim, a gente deseja que a pessoa seja feliz mesmo que não seja com você. E assim me forcei a conformar-me de fazer o

possível para que tudo fosse perfeito para ela.

Mas o destino tramou contra nossa felicidade. Bernardo morreu a caminho do dia mais importante de sua vida e coube a mim dar a notícia para Joana. Nunca me esqueceria do seu desespero, porque eu a embalei em meus braços por cinco horas a fio, deixando-a chorar a perda do seu grande amor. Contudo o que não imaginei era que ao me despedir do meu irmão eu a perderia também. Joana deixou de ser a menina alegre e feliz para se tornar a sombra daquela mulher que me encantou desde o primeiro segundo em que nossos olhos se encontraram.

Na semana seguinte da morte do Bê, eu fui procurá-la e descobri que ela simplesmente sumiu. Seus pais disseram que fez as malas e disse que ia embora. Esbravejei com eles e os xinguei de todos os nomes possíveis. Como deixavam uma mulher que tinha acabado de perder o noivo ir embora sozinha? E mesmo assim eles não deram a mínima importância.

Procurei Joana por anos até que cansei e resolvi viver a minha vida. Terminei a faculdade e montei minha concessionária, com isso meu negócio expandiu e fiquei financeiramente estável. Tinha um bom relacionamento, mas meu coração nunca mais foi o mesmo. Ele havia sido capturado por uma morena de sorriso brilhante.

Por dois anos tentei amar Letícia como ela merecia e não consegui. Ela sabia e dizia não se importar e que um dia meu coração se livraria do amor perdido. Concordei para que não ficasse aquele clima chato, mas sabia que isso seria impossível. Minha alma foi aprisionada sem chance de libertação.

Estava a caminho de um compromisso com Lê quando, ao me aproximar do seu consultório, meu coração acelerou. Não entendi o motivo, já que muitas vezes fui buscá-la e era algo natural. Devia ter dado mais atenção ao pressentimento que me acometeu.

Depois de ligar para ela dizendo que me encontrava na recepção acomodei-me num daqueles sofás fofos demais para o meu gosto. Letícia dizia que seus pacientes gostavam de se sentir abraçados pelas almofadas, ela era psicóloga e eu não iria contrariar sua maneira de pensar.

A porta foi aberta e seus olhos caramelos encontraram os meus num sorriso sincero. Retribuí sem nem pestanejar e ela se aproximou para me dar um beijo, porém, algo me distraiu e olhei por onde minha namorada havia saído. Pensei estar vendo um fantasma que há muito tempo me assombrava.

Joana estava parada no alpendre me encarando com aqueles enormes olhos verdes, que agora estavam sem brilho algum. Seus cabelos, que antes eram volumosos e bonitos, tinham uma aparência desgastada e opaca. Do seu corpo cheio de curvas só sobraram ossos proeminentes, visíveis até mesmo por baixo da roupa sóbria que usava.

Não podia acreditar que aquela era a mulher linda que roubou meu coração há dez anos. Aproximei-me devagar e ela continuava parada no mesmo lugar.

— Joana?

Letícia tentou chamar minha atenção, mas eu não via ou ouvia mais nada. Estava focado na mulher à minha frente.

Quando ela pareceu acordar, piscou e seu semblante tomou uma forma triste e sem vida. Sem pensar, peguei-a em meus braços e senti um aperto no peito ao constatar sua magreza excessiva. Naquele momento só prestava atenção ao seu cheiro, que continuava o mesmo, porque estava maravilhado por estar com minha amada em meus braços. Passei anos tentando encontrá-la e ela estava mais próxima do que imaginei. Então, me lembrei de que Letícia estava ali assistindo minha alma sendo entregue novamente para sua dona.

Afastei-me devagar e a olhei nos olhos que por um segundo retomou seu brilho, que se perdeu em seguida. Joana pareceu se envergonhar de algo e deu um passo atrás, engoli em seco ao perceber que tinha se passado muitos anos e talvez não devesse tê-la abraçado assim. Virei-me e Letícia me encarava seriamente, porém, curiosa. Pigarreei tentando mudar o clima e resolvi explicar à minha namorada o que estava acontecendo, depois disso ela saberia o que significava aquilo tudo.

— Lê, essa é Joana. Minha amiga de muitos anos. — Minha namorada tombou a cabeça de lado franzindo a testa, numa expressão de confusão, que não durou muito. Logo seus olhos se arregalaram ao ligar os pontos.

— Meu Deus, ela é *a* Joana? — Assenti e abaixei os olhos, não conseguindo encará-la. — Como eu não percebi isso antes? Mas são tantos nomes iguais que nunca me dei conta.

Um sorriso iluminou seu rosto, o que me confundiu profundamente. Como ela era capaz de estar feliz ao saber que à minha frente tinha a mulher que eu amava verdadeiramente?

— Desculpa, Joana. Eu não liguei quando você falava no Deco que ele era o *meu* André.

Claro que não, somente ela e Bê me chamavam assim. Percebi Joana se encolhendo para longe de mim e suspirei pesadamente. Aquela não era a minha amiga e nem a mulher pelo qual me apaixonei.

— Tudo bem, Letícia. Provavelmente, se eu soubesse teria fugido de você.

Não sei se ela falou aquilo sem querer, mas doeu profundamente saber que fugia de mim deliberadamente.

— Tudo bem! Acho que tudo se resolveu, afinal. André, te espero ali fora, vocês tem muito que conversar. — Piscou para mim e sorriu.

Agradei-a com o olhar, precisava falar com Joana a sós. Observei minha namorada descendo a escada e, quando já não estava mais à vista, voltei meu olhar para Joana. Coloquei as mãos nos bolsos da bermuda cargo que vestia e abaixei a cabeça, tentando arrumar uma maneira de abordar o assunto. Porém, nada que vinha à mente era bom o bastante.

— Por onde você andou, Jô? Seis anos! Como você pode fazer isso comigo? — Acho que minha boa vontade de começar uma conversa civilizada tinha saído pela janela. Suspirei pesadamente e passei a mão entre os cabelos, tentando alcançar alguma calma dentro de mim. — Eu te procurei por quatro anos, incansavelmente. Quase não vivi. O que eu fiz pra você, Joana? Como conseguiu se esconder de mim?

Nesse meio tempo ela havia se recostado no batente da porta e estava de cabeça baixa olhando suas mãos. Eu não a reconhecia mais, minha Jô tinha sumido e ficado apenas um espectro no lugar.

— Eu adotei o nome de solteira da minha mãe, não quis que me encontrasse.

— Então, você sabia que eu te procurava? — Ela assentiu e minha vontade era de sacudi-la, pois eu não entendia o motivo de se esconder de mim. — Por quê? Só me diga isso e nunca mais irei te importunar.

Por um momento, Joana se escorou pela parede parecendo fraca, e me forcei a não ajudá-la, pois meu primeiro instinto era protegê-la de qualquer coisa. Porém, precisava de respostas e a errada em toda a situação era ela por sumir sem deixar nenhuma notícia de como estava. Sentou-se numa das poltronas e com sua voz baixa começou a tentar se explicar.

— Olhar para você me doía profundamente, André. Ouvir sua voz me fazia sentir a pior das criaturas.

— Por que, Joana?

Ela me encarou com os olhos tão tristes que me arrependi de ter forçado a barra.

— Porque eu dava graças a Deus que você não estava com ele e não tinha morrido. E me culpava de preferir você em vez dele. — Sua voz tinha se tornado apenas um sussurro sofrido. E meu coração se apertou no peito deixando-me totalmente sem ação. O que aquilo tudo queria dizer? — Cada vez que fechava os olhos, eu lembrava de estar nos seus braços chorando com a perda do Bernardo e dando graças por estar com meu melhor amigo. E com o tempo me acostumei a ter você também apenas como uma lembrança, vê-lo é ter que reviver tudo novamente.

— Então, quer dizer que te faço mal?

Joana se levantou e andou até mim parando à minha frente. Seu rosto magro e sem vida retomou certo brilho e pude ter um vislumbre da minha antiga Jô.

— Achei que sim! Talvez eu tivesse melhorado há muito tempo se permitisse sua presença. Porém, o que passou ficou para trás, eu resolvi apenas retomar o controle da minha vida e é o que farei, até agora apenas sobrevivi. Não vou poder mais me tratar com a Letícia, não conseguiria. Então, até mais Deco.

Seu cheiro continuava o mesmo e me perdi por um momento em seus olhos verdes tão expressivos. Dentro de Joana tinha muita dor, mas também havia esperança. E quanto a continuar tratar-se com Letícia, eu concordava que não era saudável para mim saber que minha namorada via a mulher da minha vida toda semana.

Joana ficou nas pontas dos pés e, olhando em meus olhos, deu-me um beijo na bochecha. Era maravilhoso receber seu carinho novamente. E em segundos acabou. Ela sorriu tristemente, pegou sua bolsa que havia ficado na poltrona e saiu porta afora, mas antes de sumir das minhas vistas virou-se e me olhou com tanta intensidade que me senti pequeno diante do sentimento que havia em meu peito. E, então, ela se foi, mais uma vez, para longe das minhas mãos.

Encostei-me à parede, pois quase não sentia minhas pernas e fiquei com medo de desabar no chão. Sei que fui duro com Joana e percebi que ela ficou emocionalmente abalada. Mas não pude evitar uma avalanche de emoções que me invadiu e não pude segurar. Ver o amor da minha vida naquele estado, simplesmente me destruiu. Minha vontade era abraçá-la e confortar qualquer dor

que estivesse em seu interior, deixar meu amor lhe envolver e assim curar qualquer ferida que ainda tivesse.

Quando percebi, eu estava sentado no chão e o perfume de Letícia se fez presente. Abri os olhos e a encarei. Ela me olhava muito séria e triste.

— É ela, né? — Assenti e Letícia respirou profundamente. — Eu devia ter ligado os pontos. Mas como dizem: “o pior cego é aquele que não quer ver”. Devido ao sigilo profissional, não posso comentar nada a respeito da Joana. André, sem querer parecer a namorada ciumenta, peço que se afaste dela, porque neste momento é o que ela mais precisa.

Assenti e peguei seu queixo delicado entre meus dedos.

— Eu não tenho nada a ver com a Joana, Lê. Não precisa se preocupar, não vou atrás dela. — Seu sorriso triste denunciou que não acreditava em nada do que disse.

— Mas eu digo isso pela recuperação dela. Joana precisa se reerguer sozinha!

Sem querer admitir meus sentimentos pela mulher que povoava minha mente por mais de dez anos, ou a falta deles, para a minha namorada, me levantei levando-a comigo, abraçando seu corpo macio e cheirando seus cabelos.

— A Joana viveu muito bem sem mim por seis anos, Lê. Não precisa de nada meu, vamos para o nosso almoço que estamos atrasados.

Ela se afastou e sorriu de lado. Em meu coração eu sabia que daria um tempo e a procuraria de novo, porém, quando isso acontecesse, não sabia o que seria de nós, e minha namorada já previa o fim do que tínhamos construído.

Capítulo 6

*A tua voz dizendo amor
Foi tão bonito
Que o tempo até parou
De duas vidas, uma se fez
Eu me senti
Nascendo outra vez...
(As dores do mundo – Jota Quest)*

Joana

Quando o vi parado ao lado daquela mulher, que por tanto tempo escutou meus problemas e tomou conhecimento dos meus sentimentos mais sombrios, não pude acreditar em mais essa armação do destino. Ela sabia de tudo! Não tive nenhuma outra reação senão encará-lo, porque tudo ficou em suspenso.

Seus olhos negros me assombraram por todo o caminho de volta para casa. Neles tinha muita decepção, mágoa e, o pior de tudo, pena. Por mais que eu já tivesse decidido me reerguer e livra-me da depressão, agora era uma questão de orgulho próprio retomar a minha vida.

Decidi não continuar minha terapia com a Letícia, não tinha como vê-la todos os dias sabendo que estava nos braços do André. Alguns sentimentos conflitantes duelaram dentro de mim e a antiga tristeza estava batendo à porta, além da culpa e da vontade de desistir, porque o remorso me assolava por tantas coisas que senti e ainda sentia. Então, me veio a lembrança do dia em que realmente me dei conta de tudo que havia em mim. Fechei os olhos e deixei que as imagens invadissem a minha mente.

O clima em casa não estava legal, tinha acabado de ter uma discussão acalorada com a minha mãe e saí aos prantos. Precisava do colo e do consolo do meu namorado, e que ele me dissesse o quanto me amava e o quanto eu era importante. Cheguei ao apartamento que ele dividia com o Deco e abri a porta com a minha chave.

A casa estava em silêncio e imediatamente me frustrei até que ouvi um barulho no chuveiro. Tinha se tornado um costume surpreendê-lo e sempre era uma ótima maneira de dar as boas-

vindas. Mordi os lábios, tirei os sapatos, soltei meus cabelos encaracolados e sorri. No banheiro tocava uma música alta, melhor ainda porque ele não iria me ouvir.

Meu corpo se acendeu desde o segundo que vi seu corpo molhado, a cortina estava meio aberta e o banheiro cheio de vapor. Retirei minha roupa e entrei, quase não enxergava. Passei minha mão pelas suas costas e ele retesou seu corpo. Fechei os olhos e apenas senti o contorno dos seus músculos abdominais, Bernardo estava mais forte que de costume. Eu adorei!

Ele finalmente relaxou e pegou minhas mãos nas suas, puxando-me de encontro ao seu corpo. Quando meus seios encostaram-se às suas costas, senti meu corpo se arrepiar de um modo diferente. Minha mente estava tão nublada e carente que não liguei que tudo nele estava diferente.

Bê puxou minhas mãos de encontro ao seu peitoral e senti seu coração bater tão acelerado, que me perdi naquela cadência forte e tresloucada. Ele me virou e puxou-me para debaixo do jato d'água. Seus lábios famintos se encontraram com os meus e deixei me levar, perdida numa luxúria que nunca havia sentido ao seu lado. Era um tesão renovado e seu gosto estava maravilhoso. Porém, alguma coisa não estava muito correta: o perfume que desprendia de sua pele, as mãos famintas procurando pelo meu corpo, como se estivesse me conhecendo e a boca... Aquele beijo era diferente. Abri os meus olhos e, em meio àquela névoa que se formou em meu cérebro, vi o rosto forte e molhado do meu amigo.

Afastei-me bruscamente e ele abriu os olhos. Seu peito subia e descia, então, percebi a minha confusão. Deus! Como pude me enganar assim? André olhava pra mim com tanta vontade que imediatamente tentei me cobrir. Não consegui emitir nenhum som. Saí do banheiro morrendo de vergonha e me refugiei no quarto do Bernardo, tranquei a porta e me vesti. Caí sentada no chão do quarto com os olhos arregalados porque não podia acreditar no que fiz. O pior de tudo foi que gostei do beijo e do toque. Senti-me uma traidora porque em meu peito sempre houve algo com ele e sufoquei até que não me lembrasse de que meu coração descompassava cada vez que ouvia sua risada, ou quando sentia seus olhos sobre mim. Engoli em seco e percebi que adorei estar tão próxima e me odiei por isso!

Passaram-se uns vinte minutos quando ouvi um barulho no corredor. Sabia que era ele.

— Jô, sai daí. Vamos conversar — Permaneci em silêncio e ele continuou: — Desculpe por aquilo, foi um erro. Não devia ter acontecido. Vamos esquecer isso, eu vou dar uma saída e quando voltar vai ser como se nada tivesse rolado, ok? — Ele suspirou pesadamente e disse com a voz arranhando. — Por favor, esquece isso. Eu não posso perder você!

Senti sua presença ali por algum tempo e logo a porta da sala bateu. Meu coração estava uma confusão só. Não sabia o que sentir, estava morta de vergonha e muito excitada. Senti-me uma traidora e mal podia me levantar. Quando tive coragem, tentei fazer o que ele me pediu, estava frustrada e ao mesmo tempo feliz por ele querer esquecer. E ele voltou o mesmo de sempre, brincando e fazendo gracinhas. Fiquei sabendo que Bernardo estava preso no trabalho e não voltaria tão cedo. Fui embora com o coração em frangalhos. Percebi que amava dois homens, mas não podia. Era errado!

E por isso me culpava tanto, amava os dois e fiquei imensamente aliviada por Deco não estar no

carro que levou o meu noivo. E vê-lo novamente trouxe tudo de volta. Precisava ser forte e me reerguer. Peguei do bolso o cartão do novo terapeuta e me senti revigorada, pronta para um novo começo.

Junho de 2014

Um ano se passou desde a última vez que vi o André no consultório da Letícia. Na verdade, eu não tenho contato com nenhum dos dois. Após aquele dia de reencontro e de lembranças, me afundei em mais uma sessão de tristeza, mas no fim consegui me reerguer e começar uma nova terapia. O Dr. Antônio Silveira era muito bom, um homem íntegro de meia-idade, que lembrava muito um pai que eu deveria ter tido. E nesse tempo de tratamento, aprendi a não me culpar tanto por tudo que se passava dentro de mim. Não devia me condenar por ter amado dois homens ao mesmo tempo, mesmo porque eles eram incríveis e eu amei o Deco em segredo, nunca trai Bernardo realmente.

E naquele período fiz amizade com Jorge, o senhor que tomava conta da garagem do consultório do doutor. Nos tornamos grandes amigos e fui convidada inúmeras vezes para festas em sua casa e jantares de família. E num desses eventos conheci Rafael, seu filho mais velho. Ele era o orgulho do pai, porque tinha se formado no exterior e era gerente de uma concessionária importante da cidade. Eu e Rafa ficamos mais íntimos, começamos a sair e ele ajudou muito em minha recuperação.

Sempre deixei muito claro a ele sobre os meus sentimentos, seríamos amigos com benefícios e nada mais. Meu coração havia sido partido em dois e metade foi enterrado junto com Bernardo. Ele dizia que não se importava, que nossa amizade com benefício do sexo estava bom demais.

Rafael foi um dos melhores presentes que poderia receber. Recuperei minha saúde e aos poucos fui deixando a depressão para trás, as culpas e tudo que vinha junto, que sempre voltavam querendo me assombrar, mas eu não dava espaço. Ocupava minha mente com outra coisa. Dedicava-me às minhas crianças na escola e estava muito bem com isso.

Ainda faltava o último passo para deixar tudo no passado. Em sete anos, nunca visitei o túmulo do Bê e de seus pais. Tinha medo, ver aquilo era a confirmação do que eu havia perdido e do que era culpada. Rafael queria me acompanhar, mas eu neguei, porque queria vencer aquela etapa sozinha.

— Tem certeza de que quer fazer isso sozinha, Jô?

Estava de frente ao espelho, olhando para meu reflexo e analisando o quanto eu havia me recuperado e me curado. Meus cabelos já estavam com a aparência de sempre, volumosos e brilhantes. Meu rosto estava corado enquanto olhos expressivos devolviam meu olhar, meu corpo preenchido novamente me causava orgulho do que conquistei nesse ano. Ao olhar o homem deitado na cama pelo espelho, sabia que não sentia nada por ele, a não ser amizade. Sabia que não era justo manter aquele relacionamento, tinha que ter coragem de fazer o correto.

— Tenho sim, Rafa. Mas eu queria falar algo com você antes de ir.

Ele franziu a testa e sentou-se fazendo o lençol escorregar sobre seu peito musculoso, me tirando a concentração por um minuto. Tinha acabado de acordar e seus olhos ainda estavam sonolentos, pois sempre ficávamos na cama até mais tarde nas manhãs de domingo.

— Não estou gostando desse tom, Joana! O que está acontecendo?

— Eu não posso mais fazer isso, Rafael. Não é justo com você. Eu não te amo e nunca vou conseguir. Por isso nunca quis um relacionamento sério. E percebi que você gosta mais de mim do que diz, mesmo afirmando que só temos um relacionamento sexual. Porém, é mais, eu sei. Por isso não posso continuar, não adicione mais essa culpa em minhas costas, por favor?

Seus olhos estavam tristes e me encaravam atenciosos. Então, ele os fechou e se deitou na cama, cobrindo o rosto com um braço.

— Quando você descobriu?

— Ontem à noite, você disse que me amava enquanto dormia. Eu te disse que assim que isso acontecesse não poderíamos mais nos ver.

Ele se sentou e me abraçou, sua respiração quente soprava em meu pescoço e seu coração batia acelerado.

— Dê uma chance, Jô. Quem sabe seus sentimentos mudam?

Sorri, seria muito bom se isso fosse possível, mas infelizmente não era. Meu amor pertenceu a dois homens: um deles havia partido e o outro era impossível que algo acontecesse.

— Você sabe que não é assim. Por favor, não insista, não quero perder sua amizade.

Rafael se afastou olhando em meus olhos. Seu azul estava tão escuro e triste que meu peito se apertou, mas decidi não me culpar. Eu não tinha controle nem pelos meus sentimentos, o que diria dos outros.

— Vou para o cemitério e depois dar uma volta. Você estará aqui quando eu voltar?

Ele sacudiu a cabeça, negando. Assenti e me levantei. Alisei a calça preta que estava usando e saí. Respirei aliviada quando fechei a porta, eu desconfiava dos seus sentimentos há algum tempo e não precisava prolongar aquele sofrimento, era melhor deixá-lo ir antes que ficasse mais intenso. Não podia carregar aquele tipo de culpa novamente, porque não conseguir amar uma pessoa como ela merecia me destruiria. Desci as escadas e fui até a garagem, peguei meu carro modesto e dirigi em direção à cidade vizinha, onde Bernardo estava enterrado. Era cerca de quarenta minutos e estava tentando me distrair no caminho. Retornar àquele lugar me trouxe muitas lembranças das quais sentia saudade: o primeiro beijo que dei em Bê, as traquinagens que aprontávamos, além da nossa alegria e companheirismo. Porém, tudo de bom foi destruído por um momento de sombras.

Desci do carro e olhei em volta, aquela cidade estava do mesmo jeito que me lembrava. Engoli em seco quando a emoção me consumiu, sabia que voltar ali me traria muita coisa de uma vez só, por isso deixei por último.

O cemitério era bem conservado e se não fosse as lapides no chão você diria que era um parque para fazer piqueniques. Eu sabia de cor onde Bernardo foi sepultado, aquele dia foi terrível. Ver seu

corpo ser coberto de terra me causou um ataque de pânico que carreguei por anos. Ao avistar onde ele estava ao lado dos pais pensei em voltar e deixar tudo para trás sem precisar sofrer por tudo aquilo. Mas quando percebi estava ajoelhada na grama aos prantos.

— Por que você tinha que me deixar, Bê? Minha vida nunca será a mesma sem você, sofri cada minuto do meu dia. Preferia que eu estivesse no seu lugar e ainda dei graças a Deus do Deco não estar junto. — Entre soluços, despejava ali tudo que me consumiu por tantos anos. — Senti-me uma traidora a cada dia que se passou, porque eu o amo. Sempre amei vocês dois, e me sinto uma vagabunda por nutrir esse sentimento dentro de mim. Sei que é errado e que nunca poderei viver esse amor. Mas encontrá-lo de novo trouxe um novo ar para a minha vida, contudo ele nunca sentiu nada por mim porque sempre fui sua amiga; e, além disso, tinha você, que eu amava e me fazia feliz. Durante anos me culpei por você ter morrido, achava que era um castigo de Deus devido a gostar de dois homens. Se minha mãe soubesse teria me espancado por dias. Você sempre foi tão bom, mas meu coração se dividiu em dois; eu os amava e os queria comigo. E, então, você se foi. Não achei justo continuar vivendo e muitas vezes tentei dar um fim a minha angústia. — Dei uma pausa lembrando aqueles primeiros meses sombrios que eu só pensava em seguir junto com Bernardo. — Porém, não consegui, pois queria, mais uma vez, poder ver os olhos negros que me assombraram todos os dias desde quando nos conhecemos. Queria ser uma pessoa normal, ter amado apenas um. Na verdade, se fosse pensar, eu não saberia quem escolher. Ninguém ficou sabendo do que havia dentro de mim, tirando os meus terapeutas, e continuará assim, porque levarei esse segredo para o túmulo. Eu já dei meu adeus, amor. Agora eu irei viver.

Levantei-me dali e coloquei as rosas que havia trazido de casa, uma em cada sepultura. Abaixei a cabeça e caminhei devagar para longe de toda a tristeza que meu amor pelo Bernardo se transformou até que esbarrei em alguém. Quando levantei a cabeça para me desculpar, dei de cara com dois olhos negros que me fitavam tristes e melancólicos.

— E quem disse que eu não te amei?

Capítulo 7

*Você diz não saber
O que houve de errado
E o meu erro foi crer que estar ao seu lado, bastaria
Ah meu Deus era tudo o que eu queria
Eu dizia o seu nome
Não, me abandone jamais.
(Meu erro – Os Paralamas do Sucesso)*

Deco

Em minha vida eu tive poucos amigos, nunca consegui me ligar a ninguém por medo de eles me abandonarem no dia seguinte. E foi o que aconteceu: primeiro Bernardo e depois Joana.

Mais um ano se passou sem que eu a tivesse de volta em minha vida. Decidi não procurá-la, mas perdi a luta interna. Consegui o endereço do seu apartamento e também de onde trabalhava. Muitas vezes fiquei escondido, vendo-a com as crianças. Sua interação com os pequenos era a coisa mais linda do mundo e me fez pensar em coisas que seriam impossíveis. Jô havia mudado muito ao longo desse ano, sua recuperação era inegável. Tanto que já estava seguindo com sua vida.

Em uma das minhas espionagens a vi com um homem moreno e alto, que parecia um colega de trabalho. Eles não se tocavam nem nada, mas dentro de mim eu sabia que eles tinham algum relacionamento. E aquilo me feriu mais do que eu gostaria de admitir. Por mais que eu me criticasse quanto aos meus sentimentos, não podia evitar que meu coração batesse mais forte quando eu a via, ou somente pensava nela. Desconfiava que Letícia soubesse dessa minha obsessão, porém nunca se pronunciou a respeito. Eu ficava envergonhado porque, quando estava com ela intimamente, só vinha à minha mente uma morena de olhos verdes, e só assim conseguia ter prazer, coisa recorrente desde o dia que a vi pela primeira vez.

E por causa dessa minha falha, cedi aos apelos da minha namorada para que déssemos o próximo passo. Noivamos e marcamos o casamento, em três semanas realizaríamos a cerimônia dos sonhos de qualquer garota. E para isso acontecer, tive que voltar à minha cidade para pegar meus documentos no orfanato que vivi metade da minha vida. Quando dei por mim, estava estacionado em frente ao cemitério que estava enterrado o meu melhor amigo.

Fechei os olhos e respirei profundamente, fazia um ano que não visitava seu túmulo, a última vez que vim, foi para contar que havia reencontrado Joana. E não voltei mais, me sentia um traidor por querer, desejar e amar a mulher que havia sido dele.

Desci do carro e o tranquei, caminhei devagar olhando as árvores e as lápides enfeitadas com flores. Algumas pessoas estavam por ali se despedindo ou apenas visitando amigos e entes queridos que já tinham partido. Ao chegar ao lugar correto, avistei uma figura ajoelhada na grama e reconheci minha Joana.

Ela estava vestindo uma calça preta e uma regata branca, não consegui ver direito, pois seus longos cabelos cacheados me impediam de ver os detalhes. Aproximei-me com a intenção de falar com ela quando sua voz suave invadiu meus ouvidos e meu nome em seus lábios me chamou a atenção.

Joana se desculpava com Bernardo por me amar e dizia que seus sentimentos não eram correspondidos. Culpava-se por sua morte e, principalmente, por ficar grata que eu estivesse vivo. Quando ela se levantou, virou-se e trombou em mim, olhei em seus olhos e não pude evitar de perguntar.

— E quem disse que eu não te amei?

Ela arregalou os olhos, surpresa por me encontrar ali. Provavelmente o cemitério seria o último lugar que gostaria de me ver.

— Então, Jô? Vai fingir que não estou aqui, vai continuar negando o que sente? — Ela piscou aquelas duas esmeraldas brilhantes e pareceu acordar de um sonho. Ou quem sabe de um pesadelo?

— O que você está fazendo aqui, André?

— Eu venho todos os anos visitar o túmulo do Bê! E não fuja da minha pergunta. Quem disse a você que não te amei? — Joana olhava para os lados como se procurasse um lugar para fugir, se esconder.

— Você não entendeu o que eu quis dizer. Eu estava grata por não perder meu amigo. Não é como você está pensando... — Sua voz falhou um tom e percebi sua respiração rápida, podia apostar que seu coração batia descompassado. O meu estava tão acelerado que tinha medo de uma arritmia cardíaca.

Aquelas palavras foram como uma faca sendo fincada em meu peito. Desde o primeiro momento que a vi cercada de garotos inconvenientes senti em mim a necessidade de protegê-la, de amar cada fio de cabelo, tocar cada pedaço de pele morena. E quando dei por mim Joana já estava apaixonada pelo meu melhor amigo e ele por ela. Já era tarde demais e me conformei com o papel de companheiro, vivi um amor platônico por sete anos. Mas não dessa vez, eu exigiria respostas. E não me satisfaria com nada menos que isso.

Peguei em seus ombros delicados e aproximei seu corpo do meu, imediatamente me arrependi desse ato, pois o calor de Joana era como um entorpecente em minha pele.

— Diz pra mim Jô, não foge de novo. Quando isso aconteceu, quando você percebeu que me amava?

Sei que estava quase implorando e não me envergonhava, meu coração estava cansado de esperar. Ela estava desesperada e eu quase senti pena, mas precisava daquela resposta quase como do ar para respirar.

— O que você quer que eu diga, Deco? Quer eu fale o quanto me sinto culpada por Bernardo ter morrido e eu ainda estar aqui, além de dar graças a Deus por você estar vivo? Que se você tivesse ido em seu lugar, não sei se aguentaria viver? Que talvez eu não amasse o Bê como imaginava, que talvez o homem que sempre amei foi você? É isso que quer ouvir? Pois bem, essa é a maldita verdade em meu coração. Eu não amei Bernardo como deveria, não como ele me amava e merecia ser correspondido. E todos os dias nesses sete anos me lamento por isso. — Joana não falava mais, em meio às lágrimas ela gritava toda aquela verdade na minha cara.

Eu não podia acreditar. Se o que ela dizia era verdade, e realmente era, eu não errei sozinho. Eu não traí a memória do meu amigo em vão. Era correspondido em meus sentimentos loucos e não sabia.

— E por que não disse nada? Por que depois daquele beijo no chuveiro, você agiu como se fosse errado e repulsivo? — Meu peito subia e descia tamanho era o esforço para esperar, além de ouvir, tudo o que tinha para me dizer e não assaltar sua boca como era minha vontade.

— Porque era errado! Eu era noiva do seu melhor amigo, *nós* éramos melhores amigos. — Num fio de voz Joana disse a última parte olhando em meus olhos tão intensamente que senti um frio enorme na barriga.

— E mesmo sentindo aquilo tudo, você iria se casar com ele? Iria subir ao altar e dizer que o amaria na alegria e na tristeza?

Naquele momento eu não sabia mais o que queria ouvir, eu estava comprometido com Letícia, não podia cobrar uma coisa que não aconteceu e que já havia se passado tanto tempo. Mas eu precisava saber, pois aquela pergunta sempre atormentou minha vida, meus sonhos e meus sentimentos. Precisava ter a certeza se tudo que passei com sua ausência tinha algum motivo, se não o desprezo e o castigo por amar alguém que não me pertencia.

Capítulo 8

*Devia ter amado mais
Ter chorado mais
Ter visto o sol nascer
Devia ter arriscado mais e até errado mais
Ter feito o que eu queria fazer
(Epitáfio – Titãs)*

Joana

Existem momentos em que queria voltar no tempo. Recuperar alguma oportunidade perdida, refazer uma escolha que pode ter sido errada, retirar alguma mágoa cometida e retificar certas palavras...

Meu coração estava tão acelerado que fiquei com medo de passar mal. André me olhava esperando uma resposta que eu nunca havia parado pra pensar. O que dizer depois de tudo que despejei? Depois de admitir a ele algo que poucas pessoas sabiam?

— Eu não sei, Deco! Eu estava confusa e me sentia uma traidora, ainda sinto. — Minha voz não passava de um sussurro.

— E agora, Joana? Se fosse agora?

Fechei meus olhos em busca do que dizer, qualquer coisa que fizesse sentido e percebi que muito tempo havia se passado, muitas coisas mudaram. Eu ainda estava em recuperação de anos de solidão e tristeza. Será que revirar o passado fazia sentido?

— O que importa, André? Você é comprometido, não é mais o cara que conheci e amei. O que essa resposta mudará em nossas vidas?

Ele me encarava e mordia os lábios carnudos fazendo-me lembrar do beijo que demos no passado e me perguntei: “Em quantas bocas ele beijou, será que teria o mesmo gosto?”.

— Eu preciso saber, Jô! Por favor, não me negue isso. Esses anos que passei sem você tem que valer alguma coisa, afinal.

Respirei fundo e resolvi abrir meu coração, afinal, eu não tinha muito a perder. E se fosse ser

sincera comigo mesma, aquela verdade tinha que sair, pois era o último fantasma que precisava exorcizar.

— Mesmo te amando tanto, eu teria me casado com ele sim. Para mim você só me queria como amiga, porque aquele dia no chuveiro não significou nada, e que somente eu fazia o papel de idiota por amar alguém que não me queria.

André tinha os olhos negros brilhantes e marejados, mas eu não mentiria. Se não fosse o acidente que matou Bernardo, eu teria me casado com ele. Suas mãos grandes envolveram meu rosto e ele se aproximou colando sua testa na minha.

— E por que tínhamos que sofrer tanto? Por que sua resposta, mesmo não sendo ao meu favor, me faz amá-la ainda mais? — Seu hálito quente e mentolado soprava em meus lábios e eu ansiava para sentir seu gosto novamente.

— Porque você nunca assumiu o que sentia pelo mesmo motivo que eu: por amor ao Bê.

André assentiu e fechou os olhos.

— Mas ele está morto agora, Jô!

— E você está noivo! — Dizer aquilo me fez mal, mesmo eu não tendo direito algum de sofrer não foi fácil, pois pelo que percebi André queria uma nova chance, um novo começo. Porém, agora ele não era desimpedido e me doeu demais ter, mais uma vez, meu amor perdido. Ele pareceu perceber a dor em minha voz e abriu os olhos assustado. Em seguida, afastou-se e colocou as mãos nos bolsos da calça jeans.

— Eu sei, desculpa pelo descontrole, Jô! Não vai acontecer de novo.

Fiquei frustrada e ao mesmo tempo aliviada. Balancei a cabeça e tentei sorrir mesmo que meu coração estivesse quebrado em mil pedaços. Além de ter voltado para ver o túmulo do Bernardo, encontrei o homem que deveria ter sido meu desde a primeira troca de olhares, mas por uma brincadeira do destino ficamos tantos anos nos amando em segredo e sofrendo pelo mesmo motivo.

— Bom, eu vou embora. Preciso ir à casa dos meus pais antes de partir.

Deco arqueou uma sobrancelha, me olhando curioso. Mordia o lábio inferior demonstrando o quanto estava incomodado com aquela situação. Bem, éramos dois.

— Por que você vai lá depois de tanto tempo?

— Eu preciso resolver meu passado para que possa ter um futuro.

Ele abaixou a cabeça parecendo magoado com o que eu disse. Respirou fundo e levantou os olhos — ainda de cabeça baixa — fixando-os nos meus.

— Hum, e eu me incluo nesse passado que você precisa resolver?

Sorri, achando graça. Não tinha maneira alguma que pudesse “resolver” algo vindo dele, porque passei os últimos sete anos da minha vida tentando e não consegui. Levantei minha mão e envolvi sua bochecha, acariciando seu rosto com o polegar.

— Não, Deco! Você faz parte de mim..

Seus olhos se fecharam e ele virou-se de costas para mim fazendo com que minha mão caísse do seu rosto. Comprimi os lábios pensando que a vida não era nem um pouco justa comigo. Estava um pouco farta de só querer. Aquela tristeza ameaçava me invadir, mas não a deixaria tomar conta de mim, precisava ser forte e seguir com a minha vida.

— Você vai sozinha? — Olhei para suas costas largas, coberta pela camisa polo preta e suspirei.

— Sim! — Afinal, eu não tinha mais ninguém.

Ele se virou e me encarou, toda a vulnerabilidade que tinha antes em seu rosto tinha ido embora ficando apenas a face do amigo que me acompanhou desde os quinze anos, ali não estava mais o Deco apaixonado. Agora eu tinha à minha frente o André que eu não via há um ano e que não conhecia mais, o cara comprometido que estava prestes a se casar.

— Eu vou com você, não tem que enfrentá-los sozinha. — Virou-se e caminhou até onde minutos atrás eu estava ajoelhada. Meu coração parecia não se decidir se parava de bater ou se corria como um louco.

— Não precisa se incomodar Deco, tenho certeza que tem coisa melhor pra fazer.

— Não, só preciso passar num lugar. Mas tenho o dia todo pra isso.

Engoli em seco e assenti, afinal estava nervosa por mais esse exorcismo do passado. O deixei para que tivesse seu tempo com Bernardo. Já havia me despedido e precisava seguir em frente, mas voltaria mais vezes. Por mais que não tivesse amado Bê como deveria e ele merecia, eu o amei muito. Nosso tempo juntos foi maravilhoso e se não tivesse acontecido aquela fatalidade teria me casado com ele e seria feliz. Não me julgue por amar os dois. Que mulher tem a sorte de encontrar em dois caras lindos, os melhores amigos e seu coração bater tão rápido em suas presenças que simplesmente não pode esquecer? Eu afoguei o que sentia pelo André por tanto tempo que cheguei a um estágio que havia me acostumado com a ideia de não poder tê-lo. Nunca!

— Vamos?

Dei um pulo de susto com a sua voz grave tão perto de mim, seu calor podia ser sentido mesmo estando distante. Assenti e destravei o meu carro.

— Eu vou à frente, ok?

Ele concordou com um aceno e sorriu de leve. Manobrei para que passasse na frente da *Ranger* do André. Ali dentro pude respirar mais tranquilamente, a presença do meu amigo trazia lembranças felizes e dolorosas. Pelo retrovisor podia vê-lo me seguindo e meu coração estava apertado. A casa dos meus pais não ficava muito longe. Na verdade, a cidade era pequena e tudo muito perto.

Parei o carro em frente ao jardim, não pretendia estacionar na garagem, pois não queria demorar. Vi André parando logo atrás do meu carro e descer e, em seguida, andou até mim e entrelaçou seus dedos nos meus. Eu não olhei pra ele, mas sabia o que ele fazia. Era muito difícil estar ali depois de tanto tempo, ainda mais quando saí e jurei nunca voltar.

Caminhamos lentamente pelo caminho de pedras ladeado por um gramado impecável enfeitado com flores de várias cores e tipos, esse era o orgulho do meu pai. Ele mesmo cuidava das flores enquanto minha mãe se mantinha a mesma mulher mesquinha de sempre, somente olhando para o próprio umbigo. De repente, a porta se abriu e meu coração acelerou ao ver meu pai saindo vestido casualmente. Ele parou com a mão na maçaneta da porta quando nos viu. Franziu a testa e sua boca se abriu.

— Joana?

Meu pai era um homem muito bonito. Alto, forte, olhos castanhos, pele morena e sem nenhuma imperfeição. Meus olhos verdes e cabelos caramelado vinham da herança genética da minha mãe, que era loira.

— Sim, pai. Quanto tempo, não?

Ele assentiu e baixou os olhos olhando curioso para meus dedos entrelaçados com os do Deco. Fiquei envergonhada e tentei soltar sua mão, mas meu amigo apertou-a demonstrando que não se importava com a exposição.

— Verdade. André também, porque há anos não vem procurar saber de Joana. — Olhei para ele, que assentiu e corou envergonhado. Eu iria querer saber disso mais tarde.

— Mamãe está em casa?

— Sim, vamos entrar.

Meu pai virou-se e entrou nos dando passagem e gritando por minha mãe, em seguida. Dirigimo-nos até a sala e sentamos no sofá com nossas mãos ainda unidas. Deco fazia círculos com o dedo em minha pele, causando um misto de excitação e timidez. Quando minha mãe pisou na sala, sorrindo para o meu pai, e me viu ali, seu sorriso lindo morreu e seus olhos verdes se estreitaram. Eu não sabia o motivo de tanto desprezo por parte dela. Meu pai sempre foi um cara sem sentimentos extremos, mas sentia que gostava de mim. Mas ela sempre me tratou friamente.

— O que está fazendo aqui, Joana?

Aquelas palavras foram como adagas sendo fincadas em minha pele. Mas eu precisava extravasar toda a mágoa que havia dentro de mim. Soltei a mão do Deco e me levantei dando alguns passos até parar na frente dos dois.

— O que eu fiz para vocês? Sério? Por que decidiram ter um filho, se não tinham a capacidade de amar e cuidar como todo pai e mãe deveriam fazer? Qual foi meu pecado para merecer tanta frieza e desprezo? — Meu pai me olhava assustado e mamãe com sua indiferença tão característica. — Passei minha vida tentando agradá-los, ser a filha exemplar para no final vocês passarem sete malditos anos sem se preocuparem em saber se eu estava viva. Nunca me apoiaram em nada. Na verdade, torceram para que meu casamento não desse certo. — Sorri amargamente. — E, aliás, não deu, porque o noivo morreu antes que pudesse chegar à igreja. Eu só queria saber como duas pessoas que se amam e são felizes, à sua maneira, não podem amar o fruto desse relacionamento. É simplesmente estranho. Eu não vim atrás de desculpas. Só precisava desabafar toda essa merda que há em mim.

Senti André atrás de mim e ele colocou suas mãos grandes nos meus ombros, me dando o apoio que necessitava. Agradei-o mentalmente e aguardei que dissessem alguma coisa. Qualquer coisa... Mas eu devia prever que nada viria dos dois. Papai se mantinha de cabeça baixa com o braço em volta do ombro da minha mãe. Ela me olhava com tanto desdém que não aguentei mais. Fui andando até a porta com toda a dignidade que aprendi a ter nesse último ano, para nunca mais voltar, mas antes de ir me virei e olhei para eles.

— Espero que estejam felizes, pois conseguiram arruinar minha vida por muito tempo. Mas não mais, minha felicidade não depende da aprovação de vocês. Enfim, me livrei do cordão umbilical. Fiquem bem!

Corri antes que as lágrimas que ameaçavam cair derramassem livremente, engoli em seco e me recusei a chorar por eles novamente. Não mereciam minhas lágrimas e não daria esse gostinho pra eles. Encostei as mãos no capô do carro e abaixei a cabeça entre os meus braços. Fechei os olhos e respirei profundamente, braços fortes envolveram minha cintura e André deu um beijo em meu pescoço.

— Vem, Jô! Vamos sair daqui.

Assenti e abri a porta do carro. André foi para o seu 4x4 e deixei-o liderar o caminho. Quando dei por mim estávamos no parque da cidade, meu coração deu um solavanco quando desci do carro. André chegou até mim com as mãos nos bolsos da calça e olhou para mim.

— Nada do que dissessem mudaria os anos de desprezo que sofreu, Jô. Não fique triste, eles não merecem.

Sorri para ele e olhei em volta, as pessoas que estavam por ali eram famílias felizes, vivendo plenamente, sempre seguindo em frente, renovando suas alegrias e deixando que o vento levasse embora as tristezas. A vida é assim, por mais que doa, e algo nos magoe ao ponto de ficarmos marcados para sempre, temos que seguir em frente, renovar as lembranças, amar outros amores.

— Não foi por isso que fui lá, eu precisava dizer tudo que ficou engasgado em minha garganta por tanto tempo. Não quero mais nada deles.

André pegou meus ombros e virou-me. Eu não sabia que o que ele diria mudaria tanto a minha vida.

— Desde o primeiro dia que vi você, eu me apaixonei. Percebi que meu coração amaria somente uma mulher e não me enganei. Pelo tempo que ele bater em mim, não haverá um mísero espaço para outra pessoa. Você é a mulher mais incrível que eu conheci em toda a minha vida. Quando você foi embora sem deixar rastros, eu enlouqueci. E que ironia do destino te colocar tão perto de mim. — Sorriu tristemente olhando em meus olhos sem desviar a atenção. — Se eles não podem reconhecer a joia que você é, Joana, não merecem ser seus pais. Acho que, na verdade, é preferível ser órfão como eu a ter pais como eles. Não merecem o dom que é criar uma vida.

Eu não sabia o que dizer e engoli em seco. Quando olhei em seus olhos negros havia tanta intensidade em seu olhar, que eu desejei que tudo pudesse ser diferente e pudéssemos viver esse amor.

— Você lembra quando fizemos piquenique aqui junto com o Bê? E ele dormiu de tanto comer, e

ficamos conversando até as estrelas aparecerem no céu? — Assenti, me lembrando exatamente de que dia ele falava, pois me lembrava de cada detalhe da nossa vida juntos. — Naquele dia eu iria te contar o meu amor, mas, então, você abaixou os olhos e acariciou o seu rosto. Senti ali que se eu a tirasse dele, meu amigo não suportaria. Bernardo te amava tanto! E eu, por amar os dois, mais uma vez, sufoquei o amor que sentia por você.

Olhei em seus olhos e percebi que o destino tinha sido muito “brincalhão” conosco. Por nos amar mutuamente, não vivemos um sentimento tão sublime como deveria ter sido.

Capítulo 9

*Eu quero uma lua plena
Eu quero sentir a noite
Eu quero olhar as luzes,
Que teus olhos não me têm deixado ver.
(Uma louca tempestade – Ana Carolina)*

Deco

Depois de ouvi-la dizendo o que sentia para os seus pais, meu coração se apertou e precisei dizer algo àqueles dois, porque não conheciam a mulher maravilhosa que tinham como filha.

— Sinceramente, não tenho ideia de como dois egoístas como vocês puderam fazer uma mulher tão extraordinária como a Joana. Mas, na verdade, quem coloca uma criança no mundo não quer dizer que os ama, eu nasci de uma drogada que me abandonou quando eu não tinha idade o suficiente para me lembrar dela. E quer saber? Foi muito melhor do que ter uma vida ao seu lado. Mantenham-se longe dela. Já a fizeram sofrer demais.

Saí dali pronto para aliviar o fardo que Joana carregava, nem que fosse uma pequena parte, ela não tinha mais ninguém. Ser rejeitado por uma mãe drogada não foi fácil, mas com o passar dos anos percebi que talvez tenha sido melhor para mim. Não que tenha diminuído minha raiva para com ela, mas me fez entender que nem todos estão prontos para ser pais, porém me perguntava: “Pra que colocar uma criança no mundo se você não pode amar e cuidar dela como merece e deve ser feito?”.

Ver Joana daquela maneira me dilacerava o coração. Já não bastavam os anos de sofrimento que teve que enfrentar? Estava na hora de algo bom acontecer em sua vida. Talvez não fosse para eu fazer parte dos seus dias, mas eu teria certeza que minha amiga seria feliz. Depois de chamá-la para o nosso parque, não pude me conter e despejei tudo que aconteceu comigo desde a primeira vez que pus meus olhos sobre seu rosto lindo.

Achei que assim ela entenderia o quanto era especial e importante em minha vida, mas seu semblante se entristeceu ainda mais. Me aproximei e levantei seu queixo olhando em seus olhos.

— Eu vou te amar até dar o meu último suspiro, Joana.

— Mesmo se não pudermos ficar juntos?

Senti meus olhos ardendo com lágrimas que ameaçavam surgir, sabia a que ela se referia. Passamos tanto tempo sem podermos desfrutar o amor que tínhamos um pelo outro, sufocando-o e se negando a vivê-lo, que ele não sabia se era para ficarmos juntos realmente. E ainda tinha Letícia...

— Mesmo assim. Eu te entreguei meu coração e ele é só seu.

Joana se afastou e cruzou os braços, observando as pessoas que por ali passeavam. Quando se virou tinha um sorriso triste e saudoso em seu rosto.

— Eu vou embora! Me procura, sim? Quero retomar nossa amizade, nem que seja o que sobrou dela.

Observei-a se afastando e só queria arrebatá-la em meus braços e beijar seus lábios carnudos por tanto tempo que respirar seria a última coisa que nos preocuparíamos. Mas sabia que não poderia ser assim, não enquanto minha vida estava tão complicada. A ironia do destino era que eu sonhava que, quando Joana se declarasse, esse momento seria épico. Mesmo sabendo que era errado pelo fato dela ser noiva do meu melhor amigo, sonhar não é pecado! E agora que finalmente ela havia feito o que desejei... eu estava impossibilitado de desfrutar desse amor.

Mas uma centelha de esperança brotou em meu peito ao saber que ela me queria por perto. Mesmo sendo como seu amigo, eu desfrutaria de qualquer coisa que pudesse ter dela.

Entrei em minha *Ranger* e saí do parque. Parei no orfanato a fim de pegar alguns documentos que precisaria para o casamento e fiquei observando as crianças brincando no pátio. Depois que foi reformado e a direção mudou, o lugar ficou agradável, dando às crianças uma chance de crescerem saudáveis e sem violência de qualquer tipo em suas vidas. Não gostava de lembrar os anos que passei ali e fui embora imediatamente.

Quando denunciei o abuso que sofria, era muito tarde para qualquer coisa ser feita para o meu caso. Mas abriram um inquérito e investigaram a diretora da instituição. E, por fim, descobriram coisas hediondas as quais ela respondia até hoje.

Cheguei em meu apartamento e imediatamente percebi que Letícia estava presente. Sua bolsa se encontrava no sofá e uma música suave vinha da cozinha. Sorri e fui ao seu encontro. Esperava que ao vê-la ali meu coração disparasse e que meus olhos não vissem mais nada ao redor a não ser ela, que minhas mãos suassem e que em minha mente não houvesse mais ninguém. Só que não era o caso. Todas essas reações pertenciam a apenas uma pessoa e admitir aquilo, mesmo sendo pra mim mesmo, me encheu de culpa e a única coisa que fiz para amenizar tudo foi tratá-la com tanto carinho quanto ela merecia.

Abracei-a por trás e aspirei seu cheiro adocicado. Não era o certo, não era o que meu corpo clamava. Mas fechei meus olhos forçando meus pensamentos pararem de se arrastar de volta onde não deviam.

— Oi, amor. Senti sua falta, demorou. — Letícia não sabia que eu era órfão, que havia sido abandonado. Só disse que iria ao cartório pegar os documentos necessários, não saberia dizer por que nunca mencionei a ela esse fato. Na verdade, só me sentia à vontade para falar isso com Joana.

A culpa me corroeu, fechei os olhos e tratei de não denunciar no timbre da minha voz o quanto tudo aquilo me deixava desconfortável e o quanto meu coração achava errado.

— Eu fui visitar o túmulo do Bernardo e esbarrei com Joana. Ficamos conversando um pouco.

Ela arqueou as sobrancelhas e por um minuto vi um *flash* de ciúmes em seu rosto. Por mais que ela fosse profissional quando o assunto era a Joana, eu percebia que isso a incomodava. Provavelmente por tudo que ela sabia sobre o que Jô sentia em relação a mim, não que ela comentasse, pois era muito profissional. E isso me causava muito desconforto.

— Hum, e ela está bem?

Suspirei pesadamente e a envolvi em meus braços. Assenti, mas não disse mais nada. Não gostava de falar de Joana com ela. Não era justo.

Passei a noite tenso e desconfortável, e Letícia percebeu, claro. Mas não pude evitar, minha mente vagava entre passado, presente e o que o futuro me reservava. Eu observava minha noiva assistindo televisão e me perguntava: “Por que não a amava como ela merecia? Por que meu coração não podia simplesmente esquecer o que eu não podia ter e pegar o que tinha?”. Ela era tão bonita, inteligente e carinhosa... Mas não era a minha morena de olhos verdes.

Fechei os olhos, incapaz de olhar pra ela por mais tempo, me sentia traindo-a por pensar em outra mulher. Levantei-me e percebi que me observava, mas não disse nada e fui para o banheiro tomar um banho frio e tentar relaxar o corpo. Coloquei a mão direita espalmada no azulejo deixando a água cair por meu pescoço e costas, encostei a cabeça no braço e me permiti pensar nela. Nunca em minha vida senti tanta vontade de ter alguém como aconteceu quando nos beijamos no chuveiro tantos anos atrás. E ainda desejava!

Assustei-me ao sentir um par de mãos em meu abdômen e um corpo macio se encostando ao meu. Não podia ficar pior do que já estava. Letícia levou as mãos até minha ereção rígida, mas eu não estava assim por ela e me senti sujo. Tentei me convencer a deixá-la me acariciar, porque era normal. Tínhamos dois anos de namoro e nossa intimidade já havia ultrapassado barreiras, porém, na verdade, não. A maior intimidade que uma pessoa pode ter com a outra é conhecer seus segredos e sentimentos mais profundos, e isso só pertencia a uma pessoa. Obriguei-me a abrir os olhos e a encarei. Letícia era linda demais e eu não a merecia.

— Eu estou um pouco cansado. — Sorri sem graça e pude ver a dor em seus olhos.

Ela sorriu e se afastou saindo do box. Senti-me um babaca total, mas não podia transar com ela enquanto em minha cabeça havia somente uma mulher.

Fechei o registro e caminhei até meu quarto com uma toalha em volta dos quadris. Abri a porta do guarda-roupa e me deparei comigo mesmo: um cara de vinte e oito anos, bem-sucedido, prestes a se casar com uma mulher maravilhosa e amava alguém que não devia.

Suspirei pesadamente e fechei a porta. Só poderia esperar e ver o que o destino iria resolver.

A semana começou atribulada, tinha muita coisa para decidir e precisava me concentrar, mas

não conseguia fazer nada. Só pensava no que Joana poderia estar fazendo.

Olhei para a tela do computador cheio de planilhas e pepinos para solucionar, na verdade não via absolutamente coisa alguma. Tranquei o maxilar e senti um músculo pulsando, tinha raiva de tudo que me levou a essa situação. Porém, meus olhos foram atraídos imediatamente para o celular que descansava silencioso em cima da mesa. Peguei-o sem pensar e procurei seu número, que eu havia descoberto depois que a reencontrei e enviei uma mensagem.

“O que você está fazendo?”

Alguns segundos se passaram e fiquei nervoso.

“Quem é?”

Droga, estava tão ansioso para falar com ela que esqueci de me identificar.

“Desculpa, esqueci que você não tinha meu número... Deco. ;)”

Sorri ao mandar uma carinha sorridente, não era muito de fazer essas coisas.

“Oh... Bem, estou me preparando para ir pra escola. E você?”

Digitei rapidamente, tinha que aproveitar que ela estava falando, quer dizer escrevendo.

“Tentando trabalhar e não consigo... Pensando em você!”

Tamborilei os dedos na mesa aguardando a resposta. Caramba, eu parecia o mesmo adolescente idiota que esperava ela aparecer na porta da escola para que pudesse envolvê-la em meus braços.

“Deco, não começa. Você não pode terminar o que quer que esteja querendo começar.”

Senti um frio na espinha e fiquei angustiado, não queria perdê-la novamente.

“Por que não posso?”

“Você é noivo, acha que esqueci?”

Droga! Na verdade, era *eu* que me esquecia constantemente.

“Não, eu sei. É só que eu preciso te ver, Jô. Ou vou enlouquecer de vez.”

E não estava mentindo!

“Ha-ha-ha, a louca deprimida aqui sou eu. Mas, enfim, eu vou sair um pouco mais cedo hoje. Quer me pegar na escola?”

Sem dúvida, não perderia a chance de vê-la.

“Com certeza!”

Ela demorou um pouco mais a responder, devia estar a caminho da escola já.

“Ok, te vejo lá, às 16h. :D S2”

“Até.”

Meu coração batia descontroladamente e olhei as horas marcando na tela do computador. Droga, a manhã mal havia começado. Mas, com certeza, eu enlouqueceria até chegar o horário que, enfim, a veria.

Nunca um dia foi tão entediante e longo. Quando deu 15h30 saí do escritório e corri para o meu carro, parei em frente à escola que Joana trabalhava e andei até a entrada. Logo a vi saindo olhando para mim com um sorriso lindo em seu rosto moreno. Até que uma menininha puxou sua mão. Joana virou-se, com sua expressão doce, e abaixou-se para falar com a garotinha. Elas conversaram por algum tempo e Jô a beijou na testa, e a pequena se afastou saltitando.

Naquele momento percebi que se meu coração já não tivesse sido tomado teria se perdido ali, na porta de uma escola infantil, quando a mulher mais linda que já havia visto era tão doce que simplesmente poderia prová-la por todos os meus malditos dias.

Mas a realidade era outra, completamente diferente.

Capítulo 10

*Amar não é ter que ter sempre certeza
É aceitar que ninguém é perfeito pra ninguém
É poder ser você mesmo e não precisar fingir
É tentar esquecer e não conseguir fugir, fugir...
(O que eu também não entendo – Jota Quest)*

Joana

Estava sentindo um frio na barriga desde o momento que recebi sua mensagem de texto. Meu coração acelerava a cada volta que o relógio dava e quando deu a hora de ir embora, recolhi minhas coisas rapidamente, despedi-me das crianças e deixei-as aos cuidados da outra professora. Saí da escola e o vi parado ao lado da sua *Ranger*, sorrindo lindamente com aqueles olhos negros fixos em mim, e não pude deixar de retribuir seu sorriso. Era contagiante, sempre fora dessa maneira.

— Tia Jô...

A pequena Samantha puxou minha mão e me abaixei para falar com ela.

— Sim, minha linda? — Sorri e acariciei seu rostinho rosado.

— *Manhã* posso trazer minha *muneca*?

— Claro, princesa! Vou adorar conhecer sua bonequinha.

— Obaaa! — Seus bracinhos gordinhos envolveram meu pescoço e logo se afastou saltitando pelo corredor.

Ser criança é tão fácil, coisas simples as fazem felizes e amar é natural. Levantei-me para encarar o cara que eu mais amei no mundo. André tinha uma expressão intensa em seu rosto, parecia... encantado.

— Oi! — Aproximou-se e deu um beijo em minha bochecha, ficando mais tempo que o necessário.

— Oi, Deco! — Sorri levemente e voltei meu olhar pra ele. — Então, pra onde vamos?

Ele se afastou sorrindo, lembrando muito o garoto que conheci e que roubou meu coração e

minha alma.

— O que acha de uma lanchonete com *fast-food* bem gorduroso e depois andarmos sem destino?

— Gostei!

Ele assentiu e olhou em volta.

— Não veio de carro?

— Hoje não, estava no humor de andar.

— Perfeito, assim posso tê-la mais tempo perto de mim.

Engoli em seco e abaixei a cabeça, me sentindo um pouco envergonhada. Senti sua mão em minhas costas e Deco abriu a porta do carro, acomodei-me e só assim olhei pra ele, que estava muito perto. Senti meu peito arder de tantos sentimentos em conflito. Será que era inteligente ficar tão perto dele assim? Parece que depois que admiti meu amor tudo se tornou muito real e palpável, talvez uma amizade não fosse possível.

Um sentimento de perda logo se instalou em meu peito e abaixei meus olhos novamente para que ele não percebesse minha angústia. Deco deu a volta e partimos para a lanchonete, porém, ele nem desconfiava da confusão que existia em mim.

Paramos em frente a uma lanchonete simples e andamos lado a lado como velhos amigos. Sentamos e fizemos nosso pedido. Até então, não havia conseguido olhar em seus olhos, não conseguia falar nada. Era como se algo bloqueasse minha garganta.

Decidi puxar conversa e olhei para cima. Deco me encarava. Deus, como eu amava aquele homem! Nossos olhos se conectaram e não era só isso, eram duas almas que clamavam pelo alívio da dor que sentiam por estarem separadas. Era triste e intenso. E deixei transparecer em meu olhar todo o amor que eu tinha por ele, seus lábios se entreabriram e pude sentir seu gosto em mim, daquela época que cometi o engano mais doce. Não podia desviar minha atenção, era muito mais que podia imaginar. Nossa ligação era simplesmente perfeita, mas nossos destinos seguiram caminhos separados. Não, não seria possível continuar nossa amizade aonde havia parado. Não depois de saber que meu amor havia sido correspondido por todos os anos que se passaram.

Nunca mais conseguiria olhar em seus olhos negros e intensos e ver meu amigo. Agora só enxergava o amor que nunca pude ter.

André aproximou sua mão da minha que estava em cima da mesa quando seu celular tocou. Ele fez uma careta se desculpando e atendeu. Quando percebi que era a Letícia, meu coração afundou. Como pude me esquecer dela? Deus, não aguentava mais estar ali. Levantei-me, encarando-o e saí da lanchonete antes mesmo do nosso pedido chegar, não podia ficar perto dele sabendo que depois eu ficaria sozinha e ele estaria nos braços de outra. Egoísta? Infantil? Pode ser, mas meu coração não dava a mínima, eu só precisava respirar novamente. Andei até a praça mais próxima e sentei-me num banquinho fechando os olhos. Meu coração estava em pedaços, acho que ele se iludiu por estar tão próximo da sua outra metade.

Sabia que não poderia fugir por muito tempo, logo teria que enfrentá-lo e dizer que não poderia

ficar ao seu lado... Não poderíamos nos ver mais. Deus, como doía!

— Por que saiu daquele jeito, Joana?

Sua voz soou logo atrás de onde eu estava sentada, virei-me e o encarei. Seu rosto estava sério e ele carregava dois pacotes de *fast-food* nas mãos. Seus lábios estavam pressionados numa linha fina, um músculo pulsava em seu maxilar forte. E seus olhos queimavam em mim.

— Eu não posso fazer isso, André. Não posso ficar ao seu lado sabendo que no fim do dia quem vai estar em seus braços é outra mulher e não eu.

Seus ombros caíram e ele se arrastou até se sentar ao meu lado. Sua proximidade me deixavam em alerta total.

— Não me afasta de novo, Jô. Eu preciso da sua presença na minha vida.

Olhei para ele com o coração sangrando.

— Você precisa de mim? E eu saber que estará com outra pessoa quando eu desejo ardentemente estar contigo? Você acha que mereço isso?

— Eu passei por isso quando você estava com o Bernardo. Acha que foi fácil?

Engoli em seco e olhei para o nada pensando no que ele sentiu ao me ver com Bernardo no tempo que ficamos juntos. Quando estava em casa e sabia o que estávamos fazendo no quarto. Todas as vezes que dormi no apartamento, quando decidimos ter um compromisso mais sério. Quão grande deve ter sido a dor do André? E eu aqui estava sendo egoísta por não aguentar ouvi-lo falar no telefone com sua noiva, a mulher que esteve pra ele quando eu não podia.

— Sinto muito, André! É que depois que eu lhe disse tudo, ficou mais real e intenso. Isso não irá se repetir.

Não ousei olhar pra ele naquele momento, mas sabia que seria inevitável. Olhava para meu colo quando um pacote de hambúrguer pousou sobre minhas pernas e eu sorri. Olhei pra ele, que me encarava com tanto carinho e admiração que meu coração se apertou.

Comemos em silêncio, estava começando a me incomodar quando ouvi um suspiro alto vindo de André. Olhei pra ele e sua expressão era de dor e angústia.

— Eu não sei o que fazer, Joana. Não sei o que você quer de mim. Estou confuso.

— Se você está pensando que eu vou pedir qualquer coisa pra você, pode esquecer. Eu não irei carregar a culpa de ter pedido a você para fazer alguém sofrer. Letícia é uma boa pessoa, eu não levarei essa culpa pra minha vida. Já tenho carga demais.

Ele me encarou com a testa franzida.

— Que culpa você carrega, Jô? Não foi você que bateu no carro e tirou a vida de uma família inteira. Você não tem culpa do Bernardo ter morrido.

Minha vontade era cobrir meus ouvidos com as mãos e não ter que escutar nada daquilo, mas sabia que não podia. A negação é um sintoma óbvio de que estava querendo me afundar na

depressão.

— Mas tenho culpa por não amá-lo como ele merecia. Por ficar grata de você estar vivo.

— Nós não escolhemos quem iremos amar, Jô. Simplesmente acontece! Você não deve se culpar por nada disso, foi tudo uma fatalidade.

Suspirei e olhei em seus olhos negros que sempre acalmaram meu coração tumultuado.

— No fundo eu sei disso, André. Mas não consigo tirar da minha cabeça as lembranças de quando Bê declarou seu amor por mim e eu não pude retribuir da maneira que ele merecia. Eu o amava sim, mas não tanto quanto sempre amei você. — Sorri amargamente. — É um pouco engraçado isso tudo. Eu te amava, você me amava e mesmo assim nunca admitimos um ao outro esse sentimento por respeito e carinho por uma pessoa.

— Ele sabia!

Virei minha cabeça em sua direção e arregalei os olhos. Meu estômago parecia um buraco sem fundo. Como assim, meu Deus?

— Como assim, o que você quer dizer?

Ele desviou o olhar e ficou mexendo no papel do hambúrguer em suas mãos.

— Uma noite, quando você foi embora do apartamento, eu estava sentado na sala assistindo televisão e você passou por mim para se despedir, dando-me um beijo no rosto, que demorou um pouco mais que o normal. Depois que saiu apressada, eu fiquei olhando para a porta por um bom tempo e Bernardo sentou-se ao meu lado. — Deco sorriu tristemente e seus olhos brilharam de lágrimas não derramadas. — O que ele disse, eu nunca vou me esquecer, parecia que ele sabia de alguma forma o que iria acontecer no futuro: *“Eu sei que você a ama e ela também sente o mesmo por você. Joana me ama o quanto ela consegue, mas seu coração foi entregue desde o minuto que nos conhecemos. Eu fui egoísta o bastante para tomar à frente e aproveitar que ela era frágil, enchi-a de carinho e assim conquistei o seu amor. Mas o engraçado de tudo é que não mandamos em absolutamente nada. Quando percebi que não poderia tê-la por inteiro me conformei em ter apenas uma pequena parte. Eu não os culpo, pois vocês são tão compatíveis. Eu não vou desistir dela, meu amigo, mas quero que cuide da minha menina depois”*. Ele se levantou e foi para o quarto. Tentei voltar o assunto, mas ele desconversou, disse que só queria que eu soubesse que ele sabia e não se importava.

Eu não sabia o que fazer com aquela informação. Meu coração estava tão acelerado que fiquei com medo de passar mal.

— O que isso quer dizer, André? Por que está me contando isso?

Ele riu e olhou pra mim com amor.

— Para nós, agora, não quer dizer nada, Joana. Só estou lhe contando para que não se sinta culpada por amar. Ele sabia, te amava mesmo assim e não se importava.

— E pediu para você cuidar de mim.

André assentiu, suspirou e olhou para as crianças que brincavam no parque.

— Eu teria, se você tivesse deixado.

A dor cortou em mim tão profunda que tive que fechar meus olhos. Se eu não tivesse deixado me levar pela tristeza e o remorso, tudo poderia ter sido diferente. Sete anos perdidos, e talvez não tivesse mais nada que pudéssemos fazer. Às vezes existem amores que não são feitos para estarem juntos.

— Jô, mas não vamos ficar pensando nisso, ok? Acabamos de nos reencontrar. Vamos viver um dia de cada vez e ver aonde tudo vai nos levar. Que tal começar tudo de novo?

Sorri e balancei a cabeça, coloquei um cacho dos meus cabelos atrás da orelha e virei a cabeça para encará-lo.

— Eu vou ser sua amiga, André. Estarei na sua vida enquanto você me quiser nela. Não vou te abandonar mais. Só não posso começar de novo, não tem mais a possibilidade de ser apenas sua amiga e esquecer dos meus reais sentimentos. Não me peça isso.

Ele fechou os olhos como se sentisse uma dor física. Eu conhecia aquilo. Sabia o que se passava por sua cabeça. Nossos corações não nos pertenciam para que pudéssemos domá-lo. Éramos um caso de desencontros do destino.

André suspirou e encostou a cabeça no banco de cimento. Olhou para o céu e virou-se para mim.

— Se eu não tivesse mais a Letícia em minha vida, você ficaria comigo? — Sua voz estava rouca, provavelmente cheia de sentimentos diversos guerreando dentro de si.

— Não vou responder a isso. É a mesma coisa que eu te pedir para terminar com ela, e não serei eu a tomar essa decisão.

Levantei-me incomodada com o rumo que a conversa estava tomando. Havíamos saído para conversar e retomarmos nossa amizade, mas pelo jeito isso seria impossível de acontecer.

— Obrigada pelo lanche e pela companhia. Te vejo por aí, preciso ir.

— Espera, eu te levo — disse levantando-se para me acompanhar.

Balancei a cabeça negando, não suportaria ficar com ele dentro de um carro por mais tempo.

— Eu vou andando, ainda é cedo e moro aqui perto. Até mais.

Virei-me para ir embora, e foi uma das coisas mais difíceis que fiz na vida. Deixá-lo ali, enquanto queria estar em sua vida cada minuto dos meus dias, foi uma prova que eu estava pronta para viver a minha vida. Independente de qualquer pessoa, eu viveria por mim mesma, mesmo carregando um amor que não poderia usufruir.

Capítulo 11

*Se você foi, vou te esperar
Com pensamento que só fica em você
Aquele dia, um algo mais
Algo que eu não poderia prever.
(O vento – Jota Quest)*

Deco

Quantas vezes você pode ter seu coração arrancado do peito?

Eu me perguntava isso constantemente desde o dia que percebi que não estava em meu destino ter Joana como minha mulher. Contentei-me com sua amizade, na verdade, me conformei. Quando vi a felicidade que Bernardo proporcionava a ela, eu preferi não interferir; e depois que o perdemos, ela me deixou, e sofri como um maldito. Tive alguns momentos de paz com Letícia, e esse era o maior motivo de não deixá-la. Tinha muita gratidão por aquela mulher que me fez sorrir um pouco.

Ver Joana se afastando de mim, mais uma vez, foi como se perdesse um enorme pedaço de mim. Desconfiava que eu a tinha perdido para sempre, não a teria em minha vida de maneira alguma. Mesmo ela afirmando que estaria ali para mim, sabia que por eu não fazer uma escolha a tinha decepcionado.

Cheguei em casa destruído, precisava me enfiar debaixo do chuveiro e dormir. De preferência sozinho, não queria conversar com ninguém. Dei graças a Deus por Letícia não ter ido para minha casa. Às vezes, ela gostava de fazer surpresas e aquele não era um bom dia.

Eu não saberia dizer quanto tempo fiquei debaixo d'água, meus dedos já estavam enrugados quando saí. Tentava com muita força segurar as lágrimas que queimavam em mim, mas se tornou impossível. Meu coração estava tão apertado e minha cabeça tão confusa que não pude segurar, soluços de saudade e tristeza escaparam de mim fazendo com que meu coração ficasse tão pequeno que parecia ter sido esmagado por um punho de ferro. Encostei a cabeça no vidro do box e deixei que toda a minha angústia se esvaísse do meu peito. Muito tempo se passou até que eu pudesse respirar novamente.

Quando, enfim, entrei em meu quarto levei um susto enorme. Letícia estava sentada em minha cama com a expressão séria e parecia bem chateada. Droga, não queria vê-la, porque a dor em mim

ainda estava muito fresca. E logo veio a culpa. Eu odiava essa merda!

— O que você está fazendo aqui, Letícia? Eu disse ao telefone que não estava bem. — Fui um pouco ríspido, mas não contava vê-la naquele estado deplorável que me encontrava.

Ela arqueou uma sobrancelha e levantou-se, se aproximou devagar com os olhos fixos nos meus. A raiva transbordava dos seus poros.

— Você não apareceu e nem me ligou, faz dias que não te vejo. Aonde acha que eu deveria estar? Aí eu chego aqui e você está chorando debaixo do chuveiro, estava tão ligado em sua dor que não me viu parada na porta do banheiro.

Engoli em seco e desviei o olhar. Ela estava chateada e com razão. Tinha menos de duas semanas para o nosso casamento e eu estava me distanciando cada vez mais.

— Sinto muito! Ando com a cabeça muito ocupada!

Letícia se aproximou e colocou as mãos espalmadas em meu peito. Normalmente eu sentiria alguma coisa, um comichão de desejo, qualquer coisa que incitasse minha vontade de estar com ela. Agora eu sentia somente desconforto.

— Ocupada com o quê, André? Com o casamento é que não é, pois você nem mesmo consegue me olhar nos olhos. — Pegou em meu queixo, virando meu rosto para ela. — O que está acontecendo?

Meu corpo estava tenso e meu coração batia descompassado. Eu faria isso mesmo? Era o certo a fazer? Olhei para Letícia, *realmente* a vi e percebi que sim. Mesmo que eu e Joana não tivéssemos mais nenhuma chance, pois muitas coisas já haviam se passado, eu não poderia ficar com uma mulher pensando em outra. Por ela eu só tinha amizade e companheirismo, não tesão e amor.

— Eu não posso mais, Lê!

Letícia fechou os olhos e sorriu tristemente. Parecia que sabia que isso estava por vir e tinha se preparado. Uma lágrima solitária escorreu por seu rosto e, quando ela me encarou novamente, eu vi apenas aceitação por aquilo que era inevitável.

— Eu previ isso, sabe? Desde o dia que você reencontrou a sua Joana percebi que havia te perdido. Por um ano você apenas aceitou o que lhe propus. Eu estava tão desesperada para te ter de volta que forcei a barra. Mesmo sabendo que seu coração nunca me pertenceu. Quando eu comecei a tratá-la, eu não tinha ideia de que era o seu amor de adolescência, mesmo porque você sempre se referia a ela como Jô. Mas o fato é que eu sou culpada de termos chegado a esse ponto. — Soltei meu queixo e se afastou, desviando seu olhar do meu. — Se eu tivesse te deixado livre, hoje eu não estaria tão destruída. Sempre soube que você era um cara íntegro que não fugiria do compromisso que firmou comigo e me aproveitei disso. Sinto muito que tenhamos chegado a isso, André. Sinto mesmo.

Respirei fundo e senti como se um peso tivesse sido tirado dos meus ombros, mas ao mesmo tempo me senti culpado por ter deixado tudo chegar a esse estágio. Pra começar não devia ter me relacionado com ela sabendo que meu coração nunca teria espaço para outra pessoa.

— Eu sinto muito de verdade, Letícia. Não gostaria que tivesse chegado a isso, queria muito poder te amar como você merece.

Ela fechou os olhos como se minhas palavras doessem, respirou fundo, sorriu e me encarou.

— Tá tudo bem, eu vou ficar bem. Vou cancelar tudo e mando alguém vir buscar minhas coisas. Você pode deixar separado pra mim?

— Claro!

Ela assentiu, engolindo em seco e aproximou-se, deu-me um abraço apertado e foi embora sem olhar para trás. Fiquei parado no meio do quarto com uma toalha em volta da minha cintura olhando para onde ela tinha desaparecido. Meu senso de honestidade estava aliviado por ter feito o certo, mas a culpa por ter levado aquele relacionamento a esse patamar me corroía.

Sentei-me na beirada da cama e apoiei os braços em meus joelhos. Abaixei a cabeça entre minhas mãos olhando para o chão de madeira, tentando organizar meus pensamentos. E agora? Será que devia procurar Joana? Não! Não era assim que queria que alguma coisa acontecesse entre nós, teria que ser algo natural, como tudo sempre foi conosco.

Levantei-me e peguei meu celular para enviar uma mensagem a ela, não diria muitas coisas. Apenas uma promessa, uma expectativa.

“Eu não desisti de você, me espere!”

Apertei enviar e fiquei olhando para a tela com um sorriso tímido no rosto. O que eu faria depois? Só o tempo poderia dizer.

Passaram-se duas semanas depois que terminei meu relacionamento com Letícia, exatamente nesse dia eu estaria me casando e de alguma maneira estava triste. Não por não estar realizando aquele compromisso, mas por ter acreditado numa ilusão. Nunca mais me enganaria daquela forma.

Era tarde de sábado e me escondi no escritório, não queria ver ninguém. Meu humor não era dos melhores e não queria descontar em um funcionário infeliz e desavisado. Após minha mensagem para Joana não enviei mais nada e nem ouvi falar dela. Estava me conformando que não era para eu viver aquele amor. Ela não me queria.

— Ei, André. Estamos indo para a casa de um amigo, ele vai fazer um churrasco, tem piscina e mulheres bonitas. Vamos?

Levantei a vista do computador e encarei Rafael, que tinha um sorriso no rosto, enquanto seus olhos me encaravam com diversão evidente. Rafa era um dos amigos que fiz quando me mudei da minha cidade quatro anos atrás. Depois que abri minha concessionária, não tinha outra pessoa para ser meu gerente, com seu bom humor e facilidade em se relacionar o tornaram perfeito para o cargo. Ele sabia praticamente tudo da minha vida, menos sobre Joana.

— Rafa, não estou muito a fim, cara. Tenho um monte de papelada para pôr em dia. — Passei a mão entre meus cabelos, eu estava mentindo. Não queria sair, estava me chafurdando em autodesprezo, me sentia culpado pelo sofrimento e inconveniente que fiz Letícia passar e ainda por ter deixado Joana fugir entre meus dedos.

— Para com isso, Dé. Você sabe tanto quanto eu que isso é mentira deslavada. O que foi, ainda está chateado por causa do seu casamento frustrado? — Rafa era assim, não tinha problema em falar o que achava que era o correto. — Vamos, cara, não precisa conversar com ninguém. Mas vamos sair um pouco?

Suspirei resignado, ele me venceu pelo cansaço. Se eu não concordasse iria me perturbar a semana toda.

— Tudo bem, me dá o endereço. Vou em casa tomar um banho e te encontro lá.

Ele estreitou os olhos em minha direção, desconfiado se era mais uma desculpa para não ir.

— É bom mesmo você aparecer. Ou te busco e levo arrastado.

Eu ri da sua tentativa de parecer bravo e o dispensei com um gesto de mão.

— Ok, me dá a porra do endereço.

Ele sorriu e se aproximou da mesa anotando o endereço num pedaço de papel. Estendeu para mim, sorrindo.

— É melhor você estar lá em uma hora. — Saiu sem deixar que eu respondesse, olhei o endereço e suspirei. Tinha que ir para casa logo pra dar tempo de chegar na casa do cara.

Levantei-me e passei pela recepção que já estava vazia, os funcionários já tinham ido embora. Tranquei a porta da frente e ativei o alarme. Meu *Ranger* estava estacionado em frente e entrei dando partida. Fui para casa em tempo recorde, tomei um banho rápido e me vesti casualmente. Estava quente e coloquei uma camiseta laranja e bermuda preta, calcei tênis e olhei-me no espelho. Estava cansado, mas realmente precisava distrair a cabeça.

Coloquei o endereço no GPS e parti para o churrasco. Pretendia me manter afastado, não queria conhecer muita gente. Bem, mas o que faria numa festa se não estava disposto a socializar? Distrair a cabeça e parar de pensar merda.

Parei o carro na rua e olhei para a casa. Respirei fundo e apertei a campainha, uma moça por volta de vinte anos abriu a porta e sorriu.

— Você é o amigo do Rafa, né? — Assenti confuso. Como a garota sabia quem eu era? — Sou irmã do Fábio, eles estão te esperando lá atrás.

— Obrigado.

Entre e aguardei para que ela liderasse o caminho até a parte de trás da casa. Assim que atravessamos a cozinha em direção à uma porta de vidro, ouvi muita falação e uma música alta soando lá fora. Quando entrei no pátio, notei que tanto os homens quanto as mulheres estavam super à vontade.

— Dé, seu safado! Você veio, cara!

Sorri de lado ao me aproximar de Rafael e mais três caras que estavam ao lado da churrasqueira.

— Eu disse que viria. — Apertei a mão que ele me estendia e Rafael se virou para os caras.

— André, esse é Fábio, o dono da casa, e esses são Luis e Nandinho, primos do Fabinho.

Os rapazes deram seus “ois”, e voltaram aos seus afazeres. Então, virei-me para o anfitrião da festa.

— Prazer Fábio, você tem uma bela casa.

— Pois é, meus pais deixaram pra mim e minha irmã quando faleceram. Você já a conheceu, né?

— Sim, ela atendeu a porta. Bom, tem alguma coisa que precisa de ajuda?

— Imagina, vai relaxar e conhecer o pessoal. Rafa disse que você está passando por uma fase ruim, não precisa se preocupar.

Fiquei um pouco sem graça pelo Rafael ficar falando da minha vida pessoal, mas sabia que ele não tinha feito por mal. Afastei-me e peguei uma cerveja no isopor que estava ao lado. Abri a lata e fui andar um pouco. A casa dele era grande, tinha um bom quintal e uma piscina enorme. Decidi dar uma volta pelo gramado.

Cruzei com algumas pessoas no caminho e cumprimentei-as, mas meus pensamentos estavam longe. Passei por uma espécie de parquinho, que devia ser dos irmãos quando eram crianças e me sentei num dos balanços. Impulsionei com o pé balançando um pouco e fechei os olhos sentindo a brisa fria em meu rosto.

Por mais que eu tentasse não voltar meu pensamento nela e em nosso passado era um pouco impossível, Joana povoava todos os meus pensamentos. Sempre teve uma luz sobre ela que me fazia querer alcançar sua paz. Mesmo sofrendo nas mãos dos pais que a ignoravam, não deixava se abalar pela sua alegria de viver. Por diversas vezes me vi encantado somente em observar como uma covinha se formava em sua bochecha direita quando ela sorria sem restrição, como seus olhos verdes ficavam estreitos de felicidade e como sua risada rouca me dava calafrios pelo corpo. Tudo em Joana me fazia querer mais. Queria absorver cada pedacinho lindo da mulher que eu escolhi para reger meu coração pelo resto dos meus dias.

E tinha a impressão que havia perdido a chance de tê-la em minha vida por minha relutância em tomar uma decisão. Eu realmente era um covarde, não consegui ser sincero nem com Letícia, Joana ou comigo mesmo.

— Ei, Dé! Tem uma amiga que gostaria de te apresentar.

Virei-me ao som da voz do Rafael e pensei se meus pensamentos não conjuravam a minha musa, pois se fosse o caso eu pensaria em Joana 24 horas do meu dia.

Capítulo 12

*Quero te ver seguir em frente, daqui pra sempre
Te proteger do frio ao menor sinal de tempestade
E depois da chuva apreciar contigo o arco-íris próximo
Quero acreditar em você como acredito em mim.
(Daqui pra sempre – Jota Quest)*

Joana

Uma frase, palavra ou ato tem o poder de te atormentar por uma vida inteira. Tive várias fases em minha vida que fiquei pensando nas coisas que foram ditas, aconteceram ou deveriam ter acontecido.

Depois de duas semanas, aquela mensagem teve o poder de me tirar dos eixos. Não conseguia pensar direito, não fazia absolutamente nada e nem mais uma palavra do Deco foi pronunciada. Resolvi deixar pra lá, pois ele se casaria no sábado e eu jamais poderia e nem faria nada para impedir. O que queria dizer que meu coração estava sangrando em pedaços por onde eu passava. E no dia do seu casamento eu, enfim, me rendi à depressão.

Chorei desde que abri os olhos pela manhã. As horas passaram sem que eu percebesse, estava olhando para a televisão sem mesmo enxergá-la. Acredito que por volta das três da tarde, a campainha da minha casa soou, ouvi-a de longe, mas o visitante foi insistente. Levantei-me vagarosamente e nem mesmo verifiquei quem era pelo olho mágico. Abri a porta sem nenhuma vontade de falar com alguém.

Rafael estava à minha frente com cara de poucos amigos! Droga, estava evitando-o exatamente por meu estado de espírito.

— Por que você não atendeu ao telefone? Estou atrás de você desde ontem!

— Oi pra você, Rafa! Eu não estava a fim de falar com ninguém! O que você quer?

Apesar de termos terminado nosso relacionamento íntimo, estranhamente continuávamos amigos e ele vinha me visitar com frequência. Só que eu não estava com vontade de falar com ninguém, queria me afundar na minha tristeza um pouco mais. Quem sabe até o domingo? Na segunda, eu voltaria ao normal!

— Nossa, estamos de bom humor hoje, hein! Eu não quero nem saber o que te levou a entrar nesse poço sem fundo de novo. Você vai sair comigo e sem discussão.

Rafael estava com o rosto sério e me olhava com determinação, seus braços estavam tensos ao lado do corpo e suas mãos fechadas em punhos.

— Ai, Rafa. Não estou com vontade mesmo.

Ele bufou e passou por mim entrando na sala. Sentou-se no sofá, os braços estendidos no encosto e me olhou com desafio em seus olhos azuis.

— Vai tomar banho, Joana. Tem um churrasco de um amigo e quero te levar.

— Não quero ir!

— Tudo bem, vou ficar aqui te fazendo companhia. Sabe que posso ser bem irritante quando quero.

Estreitei meus olhos e o observei. Ele seria bem capaz de fazer isso mesmo. Rafael era muito chato, mas eu o adorava. Engraçado, tinha mais facilidade em fazer amizades com homens, devia ser pela relação que tive com a minha mãe.

— Droga, você é muito chato! Vou tomar banho...

— Quer uma ajuda? — Balançou as sobrancelhas, sorrindo malicioso.

Virei as costas e nem respondi, Rafa riu e me concentrei em me animar e sair um pouco. Talvez fosse bom distrair a cabeça e esquecer que ele estava se casando e saindo da minha vida para sempre. Afinal, eu resolvi viver. Era bom começar logo!

Depois de algum tempo fomos para a tal festa. A casa ficava um pouco distante da cidade, era um condomínio mais luxuoso do que onde eu morava, a casa era linda, mas quando chegamos as pessoas pensavam que éramos namorados, logo fiz questão de tirar essa ideia da cabeça deles. Mesmo sabendo que Rafael ficou um pouco magoado, eu nunca quis isso e ele sabia muito bem.

Andei pelo quintal e sentei-me em um dos bancos de madeira olhando as pessoas se divertindo. Bebia um refrigerante e observava as aves voando em volta das árvores, eram tão livres e despreocupadas. A única coisa que faziam era viver um dia de cada vez, fugindo de predadores, buscando alimentos e cuidando de suas crias. A vida poderia ser tão simples assim!

— Olá, posso me sentar?

Olhei para cima e me deparei com uma linda garota por volta de vinte anos. Ela tinha olhos castanhos doces, cabelos esvoaçantes vermelhos e um sorriso simpático.

— Claro! — Cheguei para o lado dando espaço para que se acomodasse.

— Meu nome é Simone, mas pode me chamar de Si. Sou irmã do Fábio. E o seu nome, qual é?

Era impossível não retribuir o sorriso daquela menina. Ela exalava felicidade em cada poro, e eu, necessitada desse sentimento, procurava absorver cada partícula de outras pessoas.

— É Joana, mas pode me chamar de Jô. Eu vim com o Rafael.

A menina levou uma mão ao peito e esquadrinhou o pátio à procura do Rafa. Quando o viu, sorriu e voltou a olhar para mim.

— Deus, ele é lindo! Vocês são namorados? — Arregalou os olhos, me olhando assustada.

— Não, somos apenas amigos.

— Ufa! Achei que estava cometendo uma gafe. Mas, enfim, te vi sozinha aqui e resolvi vir conversar. Não me dou muito bem com as “amigas” do meu irmão, são muito esnobes e interesseiras e quando a vi aqui achei que seria legal me aproximar.

— Claro, é bom ter alguma companhia para variar.

Simone sorriu e encostou-se ao banco olhando para as aves que ainda gorjeavam em volta das árvores.

— Quando meus pais morreram eu costumava ficar aqui também, ficava pensando se eu tivesse ido viajar com eles ao invés de teimar em ir para uma festa não estaria sozinha, mas percebi que era egoísta em pensar assim. E o que seria do meu irmão, se eu também tivesse morrido?

Ficamos em silêncio olhando para o céu azul e percebi que a menina tinha feridas profundas dentro de si e mesmo assim era feliz e de bem com a vida. Engraçado, muitos pensam que pessoas mais velhas têm muito a nos ensinar. Eu concordava plenamente que a experiência que adquirimos ao longo dos anos nos torna mais sábios, mas uma menina de vinte anos me ensinou mais do que muitos que tentaram, com apenas um sorriso sincero e palavras capazes de fazer uma reviravolta dentro de mim.

— A vida, às vezes, é muito dura conosco, Simone, mas cabe a cada um de nós superarmos os obstáculos e seguirmos em frente. Sempre adiante!

Olhei para ela sorrindo, que assentiu fechando os olhos e respirou profundamente. Voltei meu olhar para o céu e sua voz doce soou baixinha ao meu lado.

— Ei, Joana. Você pode ser minha amiga, hein! Eu não tenho muitas, o que acha?

Sorri abertamente e me virei para observá-la. Tinha tanta expectativa em seu olhar que só uma pessoa muito cruel recusaria um pedido assim. E eu pensando que não tinha amigas mulheres.

— Com certeza, querida! Pode contar com a minha amizade.

— Ai adorei, vou buscar uns chocolates pra gente. O que acha?

— Perfeito!

Ela se levantou sorrindo e continuei sozinha, presa em meus pensamentos. Olhei para o Rafael que se divertia com os amigos e vi que nele não encontraria nada mais que uma amizade. Ainda não estava pronta para um relacionamento, mas estaria aberta para tal sentimento em breve. Não me seguraria ao passado. Perdi sete anos da minha vida por isso, mas não perderia mais.

Quando Simone voltou sorrindo com uma barra de chocolate em mãos, sentou-se ao meu lado

abandonando-se com os olhos arregalados.

— Menina, esses amigos do meu irmão são lindos de morrer, acabou de chegar um... Ai, minha nossa!

Eu ri do seu entusiasmo porque nunca fui assim. Aos vinte anos era comprometida e prestes a me casar, além de ser apaixonada pelo meu melhor amigo em segredo.

Rafael foi o único homem por quem me interessei depois de tudo que aconteceu. Mas também, quem resistia a um charme como o dele? E o dito cujo vinha em nossa direção com um sorriso de orelha a orelha.

— Jô, quero te apresentar um amigo meu, tenho certeza que vocês se darão bem. Ele anda numa depressão terrível.

— Que interessante, e por isso vamos nos dar bem? — Levantei uma sobrancelha, sorrindo de lado.

Ele corou abaixando a cabeça e pude ouvir um suspiro vindo da Simone ao meu lado. Até que ele ficou bonitinho vermelho.

— Não foi isso que quis dizer!

— Eu sei, mas pra que conhecer seu amigo? Não tem segundas intenções aí, né?

— Claro que não, acha que vou te dar de mão beijada para o cara? — Sorriu malicioso e piscou.

Levantei-me a contragosto e disse a Simone que já voltaria. Ela ficou mastigando seu chocolate e eu acompanhei Rafael pelo quintal.

— O que está aprontando, Rafa?

— Nada, meu anjo, é que esse meu amigo está passando por uma fase complicada. Terminou com a noiva e tal, achei que conversar com uma garota linda como você seria bom pra ele.

— Hum, se não tem nenhum plano mirabolante por trás disso, tudo bem.

Rafael sorriu e continuamos indo em direção ao fim da propriedade, e me distraí momentaneamente. Quando Rafa entrelaçou nossos dedos e fiquei observando sua mão grande cobrindo a minha, me obriguei a analisar meus sentimentos. Será que seria prudente dar uma chance a ele? Rafa era um cara legal, extrovertido e nos dávamos bem sexualmente. Por que eu insistia em não dar uma chance ao meu futuro?

Um sorriso despontou em meus lábios quando decidi dar-lhe uma oportunidade.

— Rafa, eu...

— Ei, Deco! Tem uma amiga que gostaria de te apresentar.

Arregalei os olhos ao ouvir aquele apelido. Não podia ser, podia? Ele estava se casando hoje, não é mesmo? Por que estaria numa festa? Engoli em seco e resolvi levantar os olhos quando Rafael

parou.

E realmente era o *meu* Deco e ele não olhava pra mim, mas para minha mão entrelaçada na do Rafa. Meu coração acelerou, senti um zumbido em meus ouvidos e comecei a hiperventilar.

Ele estava sozinho. O que isso queria dizer? Havia tantos sentimentos dentro de mim que não sabia como agir. Rafael disse que o amigo teria terminado com a noiva. Seria verdade? Foi isso que ele quis dizer em sua mensagem há duas semanas?

— Oi, Joana! — Sua voz soava baixa e tensa.

— Vocês se conhecem? — Rafael olhava entre mim e o Deco com o cenho franzido e o rosto confuso.

— Sim, André e eu nos conhecemos há muitos anos.

Arrisquei-me olhar em seus olhos negros e eles queimavam em mim. Como alguém poderia mexer tanto comigo assim?

— O que está fazendo aqui, Joana? Por que sumiu dessa maneira?

Oi? Será que estava ouvindo direito?

Capítulo 13

*Toda pedra do caminho
Você pode retirar
Numa flor que tem espinhos
Você pode se arranhar
Se o bem e o mal existem
Você pode escolher
(É preciso saber viver – Titãs)*

Deco

Eu não podia acreditar que era ela que vinha em minha direção. Tantos dias lamentando, desejando apenas um olhar e ali estava a mulher da minha vida. Ver Joana depois de tantos dias era maravilhoso. Sua beleza sem igual deixava meu coração disparado, mas me doeu perceber seus dedos entrelaçados nos do Rafael. Aquilo cortou em mim como uma lâmina afiada. Sabia muito bem que não tinha o direito de lhe cobrar nada, afinal não disse muito em minha mensagem. E como fui arrogante pensando que ela queria me esperar.

Às vezes pensava se os genes da família que eu não conhecia eram defeituosos, pois agia como um babaca exigindo da garota explicações antes mesmo de dizer *oi*. Ela me fuzilava com o olhar e Rafael estacou no lugar totalmente confuso.

— Não entendi! Por que eu lhe devo satisfação mesmo?

Senti um sorriso se formando em meus lábios, mas o preendi. Acho que não seria bem-vindo naquele momento de tensão. Porém, ao ver a minha velha Joana bem na minha frente era bom demais para ignorar.

Rafael franziu a testa e olhou pra mim, curioso. Não daria tempo para me encher de perguntas, sabia que não poderia escapar, mas iria adiar com certeza.

— Rafa, será que pode nos dar licença?

Ele fez uma careta com o meu pedido e virou-se olhando para Jô.

— Joana, tudo bem? — Ela semicerrou os olhos em minha direção e assentiu, sem desgrudar

seu olhar do meu.

Percebi que ela estava em modo de ataque. Pronta para uma briga. E eu? Bem, sempre a achei *sexy* com raiva!

Observei Rafael se afastar com um sorriso escondido no canto dos meus lábios e a encarei novamente. Parecia a minha menina de tempos atrás. Aquela mal-humorada que não gostava de conversar. A garota que eu penei para que se tornasse minha amiga. A Joana que aprendi a amar com cada parte do meu corpo.

— O que aconteceu com você, Jô? Sumiu, não respondeu minha mensagem e não deu nenhum sinal de vida.

Ela arqueou uma sobrancelha com aqueles olhos verdes resplandecentes de raiva contida. Doía um pouco ver aquele tipo de reação a mim, mas a entendia.

— Não era eu quem devia estar me casando hoje!

Olhei para o lado e suspirei, não queria começar aquela conversa daquela maneira. Queria ter tempo para explicar meus sentimentos e confusões. Voltei meu olhar para ela e em meu peito só tinha vontade de abraçá-la, sentir seu perfume doce e acariciar sua pele macia.

— Jô, podemos conversar, por favor? Sem ataques de qualquer maneira!

Ela respirou fundo e assentiu, cruzou os braços ficando na defensiva sem perceber e sentou-se no balanço vago ao lado do que eu ocupei. Acomodei-me no outro e fiquei encarando-a por algum tempo. Ela evitava me olhar, observava as pessoas, mas de nenhuma maneira fixava seus olhos nos meus. Era doloroso perceber que havia perdido tanto dela, talvez até mesmo sua confiança. Peguei seu queixo forçando-a a me encarar. Quando o fez, ela estava com os olhos marejados de lágrimas não derramadas.

— Não quebra meu coração assim, Joana. Te ver sofrer me dói demais! Eu terminei com Letícia há duas semanas. Depois que você me deixou naquele parque, não pude continuar em uma ilusão. Não podia fazer isso com nenhum de nós. Eu te mandei aquela mensagem para você saber que eu não havia desistido, mas vejo que deveria ter sido mais claro.

Ela respirava pesadamente e engoliu em seco.

— O que isso significa para nós? E-eu não sei o que você quer dizer com isso, Deco!

— O que você quer que signifique? Por isso eu não entrei em contato. Precisava colocar minha cabeça em dia, e você nunca me respondeu. Achei que eu te perdi para sempre. Joana, a questão é: estamos prontos para seguir esse sentimento? Você está pronta para deixar o passado pra trás e ter um futuro ao meu lado? Porque, tenha certeza de uma coisa, não quero ser mais apenas seu amigo. Eu preciso de você por inteiro. Quero reviver aquele beijo, provar o doce dos seus lábios. Quero fazer tudo o que desejo há muito tempo.

Meu coração estava tão acelerado no peito que eu mal podia me segurar. Precisava firmar aquilo que disse. Um beijo naquele momento seria prudente? Era o que necessitávamos? Talvez estivéssemos acomodados demais com nossa amizade e conformados por não poder viver nosso

amor. Joana tinha os lábios entreabertos e era um convite que estava disposto a aceitar. Mas precisava que ela dissesse alguma coisa, permitisse que eu entrasse em sua vida novamente.

Me desesperei ao perceber que ela não dizia nada, apenas me encarava confusa e desesperada.

— Vamos combinar uma coisa? Já que estamos na mesma festa, vamos curtir e depois pensamos no que fazer. Reconectarmos, ver se ainda somos os mesmos. O que acha?

Jô sorriu tristemente e afastou-se do meu toque fazendo com que minha mão caísse do seu rosto.

— Eu não sou mais a mesma, Deco! Perdi-me e não há nenhuma maneira de ter aquela Joana de volta. Se quiser tentar me conhecer de novo, ótimo! Mas não crie expectativas demais, porque o fantasma do passado sempre volta para me assombrar.

— Eu te quero por inteiro!

Ela engoliu em seco e deu um impulso com os pés levando o balanço a se movimentar. Fiquei um pouco embasbacado observando-a, seus cabelos se moviam com o vento e o vestido azul subiu um pouco deixando suas pernas morenas à mostra. Joana era perfeita para mim! Não me cansava de admirá-la e de agradecer a Deus por tê-la colocado em meu caminho.

— Então... De onde você conhece o Rafael? — Joana sorriu e olhou para mim com um brilho malicioso em seus olhos verdes.

— Ele é filho de um amigo que fiz. O conheci num jantar que fui convidada e acabamos nos tornando amigos. E você?

— Ele é meu gerente! — grunhi entredentes, enquanto o ciúme me corroía. Sabia muito bem o tipo de amizade que Rafa fazia. O cara era bem apessoado e extrovertido, receita certa de sucesso com as mulheres.

— Oh! O pai é muito orgulhoso do filho. Rafael é um bom homem, você tem sorte de tê-lo na sua empresa. Então, quer dizer que você montou uma concessionária? Engraçado, nas poucas vezes que nos vimos não falamos muito de nossas vidas agora, né? Estranho!

— Verdade! Somente o passado veio à tona.

Joana parou o balanço e assentiu, olhou-me e sorriu.

— Eu estou ficando feliz agora, Deco! Desde que resolvi seguir com a minha vida, me sinto melhor a cada dia. As crianças são maravilhosas, eu adoro dar aulas. Não imagino minha vida sem aqueles pequenos. E me aceito com cicatrizes e tudo.

— Mas deve aceitar mesmo, Jô! Você é uma pessoa linda, não merece nada menos que a felicidade plena.

Seus olhos encheram-se de lágrimas e sabia o que ela estava pensando. Eu pensava nele constantemente nos meus dias. Bernardo foi importante para nós dois e perdê-lo foi como arrancar um pedaço do nosso coração.

— O que, na verdade, você pretende agora? Algum plano?

Franzi a testa e olhei para ela.

— Sobre?

— Sua vida! Há duas semanas você estava prestes a se casar, terminar um compromisso não deve ter sido fácil! — Joana fez uma careta. Suspirei pesadamente lembrando como foram esses dias para mim.

— Não foi! Muitas coisas se passaram por minha cabeça, por isso quis manter distância. Não queria me aproximar com tantos problemas pra resolver dentro de mim mesmo. Mas eu estou aliviado, apesar da culpa.

Joana bufou e se levantou do balanço. Cruzou os braços no peito e andou até a beirada da cerca que limitava a propriedade. Ela se virou para mim e seu olhar intenso me transmitia tantas coisas que foi difícil mantê-lo.

— De culpa eu entendo!

Levantei-me e me aproximei devagar, ela abaixou a cabeça e olhou para seus pés. Levantei seu queixo e nossos rostos estavam tão perto que podia senti o calor da sua respiração.

— Já está na hora de abandonar essa culpa, não acha? — Ela assentiu automaticamente e eu sorri, conhecia aquele olhar na minha menina. Sempre fui ciente do poder que exercia sobre ela, mordi os lábios e seus olhos focaram em minha boca.

Desci a cabeça devagar e estava a apenas um sopro de beijar seus lábios quando ouvi um pigarro tímido atrás de mim. Fechei os olhos frustrado e me virei. A garota que atendeu a porta estava parada ali com as bochechas vermelhas.

— Desculpem interromper, mas está tudo na mesa para comermos.

Liberta do encanto, Joana se afastou e sorriu para a menina. Acompanhou-a até a mesa grande que estava montada ao lado da piscina. Respirei fundo, porque a batalha seria árdua. Estava disposto a vencer cada obstáculo para conseguir o que queria. Joana estava a ponto de ceder, só cabia a mim empurrar mais um pouco os seus limites. Eu não deixaria essa chance passar! Essa era a minha vez de ter a mulher que amo em meus braços.

Quando alcancei o local que o pessoal estava comendo, não encontrei um lugar vago ao lado de Jô. Ela estava ladeada por Rafael e a menina da porta. Acabei me sentando ao lado de uma garota loira, de olhos castanhos e sorriso sacana. Previ alguns inconvenientes, pois a menina não parava de me encarar.

Começamos a comer, tinha vários tipos de carne, vinagrete, farofa e alguns petiscos diversificados. Coloquei uma porção em meu prato e passei a comer sem prestar atenção à mesa. Meu foco estava preso à garota morena de vestido azul e cabelos esvoaçantes, rindo de alguma gracinha que Rafa disse. Naquele momento não sentia ciúmes, mas meu coração estava repleto de felicidade e orgulho de vê-la sorrindo daquela maneira. E um sorriso se abriu em meu rosto, automaticamente seguindo o dela. Seus olhos foram capturados pelos meus, e aquele sorriso lindo se intensificou e ficamos nos encarando como se não houvesse ninguém à nossa volta. Por um momento voltei ao passado, onde eu a amava em segredo. Agora não mais! Ela sabia!

— Meu nome é Beatriz. — A voz da garota ao lado chamou minha atenção seguida da sua mão em meu bíceps. Vi que Joana seguiu o movimento da garota e seu sorriso morreu. Ela abaixou os olhos e voltou a comer sem nem mesmo me olhar novamente. Nunca tive tanta vontade de ser grosso na vida, olhei para a garota com as narinas inflando e sorri sem vontade.

— Oi, Beatriz.

Abaixei a cabeça e voltei a comer. Conversei com Fábio, o dono da casa, que estava à minha frente, tentando ignorar a menina. Não queria problemas logo agora que estava a ponto de conseguir a minha garota.

— Não vai me dizer seu nome? — Poxa, a menina era insistente! Será que não pegou a deixa que eu não queria papo?

Estava pronto para responder, tentar ser educado pelo menos, quando Joana se levantou desculpando-se dizendo que iria embora.

— Eu vou te levar, Jô! Fabinho, vou nessa, irmão! A gente se vê por aí. — Rafael levantou-se e colocou a mão espalmada nas costas de Joana.

— Você não vai levá-la! — Agora, sim, eu sabia o que era sentir raiva e ciúmes. Não iria mais dividir a minha Joana!

Capítulo 14

*Longe daqui
Longe de tudo
Meus sonhos vão te buscar
Volta pra mim
Vem pro meu mundo
Eu sempre vou te esperar
(Aonde quer que eu vá – Os Paralamas do Sucesso)*

Joana

— Você não vai levá-la! — A voz do André soou grave, poucas vezes o vi dessa maneira e estaquei no lugar. Virei-me devagar e olhei em seus olhos. Estavam mais negros ainda, se isso era possível.

— Eu vou sim, Dé. Ela veio comigo — Rafael argumentou tenso ao meu lado.

— Não, ela volta comigo.

Deco deu a volta na mesa sem olhar para ninguém e parou ao meu lado, olhou para a mão de Rafael em minhas costas e o encarou. Logo senti que Rafa se afastava. André tinha um olhar mortal para o amigo e pegou minha mão sem se despedir. Eu não queria ir. Estava confusa e a garota puxando conversa com ele mexeu comigo como não queria admitir.

Quando chegamos ao lado da sua *Ranger*, eu puxei minha mão do seu aperto e o encarei.

— O que você pensa que tá fazendo, Deco? Como ousa controlar com quem eu vou pegar carona? Rafael me trouxe, nada mais justo que ele me leve de volta!

André fechou a cara e se aproximou, ficando perto demais para o meu juízo.

— Você está saindo daqui comigo, Joana! E sem discussão. Por que quer ir com ele, porra? Quer alguma coisa com o Rafael?

Arregalei os olhos estranhando a atitude do André, ele nunca foi ciumento ou demonstrou qualquer coisa que indicasse isso. Mas de certo modo eu o entendia, pois passou tanto tempo me vendo com o Bernardo sem poder agir ou dizer nada.

— Tudo bem! — eu disse num fio de voz.

Ele fechou os olhos e respirou fundo, envolveu meu rosto em suas mãos grandes olhando em meus olhos.

— Desculpa, Jô! Não vou cometer esse erro de novo, sei que não quer ninguém lhe dizendo o que fazer. Sinto muito!

Cobri suas mãos com as minhas, pois senti em sua voz a angústia que havia dentro dele. Sabia que ele andava em cacos de vidro para se relacionar comigo. Deco abriu os olhos e me encarou, tinha uma coisa sobre esse homem que nunca encontrei em nenhuma outra pessoa. Seu olhar transmitia tantos sentimentos contraditórios que ficava difícil de alguém desvendar se não o conhecesse muito bem. Porém, eu o conhecia bem demais! Em suas íris negras tinha ciúme, angústia, tristeza e esperança. Em sua vida ele nunca se permitiu sentir esse tipo de coisa, porque um órfão abandonado não podia se dar ao luxo de sonhar. Mas, enfim, passou-se tanto tempo desde que ele se tornou independente do sistema que achei que tivesse superado esse tipo de trauma, mas acho que uma vez abandonado sempre abandonado.

— Tudo bem, Deco, mas não faça mais esse tipo de coisa. Esse negócio de mandar com quem vou sair ou conversar não funciona comigo, me deixa simplesmente irritada. Não serei controlada por ninguém!

Ele assentiu e encostou sua testa na minha respirando devagar. Um sorriso de canto apareceu em seu rosto.

— Você sempre brigou comigo quando vinha com minhas ordens Neandertais. Lembro-me bem de como você me chamava quando estava com raiva.

— Troglodita mandão!

Sua risada fez-me sorrir e aliviou o clima. Eu nunca fui alguém de fácil convivência. Quando nos conhecemos, não queria saber de me envolver com nenhum dos dois, mas Deco era muito insistente. E lembrar essa parte de nossas vidas era simplesmente maravilhoso. Com tanto sofrimento e dor que tomou conta de mim, acabei esquecendo isso num canto da minha memória, coisa boas como nossas brigas tinham que ser lembradas vez ou outra.

— Você sempre foi bravinha. Eu adorava fazer com que se irritasse, a cor vermelha em suas bochechas eram encantadoras demais para resistir.

Fixei meus olhos nos dele, era irresistível admirar seu rosto perfeito. Ele tinha lábios carnudos, queixo quadrado e um maxilar forte marcado por uma barba bem ralinha, mas seu sorriso era o que mais me encantava. André era um homem lindo, deslizar meus dedos por seu cabelo castanho foi automático. Seu sorriso esmoreceu e ele fechou os olhos afastando-se um passo. Olhou para mim novamente com o rosto torturado.

— Não é uma boa ideia. Eu quase não posso resistir a você agora.

— E quem disse que eu quero que você resista? Passei anos da minha vida negando o que eu sentia, sufocando os desejos que nasciam em meu corpo. Me culpando por te amar. — As lágrimas escorriam por meu rosto. Estendi uma mão e rocei em seus lábios carnudos. — Imaginei muitas vezes

o que seria repetir aquele beijo roubado no chuveiro. Sentir sua pele molhada na minha, desfrutar do seu amor. Mas, apesar de eu não saber dos seus sentimentos, ainda tinha o Bê. Deus, como foi difícil aquela fase. Sentia-me uma traidora, pois muitas vezes enquanto estava beijando o Bernardo me vinha você à mente. E aquilo me destroçava! Como alguém que dizia amar seria capaz de ter pensamentos tão errados? Você era meu amigo e nada mais, pelo menos era assim que eu pensava.

Enxuguei uma lágrima que teimava em deslizar por meu rosto e sorri tristemente.

— Então, agora que nada nos impede você quer se segurar? Por favor, Deco. Não vamos dar mais motivos para o destino brincar com a gente. A hora de vivermos esse amor chegou. Me beija agora! Não me faça esperar mais.

André fechou os olhos e respirou fundo, deu um passo à frente envolvendo minha cintura com um braço, segurou minha nuca deixando-me submissa à sua vontade.

— Você não faz ideia do quanto esperei para ouvir esse pedido!

E nisso juntou seus lábios delicadamente nos meus, apenas um roçar leve. Sua boca deslizava na minha e era como o céu. Passou a língua por toda a extensão provando do meu sabor. De olhos fechados e com o coração cheio de felicidade entreguei-me aquele ato que marcava o estopim da nossa paixão.

Seu beijo ficou mais exigente e o acompanhei, pois a doçura de poder me libertar era delicioso. Amor como o que eu sentia por ele ia além do carnal. Nós nos completávamos e sem ele eu sabia que podia ser apenas uma sombra do que realmente era.

O beijo diminuiu de intensidade mudando para selinhos suaves e mordidas doces. Quando me atrevi a abrir os olhos novamente, ele sorriu tão lindamente com a boca colada na minha que percebi que me enganei. Deco podia, sim, ficar mais bonito.

— Agora posso dizer sem medo. Seus lábios são a coisa mais deliciosa que provei.

A lembrança do nosso beijo no chuveiro me veio à mente e precisava saber o motivo dele ter agido como se não se importasse, como se não tivesse sido atingido por aquilo.

— Por que você fingiu que nada aconteceu naquela época?

Deco ficou sério e abaixou a cabeça esfregando seu queixo com a mão direita, fez uma careta ao lembrar daquele dia que meu coração rachou ao perceber que eu o amava.

— Você ficou tão horrorizada ao ver que era eu e não o Bê que não tive alternativa.

— Em primeiro lugar, por que me deixou pensar que era ele?

Ele sorriu tristemente e me encarou com seus olhos negros. Nosso passado voltava com tudo e com ele também desejo, vergonha, amor, paixão, amizade... e culpa.

— Aquele dia eu estava cansado do trabalho e irritado. Estava debaixo d'água quente me amaldiçoando por precisar de você. Desde que saí do serviço pensei em te ligar pra gente conversar, e então me veio à memória seu sorriso lindo, seus lábios delicados e seus olhos tão expressivos, e fiquei excitado. E como você era a mulher do meu melhor amigo, me senti sujo por desejar alguém

que não me pertencia, era algo recorrente guerreando dentro de mim. Quando sua mão envolveu meu corpo e reconheci seu toque, não pude resistir, então fechei os olhos e acreditei na ilusão de que você estava ali por mim. — Suspirou pesadamente. — Bom, o resto você já sabe.

É, eu sabia. Desesperei-me e agi como uma louca correndo pela casa.

— Sinto muito, André, por tudo! Eu não sei como isso pode dar certo, o passado sempre vai voltar para nos assombrar. Temos muita bagagem. — Balancei a cabeça não acreditando no sucesso de qualquer coisa que estava começando.

Deco segurou meu queixo e seus olhos estavam desesperados. E me angustiou vê-lo tão vulnerável.

— Não diga isso, Joana. Por favor, meu coração não aguenta. — Ele suspirou e olhou para os lados como se procurasse uma saída para tudo que nos envolvia. — Vamos passear amanhã? Sem passado ou futuro. Só nós e o nosso presente.

Eu o queria tanto que doía. Como negar algo que desejei por tantos anos? Não podia, precisava dar uma chance a esse sentimento. Mesmo se no final não restasse nada, nem mesmo a amizade que tanto prezávamos, pelo menos tentamos.

— Tudo bem, aonde quer ir?

— Segredo! Vamos, então, vou te deixar em casa.

Assenti e fomos até sua *Ranger*, Deco abriu a porta para mim e sorriu enquanto me acomodava no banco de couro. Ele deu a volta e se acomodou, percorremos o caminho em um silêncio confortável. Apesar da minha tensão e negatividade estava ansiosa pelo dia seguinte.

Deco estacionou em frente ao meu prédio e desceu vindo até o meu lado, saí e andei poucos centímetros. Paramos em frente ao carro e nos encaramos.

— Vai dar tudo certo, minha Jô. — Ele colocou uma mecha de cabelo atrás da minha orelha e sorriu confiante. Aproximou-se encostando seus lábios nos meus. — Até amanhã!

Eu não conseguia falar nada, minha garganta estava travada. Com as emoções à flor da pele, pisquei saindo do transe que me encontrava e me despedi dando mais um selinho em sua boca. Na porta do prédio, eu parei.

Meu coração estava transbordando e não acreditei no que estava prestes a fazer. Olhei sobre o ombro e vi que André estava com as mãos nos bolsos da bermuda cargo, me olhando com um sorriso torto nos lábios. A dúvida fugiu da minha mente.

— Você quer dormir comigo hoje? — gritei ao me virar.

Ele arregalou os olhos surpreso com meu pedido inusitado e andou rapidamente até parar na minha frente

— Co... co... como assim? — gaguejou e lambeu os lábios fazendo-me ficar um pouco hipnotizada.

— Não fique pensando bobagens, só dormir. Preciso sentir seus braços em volta de mim, vamos

apenas dormir Deco.

Ele sorriu e concordou com a cabeça, acionou o alarme do carro e me acompanhou para dentro de casa.

Naquela noite consegui dormir na minha cama, envolvida nos braços fortes do homem que amava, sentindo seu perfume que me inebriava e recebendo seu carinho que acalentava meu coração.

Capítulo 15

*Entre nós dois
Não cabe mais nenhum segredo
Além do que já combinamos
No vão das coisas que a gente disse
Não cabe mais sermos somente amigos
(Quem de nós dois – Ana Carolina)*

Deco

O dia que conheci Joana, eu fui para casa e fiquei deitado na minha cama minúscula olhando para o teto e sorrindo como um idiota. Há poucos meses eu tinha ganhado na justiça o direito de ser independente. Estudava de manhã e trabalhava à tarde para me sustentar. E quando, enfim, a noite chegou pude deixar minha mente vagar para a morena de olhos verdes brilhantes que havia conhecido.

Ainda não existia Joana e Bernardo, então fiz tantos planos e não parava de sorrir, coisa que não era muito comum em minha vida.

Depois de onze anos pude finalmente vê-la dormir em meus braços. Fiquei surpreso e animado com seu pedido. Demorei a pegar no sono, pois só conseguia acariciar sua pele e sentir seu cheiro doce. Quando fechei os olhos nenhum sonho veio, era como se minha mente não quisesse desligar com medo de que tudo não passasse de uma ilusão. Acordei antes dela e ainda fiquei olhando para seus olhos lindos.

Joana era uma mulher doce com uma personalidade bem difícil, percebi que muito da sua força se extinguiu pelos acontecimentos passados, mas ela continuava ali. A minha Jô, a minha amiga e o amor da minha vida.

O desejo percorria meu corpo e fechei os olhos tentando dispersar a mente dos pensamentos que me invadiam. Ter seu corpo tão perto do meu era doloroso demais.

Quando abri os olhos novamente, eu encontrei um par de íris verdes me encarando. Ela estava séria e percebi que sua mente ainda estava nebulosa do sono. Eu estava deitado de lado observando-a e ela estava de barriga para cima com a cabeça tombada em minha direção. Joana vestia apenas um camisão e um *shortinho* para dormir, eu tinha permanecido com a camiseta e a cueca *boxer*.

Ela me encarava com tanta coisa exposta em seu olhar que senti meus olhos enchendo-se de lágrimas. Parecia que tínhamos voltado ao começo, que nada havia acontecido no meio tempo desde que nos vimos a primeira vez, e agora Joana me olhava com tanta admiração que me senti o homem mais sortudo e incrível do mundo. Em seu olhar eu me refiz, pois nem sabia que estava despedaçado.

Levei uma mão em seu rosto e tracei as linhas marcantes da sua face, testa, nariz, lábios, queixo e pescoço. Era esplêndido poder tocá-la sem restrição. Depois do nosso beijo, não tínhamos trocado nada mais que leves selinhos, e a coceira do desejo em meu corpo pedia por mais.

Porém, seu rosto sereno e a mente nebulosa do sono me impediam de levar mais adiante, queria sentir mais daquela admiração que emanava da minha Joana. Estive tão carente de sua atenção e amor que queria desfrutar de todos os detalhes que a envolvesse.

Sua respiração estava lenta e seu peito subia e descia devagar. Deslizei minha mão em seu colo e espalmei-a em cima do seu coração sentindo as batidas compassadas. Engoli em seco quando a enormidade do meu amor que sentia por ela me atingiu. Eu a tinha tão perto, mas estava com medo, pois tinha receio de fazer qualquer coisa errada e tudo se acabar de uma hora pra outra.

— Deco — sussurrou com a voz rouca.

Levantei os olhos e a encarei, e o que vi me fez deixar que as lágrimas que ameaçavam sair deslizassem livremente por meu rosto.

— Eu sei, Jô! Eu também sinto isso. — Ela assentiu mordendo o lábio inferior.

Eu me arrastei na cama devagar e deitei minha cabeça em seu peito, ouvindo agora as batidas do coração da minha Jô. Ele retumbava cadenciado, e era como a mais bela melodia. A vida da mulher que fazia o meu próprio coração acelerar cantava para mim. Era como um sonho estar tão perto dela e eu não me permitiria acordar se fosse o caso, mas não era. Graças a Deus por isso, a música em meu ouvido confirmava isso. Então, mãos delicadas enredaram em meus cabelos fazendo um cafuné delicioso. Fechei os olhos absorvendo seu carinho. Meu peito se encheu e não aguentei mais segurar. Quando percebi, estava soluçando e meu corpo balançava com a enormidade daquele sentimento.

Tantos anos desejei aquele toque sem culpa, restrição ou medo, que quando aconteceu não pude segurar a emoção. Parecia o órfão abandonado, que realmente era, esfomeado por atenção.

Seus braços envolveram meu corpo, puxando-me para cima. Descansei minha cabeça em seu pescoço sentindo seu perfume, então fui acalmando meu coração desesperado.

— Me diz que isso tudo é verdade, Jô! Por favor, me diz que nada disso é um sonho ou fantasia!

Levantei a cabeça olhando para seu rosto perfeito, seu nariz estava vermelho e percebi que ela chorava também, mas um pequeno sorriso enfeitou sua face deixando-a ainda mais linda.

— É verdade sim, Deco! Você está aqui. Eu estou aqui, amor.

Fechei os olhos fazendo uma oração de agradecimento a Deus. Agradecia que, enfim, teria minha felicidade plena! Estava começando a achar que não era merecedor de tal sentimento.

— Oh Deus, pareço um garoto chorão. Me desculpe, Joana. — Tentei me afastar, mas ela apertou os braços que me enlaçavam pelos ombros.

— Para com isso, André! Eu sei o que você está sentindo, porque é a mesma coisa que eu sinto. É como se tudo se encaixasse e entrasse em órbita. Como se meu coração que estava quebrado fosse colado de volta. O que achamos que fosse o fim, era apenas um novo começo. É normal que os sentimentos não possam ser mais contidos.

Fiquei em silêncio processando o que ela disse. Será que realmente significava o que eu estava pensando? Fechei os olhos e resolvi não perguntar, ainda. Se fosse uma resposta negativa, talvez eu não aguentasse e acabaria me envergonhando. Já estava sendo meio idiota um homem ficar chorando nos braços de sua mulher.

— Onde você está planejando me levar, Deco?

Sorri com a mudança de assunto, Joana deve ter percebido minha tensão. Ela me conhecia bem demais.

— Um lugar que descobri, mas acho que devemos sair logo para chegarmos cedo e aproveitar.

— Hum, você e seus segredos. O que está aprontando?

Levantei a cabeça e beijei seu queixo. Impulsionei para fora do seu abraço e parei em seu rosto. Seus cabelos encaracolados estavam esparramados no travesseiro e seu rosto sereno e marcado por lágrimas era simplesmente irresistível. Deslizei meus lábios nos dela e a beijei levemente.

— Nada que não vá te fazer feliz, minha Jô. Agora vamos levantar, temos que cair na estrada.

Pulei da cama e esperei que ela se levantasse, a visão de suas pernas fez com que minha barriga se apertasse de desejo. Sabendo que logo poderia demonstrar o quanto me deixava animado, dei as costas para ela e peguei a bermuda que estava em cima de uma poltrona no canto do quarto. Vesti-a e voltei meu olhar para Joana, que me admirava com o mesmo desejo estampado em seu rosto. Sorri de lado e ela corou... Tão linda!

— Você quer tomar um banho, Deco? Não tenho roupas limpas, mas pelo menos vai ficar mais relaxado.

Droga, veio à minha mente *flashbacks* da última vez que estive debaixo de um chuveiro com ela. Sacudi a cabeça dispersando aquela onda de luxúria para longe. O dia era para nos reconectarmos.

— Eu vou dar um pulo em casa, Jô. Quero trocar essa roupa, te pego em meia hora. Tudo bem?

Ela fez uma cara de decepção, mas assentiu. Levou-me até a porta e eu nunca cheguei ao meu apartamento tão rápido. Tomei banho, vesti uma roupa limpa e confortável, tomando o cuidado de colocar uma sunga por baixo. Droga, esqueci de avisá-la quanto a isso. Peguei meu celular e mandei uma mensagem para que colocasse um biquíni.

Quando estacionei em frente à sua casa, Joana já estava me esperando na portaria com uma cesta na mão. Desci do carro e fui ao seu encontro.

— O que tem aí, Jô?

Ela sorriu e levantou a tampa da cesta de palha.

— Como não sabia para onde iríamos e pelas dicas que pude pegar, eu achei melhor me prevenir e trazer algumas coisas para comer. Fiz mal?

— Claro que não. Você é perfeita, Joana!

Seus olhos se arregalaram e ela corou tão forte que tive que rir. Aproximei-me e beijei sua testa envolvendo seu corpo macio em meus braços. Apoiei o queixo em sua cabeça e respirei fundo. Tê-la assim era como um sonho que se realizava.

Soltei-a e ela sorriu, peguei a cesta de suas mãos e coloquei no banco de trás da *Ranger*. Jô acomodou-se no banco do carona e afivelou o cinto, olhando para mim com a felicidade estampada em seu rosto. Então, partimos para a minha surpresa. Eu esperava que ela gostasse. Estava ansioso para que Joana conhecesse o refúgio que descobri quando ainda éramos adolescentes e onde eu me escondia para pensar nela sem que nenhuma culpa me assolasse.

Coloquei o *pen drive* no rádio e selecionei a pasta de músicas que gostava de ouvir quando estava dirigindo. Joana cantarolava algumas e sorria para mim de vez em quando. Eu tentei manter minha atenção na estrada, mas estava difícil. Quando alcançamos o limite da nossa cidade, ela franziu o cenho olhando para mim, mas não disse nada. Passei direto pela entrada da cidade invadindo uma estradinha de chão. Logo acima do morro tinha um restaurante de comida mineira que queria levá-la. Quando avistei o pequeno estabelecimento, desacelerei o carro e parei. Olhei para ela sorrindo, verifiquei as horas e já era quase meio-dia.

— Vamos almoçar? Quero te apresentar a uma pessoa!

— Claro!

Desci do carro e esperei que ela me encontrasse, entrelacei nossos dedos e fiquei olhando para sua mão tão delicada na minha que era grande e cheia de calos do trabalho pesado. Levei-a até meus lábios e deposei um beijo no dorso. Ela sorriu e acariciou meu rosto.

Chegamos à porta do restaurante e imediatamente o cheiro de comida caseira nos pegou. Joana respirou fundo e arregalou os olhos.

— Caramba, comida mineira! Faz tempo que não como.

— Eu sei!

Caminhei para o balcão do restaurante, ali era um simples negócio de família. Mas o que Joana não sabia era que eu tinha trabalhado ali depois que nos separamos. Naquele lugar consegui me reerguer.

Antes que pudesse alcançar o balcão, um grito estridente me fez encolher e olhei para a garotinha loira que corria em nossa direção. Soltei a mão de Joana e me abaixei abrindo os braços, que logo foram preenchidos por um furacãozinho.

— Ei, pequena. Como você cresceu.

— Eu sei, vovó disse que estou com dois metros de altura.

Era automático rir dos exageros da menina.

— Nossa, muito grande mesmo. Mas, olha só, tem uma amiga que gostaria que conhecesse. O que acha? — Ela assentiu e me levantei levando-a comigo nos braços. Olhei para Joana que nos observava com admiração. — Jô, essa é a danadinha da Livia, Lili, essa é minha amiga Joana.

Livia olhou para Joana avaliando-a de cima a baixo e tive que rir, eu vi a menina crescer e ela era meio possessiva comigo. Na verdade, eu nunca levei ninguém ali porque era meu esconderijo e não gostava de intrusos.

— Você é a namorada do Dedé?

Joana ia abrir a boca para responder quando fomos interrompidos.

— Menina, para com esse interrogatório. — Nos viramos e vi dona Miranda vindo em nossa direção. — André, meu filho, faz tempo que não vem nos ver. O que foi que aconteceu?

Sorri para ela, Miranda me acolheu desde que era muito jovem, ela lutava para manter a filha na linha enquanto cuidava de um órfão de coração quebrado.

— Muito trabalho, Mira. Quero que conheça a Joana.

Miranda era uma senhora em seus sessenta anos, avó da pequena em meus braços, a mãe da menina tinha se perdido para as drogas e ela ficou com a guarda da Livia. Eu ajudava no que podia e sempre estava por ali. Ela me tomou como seu filho e eu gostava daquela sensação. Mira sorriu enquanto se aproximava, quando o nome da minha Jô bateu em sua memória. Percebi o exato momento que isso aconteceu porque seus olhos se arregalaram e ela abriu a boca colocando a mão no peito.

— Oh, meu Deus! Ela é a *sua* Joana?

Não pude fazer outra coisa, senão sorrir e assentir, feliz.

Capítulo 16

*Sonho, sexo, paixão
Vontade gêmea de ficar e não pensar em nada
Planejando pra fazer acontecer ou simplesmente
Refinando essa amizade
Eu vou dizendo na sequência bem clichê
Eu preciso de você
(Balada do amor inabalável – Skank)*

Joana

O sorriso feliz e pleno no rosto do Deco fez meu coração dar cambalhotas em meu peito.

O dia tinha começado mais que perfeito, vê-lo ao meu lado de olhos fechados foi como estar sonhando. Estava tudo virando realidade, me eximi de toda a culpa que poderia me atormentar e resolvi viver aquele amor. Bernardo estaria sempre enraizado em meu coração, foi meu primeiro namorado, amante e amor. Infelizmente sua vida fora arrancada de nossos braços, mas eu tinha que continuar vivendo. Entregar-me para a tristeza não era o caminho. Eu não faria isso comigo e nem com o André. Ele também perdeu seu amigo e irmão e precisava de mim agora.

Quando entramos naquele pequeno restaurante à beira da estrada de terra eu não sabia o que encontrar, mas com certeza não era uma linda menina com um sorriso encantador e uma senhora que me olhava com tanta admiração em seus olhos castanhos.

— Sim, Mira. É ela! — Deco virou-se para mim sorrindo e piscou um olho. — Jô, essa é Miranda. Dona do restaurante e avó dessa menina linda.

A senhora se aproximou com a mão ainda em seu peito e seu rosto espantado, levantou as duas mãos e envolveu minha face, olhou em meus olhos e sorriu.

— Ela é muito mais bonita do que você disse, André.

— É sim! — Ao ouvi-lo, Miranda sorriu ainda mais.

— Eu ouvi esse menino falar de você por quase oito anos. Desculpe minha emoção, mas vê-los juntos assim é quase mentira.

Engoli em seco, não entendendo muito bem o que ela disse. Como assim, oito anos? Isso era antes do Bernardo falecer.

A senhora sorriu ternamente e se afastou, deu um passo atrás olhando para André, que só sabia me observar com carinho em seus olhos. Ela balançou a cabeça e bateu palmas chamando nossa atenção. Bem, parecia que eu também estava distraída.

— Vamos crianças, se vieram aqui é porque querem encher a barriguinha! Vem Livia, deixa o André se acomodar com a amiga. Com licença, querida, tenho que ajeitar o almoço. — Assenti e observei a menina descer dos braços do Deco e acompanhar a avó.

Virei-me para ele, que sorriu acenando com a cabeça para uma mesa de canto. Acompanhei-o em silêncio. Quando nos sentamos um de frente para o outro, olhei em seus olhos e podia jurar que nunca o tinha visto tão feliz.

— Eu sei que você quer explicações. — Assenti e ele sorriu. Olhou para a cozinha onde Miranda e Livia tinham desaparecido. — Bem, eu comecei a vir pra cá quando tinha uns dezenove anos. Encontrei o lugar aonde vou te levar, porém, em um dia esqueci de trazer o que comer, estava faminto. Entrei para almoçar nesse restaurante e conheci Miranda e sua filha adolescente. Depois de um tempo resolvi voltar e fiz amizade com a Mira, ela foi essencial na minha vida, Jô. Foi verdadeiramente a mãe que não tive. Quando perdemos Bernardo e você sumiu, eu praticamente me enterrei aqui. Por isso ela sabe tanto sobre você. Mas, enfim, a sua filha de dezesseis anos engravidou e entrou no mundo das drogas, ela morreu de overdose quando Livia não tinha nem um ano, você sabe quanto essa história mexe comigo por causa do meu passado. Agora a pequena está com quatro anos e eu ajudo com algumas coisinhas.

Nossa, eu tinha que absorver tudo de uma vez. Era triste ver que a perda do Bê e a minha em seguida mexeu com ele, que teve que depender do carinho e da atenção de estranhos. Eu fiquei feliz em saber que Deco tinha com quem contar. Ele sempre fora muito quieto. Somente eu sabia que era órfão, nem mesmo Bernardo tinha essa informação. Ele não gostava que sentissem pena dele e eu o compreendia. E passar por uma situação semelhante ao que vivenciei na sua infância devia ter mexido muito com ele na época, suspeitava que ainda o balançasse.

— Eu gostei delas! Você vem aqui com frequência?

— Sim, mas não tenho vindo por alguns meses. Estava sentindo falta da comida da Mira.

— Que já está na mesa! — Miranda nos interrompeu colocando dois pratos cheios de arroz, feijão, farofa, angu e costelinha de porco. — Já vou trazer a travessa com a couve e as laranjas para sobremesa.

Deco sorriu, olhando para a senhora, e voltou a cheirar o prato.

— Obrigado Mira, parece maravilhoso. Você vai adorar, Jô. Mira é uma cozinheira de mão cheia!

— Que isso, menino, assim você me deixa envergonhada!

Ele sorriu e balançou a cabeça enquanto olhava para a ponta do balcão. Segui seu olhar e vi que a pequena Livia nos observava no cantinho, meio escondida e com o dedinho na boca.

— O que foi, Lili? Por que não chega mais perto? Nunca foi de se envergonhar comigo!

Mira sorriu e acenou com a mão.

— Ela tá num daqueles dias que pergunta por que não tem mãe e me questionou se a Joana poderia ser. Desculpem, não devia ter falado.

Meu coração afundou e meus olhos encheram-se de lágrimas pela menina e pelo Deco também, pois, ao olhar para ele, vi que a expressão em seu rosto era de muita dor.

— Vem cá, Livia! — A menina olhou para a avó pedindo permissão e quando a senhora assentiu ela caminhou devagar até parar do meu lado, envolvi seus pequenos ombros com um braço e peguei seu rostinho. — Olha, eu não posso ser sua mamãe porque você já a tem na vovó Mira, mas posso ser sua melhor amiga. O que acha?

Os olhinhos castanhos de Livia brilharam de lágrimas.

— A vó Mira é minha mamãe? — Sua testa franziu parecendo confusa.

— Bem, sim! Ela não cuida de você, te dá carinho, amor e conta histórias para você dormir? — Livia assentiu e eu sorri. — Então, é como uma mamãe!

— Oh! Então, eu acho que podemos ser amigas! — Sorriu e beijou minha bochecha saltitando em direção aos fundos do restaurante.

Levantei meus olhos para Miranda, que chorava e subitamente me deu um abraço tão forte que meu corpo protestou do aperto.

— Obrigada, filha! Eu nunca sei o que dizer a ela quando pergunta da mãe. Você não tem ideia do bem que fez a nós, meu Andrezinho tem sorte de tê-la em sua vida.

Ela se afastou e olhei nos olhos do homem que mantinha minha alma nas mãos.

— Não, eu que tenho a sorte de tê-lo na minha.

Ela sorriu e se afastou, ainda suspirando. Achei que André iria dizer alguma coisa, mas ele estava um pouco sério. Parecia emocionado e não disse nada.

Almoçamos e conversamos um pouco, falamos de coisas do nosso dia a dia e percebi que Deco ajudava Miranda a cuidar da neta, por uma coisa ou outra que deixou escapar, ele auxiliava mais do que tinha dito. Eu não conhecia esse lado dele e amei saber que poderia passar anos e sempre me surpreenderia. Nem preciso dizer que a comida estava maravilhosa. Saímos com a promessa de retornarmos logo e peguei Miranda olhando para mim com lágrimas nos olhos diversas vezes.

Voltamos para o carro e percorremos uma estrada de terra por mais meia hora até André parar num local gramado cercado de árvores. Ele se virou para mim com um brilho saudoso em seus olhos, que me surpreendeu.

— Eu descobri esse lugar quando éramos adolescentes, vinha aqui para espairecer e pensar em você sem sentir culpa de desejá-la. — Respirou profundamente e virou-se para mim.

Sorri para aquele homem que salvou minha vida de tantas maneiras que não saberia como

enumerá-las. Desci do carro e dei a volta esperando que ele pegasse a cesta de piquenique no banco traseiro. Quando Deco se aproximou, deu um beijo em minha testa. Seus olhos fixaram nos meus e ele sorriu. Aquele sorriso fazia com que meu coração acelerasse em meu peito, pois sabia o quanto meu Deco já havia sofrido na vida.

Por alguns segundos, nós caminhamos por uma trilha fechada, enquanto André mantinha sua mão firme na minha. Quando paramos, ele voltou-se para mim e estendeu a mão.

— Esse é o meu refúgio, Jô! Nunca trouxe ninguém pra cá, queria dividi-lo com você desde que o encontrei.

Meus olhos captaram cada detalhe do lugar. O refúgio do André nada mais era que uma linda cachoeira rodeada de pedras e vegetação, que caía divinamente numa piscina de água cristalina. Era de tirar o fôlego, senti uma paz dentro de mim que por um segundo esqueci como respirava.

— Uau, esse lugar é maravilhoso!

— Eu sei! Adoro esse lugar... — Sua voz tinha uma entonação de melancolia e ele sorriu caminhando para um lado de grama rasteira debaixo de uma árvore.

— Como já almoçamos podemos deixar o lanche para mais tarde. O que acha?

— Claro. Na verdade, acho que estou satisfeita até amanhã — brinquei, sentando-me na grama.

Olhei para ele, que admirava minhas pernas expostas pela bainha curta do meu vestido.

— Vem cá! — Bati na grama ao meu lado.

Deco corou envergonhado por ter sido pego em flagrante, eu ri internamente, pois perdi a conta de quantas vezes me culpei por isso, por querê-lo demais. Balancei a cabeça impedindo que pensamentos autodestrutivos se infiltrassem em minha mente.

Ele se acomodou ao meu lado dobrando as pernas e apoiou os cotovelos nos joelhos. Deco olhou para mim e estendeu a mão roçando os dedos em meu rosto.

— Sempre quis te trazer aqui!

— E por que não o fez?

— Porque prometi trazê-la aqui somente quando fosse realmente minha.

Engoli em seco quando meu coração falhou uma batida.

— Isso quer dizer que sou sua agora?

Ele pegou meu queixo e passou o polegar em meus lábios entreabertos. Nunca me acostumaria com a sensação do seu toque, sempre fora proibido senti-lo e agora que era permitido tinha um gosto de vitória, de sempre querer mais. Muito mais!

— O que você acha, Jô?

Seus olhos brilhavam com desejo e amor. De repente, meu corpo esquentou e me senti nua em seu escrutínio.

— Acho que *ainda* não o sou completamente.

Pude ver como se fosse em câmera lenta cada detalhe da reação do Deco à minha declaração. Seus olhos se arregalaram, a boca se abriu, sua respiração engatou num ritmo acelerado, a pulsação do sangue em sua têmpora podia ser contada a olho nu e, por fim, sua mão caiu tensa do meu rosto.

— O que você quer dizer com isso? — Sua voz soou mais grossa e rouca.

— Exatamente o que parece!

— Mas você não acha cedo? Quero dizer, não que eu ache isso, mas... Deus, estou parecendo um virgem! — Passou a mão entre os cabelos, exasperado.

— São onze anos esperando, André! Acho que não é cedo.

Respirou profundamente e percebi que sua mão tremia, ele olhou para a cachoeira parecendo perdido, sem saber o que fazer. Notei que ele não tomaria a iniciativa e subitamente um desespero de pertencer inteiramente a ele me tomou. Tomando coragem, me ajoelhei e peguei seu rosto entre minhas mãos, observei quando ele passou a língua em seus lábios, me encarando.

— Eu quero você!

Deco fechou os olhos e eu não perdi mais tempo, beijei seus lábios com todo o amor que havia em meu coração. André pareceu surpreso de início, mas logo se recuperou quando seus lábios se moveram contra os meus com volúpia. Ele segurou em meu pescoço, prendendo sua boca na minha enquanto meu corpo cantava de desejo.

Todos os meus sentidos estavam em alerta e, quando desgrudamos nossas bocas em busca de ar, seus olhos negros pareciam uma noite sem estrelas.

— Tem certeza disso, Joana?

— Tanta certeza quanto eu quero respirar!

Seu corpo todo relaxou e André tomou meus lábios, mais uma vez, deitando-se na grama verde e me puxando para apoiar-me em seu peito. Eu sabia que nos encaixávamos perfeitamente desde o dia no chuveiro, mas estar com ele assim, sem reservas, era muito melhor.

Suas mãos grandes passearam por meu corpo fazendo com que um gemido rouco escapasse de mim. André olhou em meus olhos e colocou um cacho dos meus cabelos atrás da minha orelha.

— Eu esperei tanto por isso que estou nervoso — sussurrou, sorrindo timidamente. — Acho que posso não ser tudo que você espera, tenho medo das suas expectativas.

Meu coração acelerou e tracei o contorno dos seus lábios perfeitos com o dedo.

— Vai ser lindo! Eu não estou com medo, não mais! Só me ame com tudo o que você tem. Será perfeito!

Capítulo 17

*Eu sinto sua falta
Não posso esperar tanto tempo assim
O nosso amor é novo
É o velho amor ainda e sempre
(Tão seu – Skank)*

Deco

Estava parecendo um adolescente inexperiente — e eu não era um cara inocente —, até lembrei da minha primeira vez. Perdi minha virgindade aos quatorze anos com uma amiga do orfanato. Nós éramos realmente próximos, nossas histórias de vida eram semelhantes até demais, e um dia que ela fora repreendida injustamente pela diretora eu a consolei, uma coisa levou a outra e acabamos tendo a nossa primeira experiência juntos. Na época foi estranho e não se repetiu até eu completar dezesseis anos com uma menina da escola. Eu era um jovem com o coração quebrado e passei a descontar minha frustração no sexo aleatório.

Contudo, naquele momento eu estava com quem sempre quis. Queria beijar a boca que sempre ansiei, acariciar a pele que tanto desejei. A confiança que Joana depositou em mim me deixou muito nervoso e mal conseguia pensar, então resolvi deixar os instintos assumirem.

Com Jô deitada em cima de mim podia sentir o contorno do seu corpo perfeitamente, seus seios macios pressionavam meu peito e deslizei minhas mãos por suas coxas subindo seu vestido até o quadril, apertei suas nádegas enquanto gemia em seus lábios. Meu corpo vibrava e gritava pelo dela. Beije-a com sofreguidão e seu gosto era como mel. Jô se entregava a cada toque com tanta confiança que fazia meu coração se inchar de orgulho, nunca imaginei que pudesse ser tão paciente no sexo, normalmente transava sem sentido, não me importava com tantos detalhes e carícias. Podia ser um pouco frio, mas era assim que conseguia ser. Eu nunca tinha feito amor! Porém, com *ela* queria apreciar cada mínimo detalhe daquele ato.

Subi minha mão por seu quadril apertando sua carne delicada, preendi-me a ela como se quisesse nos fundir em um só. O desespero que experimentei anos atrás quando a tive em meus braços por alguns segundos tomou conta de mim, eu precisava sentir mais dela, tinha que ter certeza que era real. Soltei sua boca e me recusei a abrir os olhos, tinha medo de que tudo evaporasse.

— Me diz que é real! Fala pra mim que eu não vou acordar sozinho!

Meu peito subia e descia com minha respiração acelerada, estava desesperado, enlouquecido. Muitas emoções guerreavam dentro de mim.

— André, olha pra mim! — Neguei com a cabeça, estava inseguro e envergonhado por me sentir tão vulnerável. — Abre os olhos, por favor?

Fiz o que me pediu e me deparei com Jô sorrindo para mim, me observando com tanto carinho que tive que me esforçar para engolir o nó que se formou em minha garganta.

— Sabe aquela música que eu gostava da Shania Twain?

— Sei, aquela que você chorava toda vez que ouvia e eu brigava contigo porque não gostava de te ver chorando.

Joana sorriu, acariciando meu rosto delicadamente, e tive vontade de fechar os olhos e me inclinar para o seu toque.

— Essa mesma! Bem, o motivo de ela me emocionar era porque me fazia pensar em você. Quando ouvia *From This Moment On* não podia impedir que meu coração sangrasse por um amor que não poderia viver. — Ela suspirou enquanto me olhava nos olhos, muito séria. — Sempre quis dizer aquelas palavras para você e agora eu posso.

Joana se aproximou do meu ouvido e cantou baixinho um trecho da música. Sua voz era doce e deliciosa.

"Eu juro que sempre estarei ao teu lado

Eu darei qualquer coisa e todas as coisas

E eu sempre me importarei

Na fraqueza e na força

Felicidade e tristeza, no melhor, no pior

Eu te amarei a cada batida do meu coração"

Ela se afastou com lágrimas escorrendo por suas bochechas e em seu rosto havia um sorriso lindo que a deixava ainda mais bela.

— É tão real quanto precisa ser, meu amor!

Puxei-a pela nuca e devorei seus lábios, não tinha calma dessa vez. Precisava afirmar tudo o que sentia por Joana! Virei-me, trocando nossas posições e a tinha debaixo de mim. Ela era a visão do paraíso, porque seus lindos cabelos encaracolados estavam espalhados na grama e seus olhos brilhavam de desejo.

As palavras já não eram mais necessárias!

Acaricieei seu corpo macio por cima do tecido fino do vestido, deslizei minha mão de sua cintura até os seios fartos. Senti-la era maravilhoso. Abaixei a cabeça beijando seus lábios, rosto, pescoço, colo, ombros, braços... Então, a roupa me atrapalhou. Levantei meus olhos e a encarei. Agora e para sempre ela seria a *minha* Jô! Levei a mão até a alça do seu vestido deslizando-o por seus braços, e com a ajuda dela não foi difícil. Com seu olhar preso ao meu, ela se virou deslizando o zíper que prendia a roupa em seu corpo e sorriu.

Descobri seus seios com cuidado e tive que fechar os olhos, tamanha a beleza que se apresentava à minha frente. Joana tirava completamente o meu fôlego.

— Você é perfeita! — Seu enorme sorriso me fazia sentir o homem mais poderoso do mundo! Quando alguém sofre e chora demais, uma pontinha de felicidade faz a diferença naquela vida, pois um momento de alegria plena transforma uma alma.

Corri as pontas dos dedos em seu peito, ela não usava sutiã. Joana tinha a pele morena e livre de imperfeições, mas seus seios pareciam obras de arte. Fartos, macios e rosados. Os bicos estavam túrgidos e clamavam por minha boca. Capturei seus mamilos deslizando meus lábios vagarosamente saboreando-os. Jô gemia e se contorcia embaixo de mim. Prendi minhas mãos em suas costelas forçando meu próprio desejo se manter na rédea.

Soltei seu seio e dei atenção ao outro, os gemidos dela aumentavam e me enlouqueciam. Levantei a cabeça e me afastei um pouco, ao ver Joana naquele estado, no lugar onde sempre usei para pensar, era uma visão bela demais.

Terminei de tirar seu vestido que estava amontoado em sua cintura. Meus olhos bebiam de sua beleza quase etérea.

— Eu nunca vou me esquecer dessa visão.

— Você não vai precisar!

Assenti feliz com sua resposta, isso queria dizer muito mais do que parecia. Deslizei minhas mãos por sua barriga plana, levemente arredondada no ventre. Joana não fazia o biótipo magro, seu corpo era torneado e cheio de curvas sensuais e maravilhosas. Retirei sua calcinha e me perdi por um momento. Sonhei tantas vezes em tê-la em meus braços que quando iria acontecer tudo parecia surreal.

— Você vai ficar só olhando? Estou ficando envergonhada.

Levantei os olhos sorrindo para Joana, ela realmente estava com o rosto e seios afogueados. Perfeita!

— Estou gravando em minha memória o quanto você é linda! — Tracei o dedo por baixo dos seus seios enquanto o deslizava em suas costelas e barriga.

— Deco, para com isso! Quero sentir você dentro de mim!

Meu coração disparou e uma ansiedade nunca sentida tomou conta do meu peito. Parecia que duas mãos de ferro esmagavam minhas costas. Fechei os olhos...

Ajoelhei-me e retirei minha camiseta, bermuda e cueca. Engoli em seco e deitei, colando-me em

sua carne. O toque da sua pele nua na minha distribuiu arrepios por meu corpo, delíciei-me com a sensação como se bebesse o vinho mais caro. Roci meu peito em seus mamilos sensíveis e fechamos os olhos com o atrito delicioso.

— Meu Deus, Deco! Isso é maravilhoso. Por favor, não me faça esperar! Já esperamos tempo demais!

Assenti enterrando a cabeça em seu pescoço perfumado. E me lembrei de algo que não tinha, até então, me tocado.

— Jô, acho que não podemos.

— Por que, pelo amor de Deus? — Ela parecia meio exasperada e foi inevitável sorrir.

— Não trouxe camisinha, não esperava que fosse acontecer.

Ela sorriu e envolveu meu rosto em suas mãos quentes. Qualquer carinho vindo da Jô era maravilhoso.

— Não tem problema! Eu estou tomando anticoncepcional, tomo desde os quatorze anos.

— Graças a Deus! Eu estou limpo e nunca transei sem preservativo.

— Confio em você!

E isso queria dizer muito!

Abri espaço entre suas pernas com os joelhos e puxei-as prendendo em meu quadril, meu corpo ficou tenso quando nossos sexos se encostaram. Joana estava molhada de excitação e não foi difícil deslizar para dentro do seu calor.

Nossos corpos se encaixavam perfeitamente e Joana se contorcia de prazer. Meu coração estava cheio de tanto amor!

Com um braço enlacei sua cintura colando nosso peito, com o outro envolvi um lado de sua bochecha. Colei nossas testas e roci meus lábios em sua boca enquanto me movia muito lentamente.

Seus olhos marejados estavam grudados nos meus e me recusei a desviar o olhar mesmo que tivesse vontade, tamanha a intensidade daquilo tudo. Meu corpo cantava de felicidade por, enfim, estar aonde pertencia, minha alma se regozijava e meu coração explodia de tanto sentimento.

Parecia mentira que tudo estava acontecendo, precisava ter certeza de que tudo era real. Sofri tantos anos amando em segredo, me culpando por amar em primeiro lugar. Abdiquei da minha felicidade por outra. Quase a perdi tantas vezes. Passamos por tantas provas de que nosso amor era grande o suficiente para que o merecêssemos.

Meu quadril subia e descia e o aperto do meu braço em sua cintura se intensificou. Deslizei a mão no seu rosto e enredei os dedos nas mechas macias dos seus cabelos. Beije seus lábios e gemi um soluço rouco, Joana me abraçou apertado e fechou os olhos.

Eu a amei como desejava por muito tempo.

— Olha pra mim! Quero ver quando você gozar, quero saber que sou eu a colocar o prazer em seu rosto.

Suas íris verdes mergulhadas em lágrimas de felicidade abriram-se, se eu não estivesse deitado teria cedido de joelhos no chão. A minha mulher era a mais perfeita obra de Deus.

O êxtase nos atingiu calmamente, ele veio como uma brisa fresca acalmando nossos corações que já sangraram demais. Senti meu amor por ela se enraizando dentro de mim. Ela pertencia a mim e eu a ela! Meu coração há muito tempo capturado estava em casa. Aonde sempre desejou!

O orgasmo nos deixou ofegantes e apoiei-me nos cotovelos. Minha respiração estava acelerada e abri meus olhos. Nem tinha percebido que os tinha fechado. Joana me encarava sorrindo, devolvi seu sorriso e acariciei o seu rosto. Beijeí sua boca levemente e sussurrei entre seus lábios:

— Amo você, Jô! Agora eu posso gritar para o mundo inteiro ouvir. — Levantei minha cabeça jogando para trás e gritei a plenos pulmões. —VOCÊ É MINHA JOANA!

Capítulo 18

*Deixa eu dizer que te amo
Deixa eu pensar em você.
Isso me acalma
Me acolhe a alma
Isso me ajuda a viver
(Amor I Love You – Marisa Monte)*

Joana

Estou vivendo um momento de felicidade plena!

Passei por vários momentos em minha vida e nenhum deles se comparou a estar nos braços do André, recebendo seus beijos, carinhos e toques que faziam o meu corpo queimar. Para alguns seria cedo demais, não tínhamos nem tido um encontro de verdade. Mas, na realidade, passaram-se onze anos em que eu desejei estar exatamente onde estava.

Por desencontros e mal-entendidos do destino não pudemos usufruir do que sentíamos. Só que talvez fosse para ter sido dessa maneira, eu era muito imatura quando o conheci e Deco sempre foi muito intenso, com muito mais bagagem sentimental. Nosso amor poderia não ter sobrevivido às dificuldades que um relacionamento traz. Sempre acreditei que tudo tem sua hora, seu momento.

Bernardo foi uma parte essencial da minha vida e a construção do que sou hoje. Perdê-lo foi muito difícil, pois eu o amava sim, contudo não tanto quanto ele merecia ou como eu amava o André. Suportar aqueles anos ao lado dos dois, amando-os tanto e me culpando por isso foi um dos maiores desafios que enfrentei na vida. E quando Bê morreu achei que era um castigo por ser quem eu era, sentir o que eu sentia.

Talvez até agora você não tenha entendido minha cabeça e nem os meus sentimentos, eu também não entendo, é um pouco complexo. Na verdade, sentimentos são assim! Quem consegue explicar o amor? Por que amar aquela pessoa? Por que seu coração não escolheu a outra, se era lhe dado de tão boa vontade? São incógnitas que nunca serão respondidas. As coisas são como são e ponto-final.

Quando conheci Deco e Bernardo era para ter ficado com o André, mas com meu histórico de

rejeições, a incapacidade dele em se deixar amar e o altruísmo de deixar o amigo viver aquele sentimento nos levou a tudo que passamos.

Eu queria que Bernardo estivesse vivo, ele era meu amigo e companheiro. Com o passar dos anos em que ficamos juntos nossa amizade se fortaleceu, porque eu o conheci como ninguém mais. Se tivesse ficado no *status* de apenas amiga, não teria visto como ele era especial. Sua vida sempre fora controlada e certinha, e ele viu em mim uma fuga. Eu era instável depois que conheci o Deco. Livre de amarras! Somente o medo de ser ignorada que prevalecia. E o Bê sugou de mim cada partícula de felicidade e liberdade que tinha. Ele se tornou de certo modo alguém diferente por estar comigo. Porém, lembrando o passado, ele estava diferente antes do fatídico dia, um pouco frio e estagnado. Parecia concordar com tudo que eu dizia e na minha cegueira de felicidade por estar me casando, por estar pertencendo a alguém, a alguém que me amava e me queria bem, não percebi isso acontecer.

E muitos desses pensamentos me arrastaram para uma depressão e autodestruição quando ele se foi.

Quando decidi seguir minha vida e colocar em minha cabeça que não mandava em meu coração, que não era minha culpa Bernardo ter sofrido aquele acidente, consegui viver novamente.

Estar naquela cachoeira com Deco era a realização do meu mais secreto desejo.

Depois de fazermos amor, André deitou-se na grama e me abraçou apertado. Como eu havia levado uma cesta de piquenique também tinha um cobertor lá dentro. Nos cobrimos escondendo a nossa nudez; mesmo que ali fosse um pouco isolado, ele não queria correr riscos.

Permanecemos em silêncio, porque as palavras não eram necessárias. Deitei em seu peito e fiquei escutando seu coração bater, sentia sua respiração calma em meus cabelos. Estávamos finalmente em paz, usufruindo daquele sentimento que fomos presenteados.

— O que você está pensando? Está tão quietinha...

Levantei a cabeça do seu peito e o olhei, sorrindo.

— Nada, tudo é muito surreal. Às vezes me pergunto se realmente é verdade.

— Claro que é. — Deslizou os dedos pelo meu rosto num carinho suave.

— Tem uma coisa que me pergunto desde o dia que nos encontramos no cemitério e você disse que sempre me amou. — Virei o rosto e o encarei. — Por que desistiu de mim?

Deco encostou a cabeça no travesseiro improvisado com nossas roupas e respirou fundo olhando para as folhas em cima de nós.

— Lembra aquele dia que fomos à sua casa quando entramos de férias? O primeiro ano depois que nos conhecemos? — Assenti, não tinha como esquecer aquele dia em que mudei completamente o rumo que meu coração queria tomar. — Bem, eu estava com muita saudade e quando Bernardo apareceu na minha casa fiquei tão feliz de poder ir te ver, mesmo com uma desculpa de ele ter

tomado a iniciativa, mas de qualquer maneira já estava ensaiando de te encontrar, deveria ter ido. No meio do caminho, Bê parou e disse que estava apaixonado, que tentaria te conquistar.

Deco falava enquanto brincava com os cachos dos meus cabelos que caíam em minhas costas, agora descobertas.

— Meu primeiro impulso foi lutar. Pensei em mil maneiras que poderia fazê-lo desistir, convencer você de que éramos compatíveis e que devíamos ficar juntos, mas eu estava tão acostumado a não ter nada que achei que seria fácil perder, mais uma vez. Engano total! Olhei para o meu amigo, que estava animado e nervoso, coisa que não era comum. Então, percebi que o amava também, não podia fazer meu irmão sofrer. Tomei a dor de vê-la com outro para mim. — Ele abaixou a cabeça, beijou minha testa ternamente e sorriu.

Fiquei encarando-o por alguns minutos e percebi que apesar de tudo nós sofremos separados, desejando e amando um ao outro em segredo por um só motivo: amor. Amávamos Bernardo e não queríamos que ele sofresse. E consequentemente nos perdemos no caminho.

— Aquele dia eu fiquei tão confusa e magoada... Estava sentindo falta de vocês, que eram tão importantes na minha vida, e não sabia como agir. Tive sentimentos contraditórios por você, lembro-me de ficar deitada em minha cama pensando em como seria te beijar, queria ter certeza de que era correspondida antes de tomar qualquer decisão. Você sabe como eu tinha medo de rejeição, até fazer amizades era complicado. Então, Bê ficou todo atencioso e você distante, porque foi embora com a loirinha. Achei que isso era o sinal que eu precisava, já que não estava na mesma página que eu. — Respirei fundo, acomodando minha cabeça para olhá-lo mais confortavelmente. — Depois que se esqueceu do meu aniversário foi o ponto-final, pelo menos acreditei que sim, no que eu sentia por você! Então, decidi dar uma chance ao Bernardo, por que quem mais iria me amar a não ser ele?

André trancou o maxilar fazendo com que um músculo pulsasse em sua mandíbula. Seus olhos mediam cada centímetro do meu rosto.

— Eu te amei tanto Joana que, quando ia para casa depois de um dia na escola vendo vocês de abraços e beijos, só queria dormir, me esconder do resto do mundo e ficar me lamentando por ter deixado você escapar entre meus dedos. — Ele respirou fundo, fechando os olhos. — Fico pensando se isso devia mesmo ter acontecido, desde que nos conhecemos éramos para ter ficado juntos! Será que fizemos o certo? Bernardo foi feliz assim?

— De que adianta ficar remoendo isso, Deco? Só vai nos fazer sofrer. Bê foi feliz à sua maneira, você sabe que ele nunca se soltava o suficiente para ser completo!

Deco acenou e beijou o topo da minha cabeça com os olhos fixos no céu azul com nuvens brancas acima de nós.

— Eu sei, o que importa é que agora estamos juntos.

Ele abraçou-me apertado, puxando meu corpo para cima do dele. Olhou em meus olhos cheio de desejo e meu corpo esquentou clamando pelo dele. Nunca havia me sentido dessa maneira e aqueles

lábios carnudos e vermelhos pediam por um beijo.

— Não sei como vivi todos esses anos sem você, Joana. Acho que, na verdade, eu não vivi, apenas passei os dias esperando que você voltasse para ser minha.

Inclinei-me e aproximei nossos rostos, estávamos com os lábios quase colados.

— Sempre serei sua, Deco!

Ele levantou as mãos e puxou-me pelo pescoço beijando minha boca com força, nossas línguas se encontraram fazendo com que meu corpo se arrepiasse, seus dedos massageavam entre os meus cabelos. Deco se afastou fazendo que nossas bocas se desgrudassem, provocando um estalo.

— Você só pode dizer isso se for verdade, Joana. Eu não tenho mais paciência para esperar e nem quero perder mais nada em minha vida. Promete pra mim que sempre será minha e que nunca vai se afastar aconteça o que acontecer?

— Prometo!

Ele sorriu e me afastou, levantou-se e estendeu a mão. Fiquei de pé olhando para ele, curiosa. Estávamos no meio do mato, pelados e nos observando, esperando qual seria o próximo passo. Subitamente Deco me pegou pela cintura e puxou-me de encontro ao seu corpo, imediatamente enlacei minhas pernas em sua cintura e ele andou até a beira da piscina natural. Quando entramos, assustei-me com a água gelada, mas estar em seus braços fortes me fazia esquecer de todo o resto. Sem desprender seu corpo do meu, ele andou até onde estava uma pedra ao lado da queda da cachoeira.

André me apoiou e acomodou-se à minha frente. Seus olhos se fixaram em meus lábios e automaticamente os entreabri. Ele tomou posse da minha boca e fechei os olhos, seu corpo se encaixou no meu enquanto suas mãos faziam magia.

Ele deslizou os lábios por minha pele molhada, beijando meu pescoço sugando a água límpida da cachoeira. Minhas mãos agarraram seus bíceps, pois sentir essa felicidade de pertencer a ele era demais. Fazia com que meu coração explodisse em meu peito.

Toda a tristeza e dor do passado se dissiparam em nosso ato de amor. Um lugar que ele usava para se esconder e até mesmo fugir dos fantasmas que o assombravam, tornou-se nosso templo de felicidade, onde, enfim, pudemos ser livres para viver aquilo que nos negamos.

Seu corpo se encaixou no meu e joguei a cabeça para trás deixando que a água nos banhasse, abençoando nossa união. André se movia em mim como uma bela canção, entoávamos nosso amor e vivenciávamos realmente. Não era mais um sonho.

Me entreguei ao êxtase e tive a certeza de que nunca me esqueceria daquele momento.

Deco me abraçou ainda dentro de mim e senti seu peito vibrando com uma risada rouca. A voz daquele homem sempre mexeu comigo, desde a primeira vez que a ouvi.

— O que é tão engraçado? — Ele se afastou para me olhar nos olhos, a luz do sol banhava sua pele e o deixava ainda mais bonito.

— Nada engraçado, meu anjo, só estou feliz e me deu vontade de rir.

Envolvi seu rosto entre minhas mãos e beijei seus lábios molhados.

— Acho que tá começando a ficar frio aqui, mas não quero que acabe!

— Não vai, Jô! Vamos voltar aqui mais vezes e nos amar debaixo d'água. Não tem ideia de quantas vezes sonhei e imaginei estar assim com você bem aqui.

Ele me encarou por alguns minutos e sua expressão era de saudade. Respirou fundo e saiu de dentro de mim, meu corpo reclamou pela ausência de sua carne quente e me arrepiei de frio. Deco riu e me pegou em seus braços, mais uma vez. Caminhou até onde estavam nossas roupas e envolveu meus ombros com o cobertor, esfregou-o em minha pele secando resquícios do nosso amor. Mas a sensação dele dentro de mim e de pertencer por completo ao homem que sempre amei estava gravada em minha alma.

— Está pronta para comer agora? — Deco perguntou vestindo a bermuda.

— Com certeza! Depois de todo o exercício que fizemos estou faminta. — Terminei de fechar o vestido e fiquei de joelhos no cobertor úmido tirando as coisas que trouxe de casa da cesta.

— Nossa, mas você trouxe comida para um batalhão.

Olhei seu rosto bonito, além de seu sorriso feliz, e meu peito se encheu de orgulho. Deco sempre foi um carente turrão, nunca admitia certas coisas. E vê-lo daquela maneira era fascinante.

— Eu sei que você come como um urso. Não me esqueço de nenhum dos nossos dias, principalmente antes de tudo complicar.

Ele ficou sério e assentiu, algumas partes do nosso passado eram dolorosas. Não que tenha sido feio ou a olho nu queria dizer que éramos infelizes. Porém, cada angústia que sentimos foi interno e guardar sentimentos pode encarcerar uma alma.

Sentou-se e encostou as costas na árvore, pegou um pacote de biscoito, abriu as pernas e me puxou de encontro ao seu peito nu. Apoiei-me meio de lado para que pudesse olhar seu rosto. Peguei uma maçã e mastiguei devagar.

— Ontem eu estava deprimida!

Deco retesou seu corpo, ele sabia o que eu tinha passado e como havia ficado em luto pela morte do Bernardo.

— Por que, Joana?

— Pensei que havia te perdido novamente, que estava se casando e não tinha nada que pudesse

fazer para mudar isso.

André suspirou fortemente e acariciou meus braços com sua mão aberta, seu coração batia forte e quando sua voz soou alta e rouca me assustou um pouco, pois estava quase adormecendo.

— Nunca vamos nos perder novamente, ok?

Assenti de olhos fechados e pensei nos momentos que passei em minha vida.

Fui um bebê ignorado pelos pais que só pensavam em si próprios, nas suas carreiras e na socialização com a alta classe, que eram mais importantes que trocar fraldas e brincar de bonecas. Passei fases da minha vida em que me perguntava constantemente onde eu havia errado por não ter o amor da minha mãe. Entrei num turbilhão de sentimentos num triângulo amoroso que não procurei, simplesmente aconteceu. Vivi a dor de perder um grande amigo e a realização do meu futuro. Senti a culpa encravando na minha alma por dar graças pelo meu amor estar vivo, quando o outro tinha ido. Perdi anos me afundando em autodestruição por algo que não dependia de mim. E, então, veio a alegria do reencontro e a tristeza de perceber que o tempo tinha passado.

E esse era o momento perfeito que vivia com o amor que meu coração escolheu. Obrigada destino, dessa vez você acertou!

Capítulo 19

*Suspirar, sem perceber
Respirar o ar que é você
Acordar sorrindo
Ter o dia todo pra te ver
(Amar é... – Roupa Nova)*

Deco

É engraçado como as coisas acontecem em seu tempo certo. Às vezes queremos apressar uma situação que não iria dar certo antes de seu momento exato. Eu gostava de me firmar a esse pensamento, era bem melhor que me lamentar por tantas perdas.

Depois que fizemos amor alucinadamente na cachoeira, ficamos deitados na grama em silêncio. Nós tínhamos um tipo de quietude que não era incômoda ou sem graça, era apenas eu e ela nos curtindo enquanto aproveitávamos o momento. Percebemos que estávamos tempo demais ali quando os raios de sol ficavam mais fracos e o céu tomava uma tonalidade alaranjada.

Recolhemos nossas coisas e fomos embora do nosso *Éden* particular. Se aquele lugar era especial antes, depois desse dia se tornaria um santuário. O caminho de volta foi regado de carinhos e palavras sussurradas de Joana em meu ouvido. Quando estacionamos em frente à sua casa, meu coração se apertou de saudade, porque lembrei-me da última vez que estivemos em sua cama e como foi maravilhoso dormir em seus braços, ou ela nos meus, tanto faz.

Desci do carro e dei a volta, abri a porta e esperei que Jô descesse com a sua cesta de piquenique, que, diga-se de passagem, foi providencial. Depois de todo o “exercício”, como ela mesma disse, ficamos famintos, tanto por comida como um pelo outro.

Entrelacei nossos dedos, era tão bom andar de mãos dadas com ela. O toque delicado de sua palma macia contra a minha que era áspera e cheia de calos reafirmava a realidade do que vivíamos. A liberdade de poder exibir a todos que estávamos juntos, de que ela era minha, me deixou um pouco eufórico desde a primeira vez que isso aconteceu, e sempre que estava perto dela pegava sua mão entre as minhas sem pestanejar.

E só para afirmar a minha posição na vida da Joana, levei seus dedos aos meus lábios e os

beije quando paramos em frente ao apartamento.

— Obrigado por esse dia maravilhoso — sussurrei olhando em seus olhos, eu estava cheio de desejo. Esse calor que queimava em mim cada vez que me aproximava dela, ou quando apenas pensava em sua risada gostosa, nunca extinguiria.

— Eu vou sentir saudades!

Levei uma mão em seu rosto e acariciei levemente, Joana inclinou o rosto para o meu toque, fechando os olhos. Abaixei-me e beije seu pescoço sentindo o seu cheiro maravilhoso, que agora estava misturado com o meu.

— Eu também, meu amor. Sempre!

Um beijo era tudo que eu queria enquanto olhava em seu rosto perfeito. Perdi a conta de quantas vezes olhei em seus olhos verdes fixando minha atenção em seus lábios carnudos e rosados, querendo... Desejando poder morder aquela boca. E agora que eu podia beijá-la sem restrições faria até cansar.

Puxei seu rosto junto ao meu e Joana esticou-se nas pontas dos pés enlaçando meu pescoço. Primeiro, seus lábios se moveram contra os meus lentamente. Apreciei aquele toque, a maciez da sua boca e tracei com a língua o contorno de lado a lado, sentindo sua suavidade e provando seu sabor. Segurei sua nuca fortemente, pois precisava de mais. O corpo da Jô se moldou ao meu, fazendo-me gemer, e eu devorei sua boca com vontade.

Afastamo-nos e seus lábios estavam inchados e muito vermelhos, eu sorri e passei o polegar em volta da sua boca. Meu peito subia e descia com a respiração rápida, parecia que depois de tê-la em meus braços, no meu corpo... qualquer toque nos faria pegar fogo.

Abracei-a e encostei meu queixo no topo da sua cabeça. Joana envolveu os braços em minha cintura e eu poderia ficar ali para sempre. Abaixei o rosto e sussurrei:

— Vou sentir sua falta, amo você. — Soltei-a, dando um passo pra trás.

Joana me olhou como se estivesse decidindo alguma coisa, fechou os olhos e virou-se, porém, antes de entrar no portão, virou o corpo em minha direção e mandou um beijo no ar, peguei-o e guardei no coração, sorrindo. Ela riu e balançou a cabeça.

Fiquei algum tempo parado ali e depois fui embora. Em casa, tomei um banho refrescante relembrando cada detalhe daquele dia perfeito. Ao deitar na minha cama fechei os olhos com um sorriso no rosto.

Algo perfeito poderia ficar melhor?

Normalmente segunda-feira é chato e atribulado, parece que todo mundo decide despejar seus problemas em cima de mim, mas, para variar um pouco, foi o melhor começo de semana de todos os tempos, só perdia para o dia em que a vi pela primeira vez.

Tudo bem que o trabalho não rendeu nada e no meio da manhã eu desisti de tentar me concentrar nos papéis à minha frente. Estava com saudades de atender a clientela e fazer o que me levou a estar aonde cheguei: vender e consertar carros.

Trabalhei por anos numa oficina e, aos poucos, juntei um dinheiro e consegui abrir a minha própria, com o tempo obtive empréstimos e montei minha concessionária. Financeiramente me realizei com certa “facilidade”, no emocional que demorou mais. Levou muito tempo, além muitas dores e lágrimas para que a felicidade plena enchesse meu peito.

Vi Rafael atendendo uma mulher por volta dos trinta anos e ele estava jogando todo o seu charme e carisma, foi exatamente isso que o fez ganhar o cargo de gerente, e, por mais que ele fosse de boa aparência, o que mais contava era sua habilidade de socialização. O cara era ótimo no que fazia. Mas eu tinha que ter uma conversa séria com ele, pois, pelo que percebi, Rafa e Jô eram amigos íntimos. E eu não gostava nada da ideia de ele achar que tinha algum direito sobre ela.

Fui atender a um cliente que estava sozinho olhando para um dos carros em exposição. Quando terminei e o encaminhei para fazer sua ficha percebi que Rafa também estava desocupado. Quando ele me viu, abriu seu costumeiro sorriso sarcástico e estreitei meus olhos pra ele, que o fez rir ainda mais.

— Precisamos conversar! — falei logo que me aproximei.

Rafael arqueou uma sobrancelha e coçou o queixo tombando a cabeça de lado.

— Precisamos? Não imagino o que seja!

— Não seja idiota! Sabe muito bem o que eu quero falar contigo.

Ele bufou e virou-se indo em direção à sala de descanso, onde os funcionários tiravam seus intervalos. Rafael sentou-se num grande sofá marrom e apoiou os braços no encosto, escorando uma perna no joelho dobrado e me encarou com um sorriso cínico no rosto.

— Então... Chefe?

— Não seja babaca! — Sentei-me na outra ponta do sofá e o encarei. — Joana é minha e você não pode ficar muito próximo achando que tem algum direito sobre ela. — Fiz questão de ser direto com ele.

— Que eu saiba, Joana não é de ninguém. Acho que nenhum cara será capaz de tê-la de verdade.

— Pois, então, fique certo, ela é minha! E como sabe tanto assim?

Ele sorriu e eu tive a certeza, eles tiveram alguma coisa. Um ciúme subiu por mim e tive que

fechar os punhos para conter minha raiva.

— Nos relacionamos alguns meses atrás. Ela é a melhor coisa que um cara poderia querer, mas, infelizmente, eu não sou esse homem.

— Como você a conheceu?

Rafael ficou sério e se inclinou, descruzando as pernas e apoiando os cotovelos nos joelhos. Abaixou a cabeça e suspirou.

— Meu pai não fala muito, mas ele a conheceu no trabalho. Ele é segurança de um consultório e ela era paciente de lá. Então, fizeram amizade e ele a levou para casa um dia, ficamos amigos e acabou rolando. Eu me apaixonei Dé, foi inevitável. Mesmo sabendo que não teria nada mais do que encontros ocasionais, eu não pude mandar que meu coração não se encantasse, mas, então, ela percebeu e me deu o pé. — Levantou a cabeça sorrindo, mas percebi uma ponta de dor em seus olhos. — Agora passou, ela é só minha amiga. E você, a conhece de onde?

Encostei-me respirando fundo, pois não foi fácil ouvir que outro homem havia se apaixonado pela minha mulher, de novo! E, então, sorri, porque provavelmente o motivo que ela não quis ficar com ele foi eu ter reaparecido em sua vida.

— Eu conheço Joana há onze anos, estudamos juntos no ensino médio e me apaixonei desde a primeira vez que a vi. Nos separamos por sete anos, mas eu nunca a esqueci. E agora nos reencontramos e podemos finalmente ficar juntos, sem que nada nos impeça.

— Nossa! Resumida sua história. Sei que tem muito mais aí.

Olhei para ele e estreitei os olhos.

— Tem, mas você não vai saber.

Ele assentiu entendendo que eu não queria falar sobre aquilo. Entrar em detalhes de como foi perdê-la para o meu melhor amigo e continuar amando-a e depois sobre a morte do Bê não era um assunto que queria me aprofundar naquele momento.

— Então, você é o sortudo!

— Sou sim! — Sorri amplamente, porque eu realmente era o filho da puta sortudo que tinha o coração daquela mulher maravilhosa.

Rafael levantou-se e parou ao meu lado, bateu em meu ombro e sorriu.

— Recado dado, chefe! Ela é sua mulher, mas continua sendo minha amiga!

Saiu sem dizer mais nada e fiquei sentado ali por algum tempo, senti meu celular vibrando no bolso da calça jeans e o retirei apressado, imaginava, tinha esperança na verdade, que fosse uma mensagem da Joana. E não me decepcionei quando vi seu nome piscando na tela. Deslizei o dedo

abrindo a mensagem.

Vamos passear amanhã? Eu dito o itinerário.

No dia seguinte seria feriado e já estava animado, com um monte de pensamentos para o que ela estava planejando. Logo respondi com um sorriso bobo no rosto.

Com certeza, mas o que você pretende comigo? ;)

Não demorou muito e veio uma resposta bem-humorada.

Como você é promíscuo, tenho as melhores intenções. Não me desvie do caminho certo, senhor André. Mas acho que você vai curtir, é uma coisa que tenho vontade de fazer há um bom tempo.

Sorri e digitei:

Mal posso esperar, minha Jô. Amo você!

Sempre!

Engraçado como uma palavra tem o poder de mudar sua vida. Para o pior e para o melhor. Uma palavra fez-me o cara mais feliz da face da terra!

Levantei-me e fui para minha sala, parecia que o dia seria muito mais longo do que imaginei e me dei por vencido, tinha que trabalhar. Sentei-me atrás da mesa e esperei o tempo passar. Quando, enfim, cheguei em casa peguei o telefone e disquei. Esperei ansioso, então no quarto toque...

— ALÔ! — Joana atendeu esbaforida, parecendo cansada.

— Oi, Jô. Por que todo esse cansaço? Estava fazendo algum exercício?

Sua risada rouca me deixou com o corpo todo arrepiado, pois o desejo que sentia por ela era imenso e incontrolável.

— Rá, muito engraçado. Estava no chuveiro e saí correndo.

— Ai meu Deus! Você tá falando comigo, nua?

— Poderia estar. — Riu baixinho

— Isso me faz ficar doente de paixão por você, mulher! Só liguei para te desejar uma boa-noite e falar que mal posso esperar para que amanhã chegue logo.

— Também estou ansiosa!

— Para onde você pretende me raptar? — Sentei-me no sofá com o celular preso entre o ombro.

— Segredo! Nossa, tinha me esquecido como você é ansioso. Bom, vou desligar que estou pingando água pela casa inteira. Amo você, beijos e bons sonhos.

Desliguei com outro sorriso no rosto. A mulher arrancava de mim mais felicidade do que tive em meus vinte e oito anos de vida.

Capítulo 20

*Porque eu sou feita pro amor da cabeça aos pés
E não faço outra coisa do que me doar
Se causei alguma dor não foi por querer
Nunca tive a intenção de te machucar
(Rosas – Ana Carolina)*

Joana

— Tia Jô, você pode me ajudar nesse dever? — Olhei para o pequeno Lucas, que me observava com um sorriso tímido no rosto.

— Claro! O que você precisa? — Ele abaixou a cabeça parecendo um pouquinho envergonhado.
— Ei, não fica assim, diz pra tia o que você precisa!

— É que eu não sei fazer esse dever...

— Oh, querido, não precisa ter vergonha. É só pedir que eu te ensino, ok?

Lucas sorriu e me mostrou no que ele tinha dúvida, estávamos conhecendo as letras do alfabeto e os números, mas algumas crianças tinham dificuldades motoras e de concentração o que requeria uma atenção especial.

Minha turma era tão doce e eu amava aquele espaço, eles foram a minha salvação por muito tempo. E acredito que sem trabalhar com esses lindos anjos, minha vida não teria sentido, eles faziam meu dia mais bonito e sorridente.

Ajudei Lucas com o dever e ele ficou pintando um desenho sozinho, passei pelas mesas olhando os trabalhos dos meus alunos e o tempo passou. Já era hora do recreio, as crianças amavam ir brincar e lanchar.

Coloquei-os em fila e fomos para o pátio, já na porta começou muita gritaria e risadas. Claro que a organização já tinha ido para o espaço, porque o intervalo era a hora mais esperada por eles.

Sentei-me num dos banquinhos observando e vigiando a bagunça que eles aprontavam. Tinha

muitos brinquedos na escola, desde escorregador até pula-pula, mas o chão era forrado com tapete de EVA, o que me deixava mais despreocupada no caso de acidentes.

Agora que Deco tinha voltado para a minha vida, eu me permitia pensar nele com mais liberdade, antes sempre que me vinha uma lembrança sentia uma pontada de culpa. É um pouco irracional, pois convivemos por quatro anos e era normal que tivesse memórias dele, mas a depressão não deixava que apreciasse uma boa recordação.

Vendo as crianças se divertindo, me perguntei como havia sido a infância do André. Será que ele brincou? Foi feliz e inocente como toda criança deve ser? Eu não tinha essas respostas porque ele quase não falava do seu passado. Acreditava que a dor de ser abandonado pela mãe tenha sido maior do que ele admitia.

Eu sabia que ele tinha se tornado independente com quinze anos, pois ganhou na justiça o direito de mandar em sua própria vida. E depois disso soube que não voltou mais ao orfanato.

Pelos seus relatos, ele sofreu abuso psicológico de alguns funcionários do instituto. Sei que mudou a direção e não eram mais as mesmas pessoas que cuidavam do lugar, queria que ele voltasse lá para ver que nem todos são iguais. O ser humano é falho e cometem coisas que qualquer outro abominaria. O que não queria dizer que todas as instituições de adoção sejam assim, da mesma maneira que eu tinha pais que me ignoravam, não julgava que todos eram daquela maneira. Eu queria que ele visse que crianças órfãs podem ser felizes sim, desde que sejam amadas por quem zela por elas.

Então, decidi que o levaria lá, para que ele visse com seus próprios olhos o que sua vida poderia ter sido. Tinha medo da reação dele, mas, às vezes, precisamos enfrentar nossos fantasmas para que não nos assombrem mais.

Levantei-me e peguei meu celular enviando uma mensagem e, claro, que ele respondeu com conversinhas maliciosas. Estava animada e tão distraída em meus pensamentos que não notei que não estava mais sozinha, você pode imaginar meu susto ao ver a pequena Alícia sentada ao meu lado.

— Tia, eu não quero mais brincar com o Mateus.

— Oi, querida. Que susto! Mas me diga, por que não?

— Ele disse que é meu namorado. — Ela fez uma caretinha fofa, torcendo a boca de lado.

Minha turminha era de crianças com cinco ou seis anos e estavam descobrindo essa coisa de sentimentos, amizades e companheirismo. Alguns meninos não gostavam nem de chegar perto das garotas, outros já se enturmavam e tinham um vínculo que era lindo de se ver. Uma amizade pura!

— Ai que fofo, mas ele nem sabe o que é isso, amor. Então, deve ter falado de brincadeira.

— Mas, tia, ele falou sério, disse que vai casar comigo quando for grande. Eu não quero, ele é meu amigo. A gente não namora amigo, e papai falou que vou namorar com quarenta anos, só tenho

cinco.

Sorri para ela e peguei sua pequena mão nas minhas.

— Hum, difícil. Eu acho que as vezes um amigo pode ser um bom namorado. Mas vocês são muito novinhos mesmo, devem curtir a amizade. Diz pro Mateus que você quer ser só amiga dele agora, que quando forem grandes talvez mude de ideia. Ok? Só para não magoar ele.

Ela assentiu e saiu correndo. Fiquei observando enquanto ela explicava ao amiguinho que não podiam namorar, ele sorriu com o rostinho vermelho e a abraçou, depois saíram correndo pelo pátio. Vi que Flávia, a diretora da escola, se aproximava até onde eu estava sentada e sorriu.

— Oi! Tem alguma coisa acontecendo? Nunca te vi desse jeito em todo tempo que trabalhou para mim.

Aos quarenta anos, ela era uma mulher doce, casada e mãe de quatro meninas.

— Como assim? — Virei-me para observá-la enquanto mantinha um olho nas crianças.

— Você está resplandecente, brilha a cada sorriso!

— Ah, apenas decidi ser feliz! Não importa o que aconteça em minha vida, o que vale é passar por esse mundo deixando algo de bom, então que seja minha alegria, além de meus sorrisos, para essas crianças que merecem cada carinho que eu possa lhes dar.

Flávia sorriu e balançou a cabeça. Seus olhos percorreram o pátio e voltaram para mim.

— Fico feliz que esteja bem de novo, não conhecia esse seu lado. Bom, vou indo pra minha sala. É hora da história, né?

— Isso, depois do lanche!

Observei Flávia se afastando e reuni a criançada, os ajudei com o lanche e esperei que terminassem, depois voltamos para a sala de aula. Eles já estavam acostumados e sentaram-se em círculo. Peguei um livrinho na prateleira e sentei-me no espaço que tinham deixado para mim.

Olhei em seus rostinhos ansiosos e sorri, abri o livro e comecei a narrar a história. As crianças gostavam de interromper a leitura e fazer perguntas, então faziam sons e ações que continha no livro.

O dia passou rapidamente, e aguardei que todos os pais pegassem seus filhos. Minha ajudante não tinha ido trabalhar e estava sozinha para esperar que todos fossem para casa. Eles estavam animados com o feriado e eu também.

Quando cheguei do trabalho, ajeitei a casa e pensei como iria enganá-lo para que não soubesse onde estávamos indo. Entrei debaixo do chuveiro porque precisava de um banho relaxante e, então, ouvi o telefone tocando. Era ele. Deus, só de ouvir a voz daquele homem, meu coração acelerava e sentia um frio na barriga da mesma maneira de quando era adolescente. Em nosso primeiro ano, eu o

via e sentia como se mil borboletas brincassem de esconder e aparecessem só quando Deco estava por perto. Gostava de me lembrar dessas coisas.

Despedi-me logo, pois não aguentava esconder por muito tempo minha ansiedade e acabaria entregando nosso itinerário.

Voltei para o banheiro, coloquei a toalha pendurada e terminei meu banho. Quando saí, olhei no espelho e eu estava sorrindo. Assim, sem nenhum motivo aparente, eu estava sozinha e nada mais me importava do que ser feliz, principalmente por mim.

Fui para o meu quarto, vesti uma camiseta qualquer e voltei para a sala. Há um ano estava sentada do mesmo jeito, mas não com os mesmos sentimentos. Na verdade, passei boa parte dos meus dias naquele sofá. Olhei para minha estante de livros, sorrindo. Levantei-me e parei de frente pra ela, tinha tantas obras maravilhosas que não sabia por onde começar, queria algo divertido que me fizesse suspirar e distrair a mente para que eu não ligasse pro Deco entregando nosso passeio.

Puxei um romance da prateleira e alisei a capa, adorava sentir a textura dos livros. Retirei o plástico, pois guardava muito bem meus tesouros para que não estragassem.

Dormi em meio às risadas e trapalhadas da personagem. Quando abri os olhos já era madrugada e, enfim, fui para a cama. Apesar de estar sozinha, a lembrança do André ali comigo permanecia em minha memória e conseguia dormir naquela cama.

Meus olhos estavam pesados e não podia conter a euforia de vê-lo de novo.

Acordei cedo demais para quem dormiu de madrugada, mas não conseguia ficar mais na cama. Arrumei-me com um *short* de verão e frente única soltinha.

Desci as escadas e esperei que André me buscasse na porta. Estava ansiosa e com o coração disparado no peito quando vi a *Ranger* dele apontar na esquina da rua e foi automático sorrir. Deco desceu do carro vestindo uma bermuda jeans e camiseta amarela.

— Vai me dizer pra onde vamos?

Esperei que ele se aproximasse e enlacei seu pescoço, pensei em beijar aquela boca por um dia e uma noite inteira. Não sabia se conseguiria ficar mais longe dele assim. Quando desgrudei nossos lábios, ele estava com os olhos semicerrados de desejo.

— Ainda não, vai ter que esperar. — Estendi a mão e disse: — As chaves!

André sorriu e balançou a cabeça, colocou a chave da *Ranger* na minha mão e mordeu os lábios.

— Você vai me pagar por todo esse mistério.

— Ah, com juro e correções, amor. Agora vamos, não temos o dia todo, porque depois quero me aproveitar desse corpinho.

Andei à sua frente e ouvi seu gemido rouco quando estava perto do carro. Esperava que valesse a pena vasculhar seu passado.

Capítulo 21

*Como se o silêncio dissesse tudo
Um sentimento bom que me leva pra outro mundo
A vontade de te ver já é maior que tudo
Não existem distâncias no meu novo mundo
(Meu novo mundo – Charlie Brown Jr.)*

Deco

Eu não tinha ideia do quanto era *sexy* ver Joana atrás do volante. Na verdade, nunca a vi dirigindo e ninguém, além de mim, colocou as mãos no meu bebê. Ela tinha um sorriso constrangido em seus lábios. Parecia tensa por algum motivo.

— O que você tem, Jô? Está estranha...

Ela virou o rosto e me encarou, franzindo as sobrancelhas. Sorriu nervosa e desviou o olhar, apertou o volante levemente, mas eu percebi sua inquietação.

— Nada, estou um pouco ansiosa.

— Hum, e por quê?

Joana mordeu os lábios e sorriu docemente com os olhos fixos na estrada.

— Muito esperto, Deco. Não vou te dizer aonde vamos ainda. — Respirou fundo. — Só me prometa que vai me deixar explicar.

Subitamente meu coração deu uma sacudida. Por que eu teria que deixá-la explicar alguma coisa?

— O que está acontecendo?

— Espera que já estamos chegando. Falta pouco!

Então, desviei minha atenção da Joana para onde estávamos indo. Droga, já tinha uma ideia,

estávamos atravessando o limite de nossa antiga cidade. Não havia notado o caminho, pois meus olhos só queriam apreciar a beleza da morena ao meu lado. Porém, estava certo de onde Joana me levava.

Alguns minutos se passaram e finalmente o carro parou. Até então, eu não tinha olhado para ela, não conseguia pelo simples fato de estar muito nervoso. Com ela sabia que não poderia entrar e sair sem mais nem menos. Senti Jô me observando.

— Deco, olha pra mim! — Fechei os olhos e tranquei o maxilar, virei meu rosto sem olhá-la. Sua mão macia tocou meu queixo e a voz doce invadiu meus sentidos. — Você tem que voltar.

— Eu já estive aqui!

Ela torceu a cabeça de lado, sorrindo ternamente e moveu o polegar pela minha bochecha.

— Tenho certeza de que não visitou o lugar e nem viu as crianças.

— Na verdade, vi um pouco sim... — Ela arqueou uma sobrancelha e suspirei resignado. — Eu não consigo, Jô! — Minha voz soou baixa até para os meus ouvidos.

— Deco, confia em mim!

Joana foi a única pessoa que confiei cegamente na minha vida, nunca permiti que ninguém se aproximasse. Bernardo era na dele e por isso nossa amizade deu certo, mas Joana não se contentava em não saber mais. Eu devia ter previsto isso.

— Eu confio, Jô!

Eu não me cansava de ver aquele lindo sorriso em seu rosto. Ainda mais sabendo o quanto ela sofreu, vê-la feliz era maravilhoso.

Jô assentiu e apertou minha mão, desceu do carro e parou na frente do capô, sorrindo. Respirei fundo e a segui. Caminhei até parar ao lado dela e imediatamente Joana pegou minha mão. De cabeça baixa e o coração acelerado andei até o lugar que vivi por quinze anos.

Quando paramos em frente ao portão de ferro olhei para cima. Nem parecia que estive ali há algumas semanas. Estava tudo mudado, a casa tinha uma pintura nova, as janelas foram trocadas. Estava tudo diferente... Aconchegante.

— O que aconteceu aqui?

— Tudo mudou Deco, a equipe toda foi trocada, e isso já tem mais de um ano.

— E como você sabe disso, Joana? — Ela sorriu e fez um carinho em minha mão.

— No ano passado, eu dei aula para uma garotinha daqui. E, então, decidi visitar o local por causa de tudo que você passou e quis ter certeza de que ela estava bem. Fiz amizade com a nova diretora, a Júlia é muito legal e está nos esperando. Vamos?

Assenti, incapaz de dizer qualquer coisa. Meu coração estava acelerado e quando Joana se identificou no interfone, ele estalou e abriu. A cada passo parecia que eu estava carregando dois pesos de concreto em meus pés. Nunca quis retornar àquele lugar, nem mesmo pra pegar minha primeira certidão de nascimento quando terminei a escola. Fui quando me obrigaram por causa dos documentos do casamento, mas entrei e saí sem olhar ou falar mais do que o necessário com as pessoas.

Agora que estava ali para visitar, toda a angústia e as lembranças que não eram bem-vindas voltavam com força total, me deixando com os nervos à flor da pele.

“Você é um estorvo, não merece ter uma cama quente pra dormir. Nem sua mãe drogada te quis, pois trocou um pacote inútil por cem gramas de cocaína.”

“Seu lerdo, não vai ser nada na vida. Terá o mesmo destino que sua mãe. Não presta para nada!”

“Você é apenas um nesse monte, garoto. Aqui não encontrará carinho.”

Aquelas palavras me doeram tão profundamente que chegou um momento da minha vida que poderia ter dado um fim em todo o meu sofrimento, se não fosse minha força de vontade em mostrar a eles que não era nada daquilo que diziam.

Os funcionários que deviam cuidar da gente nos ofendiam, a diretora não fazia muito, mas era conivente com a situação e por isso eu a odiei todos os meus dias. E estar voltando para aquelas paredes onde fui humilhado e rejeitado tantas vezes era muito mais do que um dia sonhei em fazer. Mesmo tendo feito há algumas semanas, não era no mesmo sentido. Antes eu havia me preparado e fechado para qualquer sentimento, agora eu estava exposto.

Paramos em frente à porta de madeira escura e Joana colocou a mão na maçaneta olhando para mim.

— Vai dar tudo certo, eu estou com você e nada vai te acontecer. Ok?

Eu parecia um paspalho apenas balançando a cabeça, mas tinha um nó na minha garganta que me impedia de falar. Quando entramos, um cheiro de bolo de fubá me fez estagnar no meio da sala, aquilo tudo estava mudado. Parecia mais uma casa normal do que um orfanato.

Na época que morei ali, tudo era muito frio e inóspito, não tinha nada aconchegante ou que remetesse a carinho e companheirismo.

Barulho de passos no corredor à minha esquerda fez com que meu corpo tensionasse e abaixei a cabeça sem pensar. Não sabia o que estava acontecendo comigo. Parecia o menino que só de ouvir alguém se aproximando se encolhia interiormente, esperando o próximo insulto.

— Joana, que alegria te ver por aqui. Que saudade!

Sem soltar da minha mão, Jô se esticou para abraçar uma jovem de trinta e poucos anos.

— Pois é, Júlia, as crianças não me dão folga. Sabe como é! Bem, esse é o André que falei com você pelo telefone.

Levantei meus olhos, curioso, e me deparei com duas mulheres me encarando, sorrindo. Engoli em seco e dei um passo à frente estendendo a mão.

— Prazer!

A moça ficou me olhando e sorriu ainda mais, como se fosse possível.

— Então, vamos? As crianças estão tomando café no pátio e vocês poderão ver as instalações com mais calma, depois vamos pra lá.

Assentimos e seguimos a mulher pelo corredor e meu coração retumbava tão forte em meu peito que eu conseguia senti-lo batendo. Joana não soltou a minha mão, mas também não disse uma palavra, o que era bom. Eu estava surtando um pouco e preferia me manter quieto. Paramos em frente à uma porta que eu sabia ser um dos quartos de meninos, respirei fundo me preparando para o que sentiria ao entrar ali. Porém, quando pisei naquele cômodo, meus olhos se arregalaram em espanto.

O quarto era pintado de azul-claro com adesivos de super-heróis na parede. Havia quatro beliches espalhadas pelos cantos. As camas estavam bem arrumadas com colchas bonitas. No chão, vi alguns brinquedos dispersos.

— Aqui é o quarto dos meninos de sete anos, eles ainda estão aprendendo organização, então desculpem pela bagunça. Nós tivemos uma doação há alguns anos de um filantropo da alta sociedade e reformamos toda a casa. — Ela sorriu, me observando. Encontrei a voz dentro de mim e disse:

— Você sabe quem foi?

— Não, ele permaneceu anônimo, nós conversávamos com ele por *e-mail*, que nos mandava cheques, empreiteiros, decoradores e tudo.

— Entendo.

Joana aproximou-se e colocou a mão em minhas costas. Nem tinha percebido que tinha soltado sua mão e me aproximado de uma das beliches.

— Você dormia aqui? — Assenti, incapaz de responder. — Vem, temos que olhar o resto das coisas.

Andamos pela casa toda, eu realmente não tinha reparado em nada, estava tudo mudado, estive apenas na parte de trás onde era tipo uma secretaria. Mal entrei na casa, vi algumas crianças brincando, mas não consegui ficar por mais tempo. Ali era um lar, não onde morei uma parte da minha vida.

Passamos por uma cozinha quente, uma senhora estava atrás da bancada que separava o fogão e a pia do resto com um portãozinho fechado. Ela sorriu ao nos ver e voltou ao trabalho.

Quando saímos para o lado de fora fui bombardeado com lembranças que mantive presas até aquele momento: amigos que se foram e nunca mais vi, momentos da minha infância que chorei por não ter nada e nem ninguém, situações tristes por ser um rejeitado.

O orfanato sempre fora um local de tristeza para mim, mas agora eu via a alegria das crianças no local. Eles estavam em volta de duas mesas enormes de madeira, brincando, conversando e tomando seu desjejum.

Júlia sorriu e caminhou para a frente das mesas, bateu palmas chamando atenção e as crianças se viraram sorrindo para ela.

— Crianças, quero que conheçam uma pessoa. — Virou-se, sorrindo para mim. — André morou aqui há vários anos e voltou para visitar. Não é legal?

Algumas crianças me observaram curiosas, e outras voltaram a comer. Júlia riu e os olhou com carinho.

— Vejo que ficaram interessados nele, terminem seu café e podem conversar, ok? — Aproximou-se de nós. — Fiquem à vontade, podem se servir do pequeno *buffet* e comer. É simples, mas é o que as crianças gostam de comer. Eu vou ajeitar algumas coisas enquanto eles estão distraídos. Tenho que aproveitar porque hoje não tem escola, então fico atarefada com eles o tempo todo. Com licença!

Saiu indo em direção à casa e nos deixou ali. Joana me puxou para a mesa onde tinha bolos, pães, frutas, sucos e café quente. Servimo-nos e sentamos numa mesa pequena ao lado porque as grandes estavam ocupadas.

— Então... Gostou de vir?

Olhei para os olhos verdes da minha melhor amiga e, pela primeira vez, tive vontade de sorrir desde a hora que desconfiei onde estávamos indo. Joana me olhava com expectativa e um pouco de receio, levantei uma mão e envolvi sua bochecha.

— Obrigado por isso. Não sabia que precisava vir aqui desse jeito. Estou relembrando o passado e observando o presente.

Seus olhos brilhavam e Jô sorriu, comemos em silêncio e fiquei olhando as crianças. Eles realmente pareciam felizes! Estava tão distraído que quando percebi, estava falando em voz alta o que se passava em minha cabeça.

— Eu tinha uns cinco anos quando comecei a perceber a diferença da minha vida com a dos meus amigos na escola. Não me ligava muito nisso porque tudo o que conhecia antes era o orfanato, e somente quando conheci outras crianças foi que me dei conta. Dizem que nos lembramos de coisas a partir dos sete anos, eu me lembro de muito antes disso. Bem, eu me senti estranho por ser diferente e não entendia o motivo dos outros meninos terem pais e eu não. Aos dez anos, eu acreditei que não era digno de ter amor e me conformei. Quando conheci você percebi que se você podia me amar, mesmo

como um amigo, eu era sim merecedor desse sentimento. Você foi o amor e o carinho que nunca tive, Jô. Então, eu agradeço por me trazer aqui e me mostrar que essas crianças são cuidadas e amadas, apesar de tudo eles têm uns aos outros.

Joana sorria com lágrimas escorrendo por seu rosto, com o passar dos anos eu aprendi a conhecer várias formas de emoção e aquela que eu estava sentindo e tinha certeza de que havia transmitido a ela era de quase explodir o coração.

Olhei para a mesa e uma menina que devia ter uns oito anos nos observava com curiosidade.

— Eu quero adotar uma criança, Jô!

Olhei para ela, que me encarava de olhos arregalados. Tive que rir da sua expressão surpresa e assustada.

— Como assim?

— Eu quero! Se pudesse adotaria a todos, mas nós podemos frequentar aqui muitas vezes e dar carinho a eles, certo?

— Sim!

— Não precisa ser agora, mas eu quero adotar um deles. Sei que o processo de adoção é complicado e demorado e por isso já vou dar entrada. Você está comigo nessa?

Joana franziu a testa, me observando com cuidado. Peguei sua mão que estava apoiada em cima da mesa e levei-a aos lábios depositando um beijo suave.

— Joana, quero passar minha vida com você. Não é nenhuma surpresa que eu esteja planejando meu futuro ao seu lado. Quero filhos seus, mas também um de coração. O que acha?

Capítulo 22

*(...) Como eu te quero tanto bem
Aonde for não quero dor
Eu tomo conta de você
(A sua – Marisa Monte)*

Joana

Confesso que fiquei nervosa quando o vi descer do carro, fiquei com medo da sua reação ao descobrir onde estávamos indo. Ele sempre fora tão reservado quanto ao seu passado, mas ao ouvir da sua boca que confiava em mim, relaxei. A emoção do Deco a cada passo que demos no orfanato foi de cortar o coração. Ele oscilava o tempo inteiro e precisava me segurar para não puxá-lo para fora e esquecermos aquilo tudo.

Quando, enfim, nos sentamos no pátio para tomar café com as crianças seus olhos negros brilhavam, porque tanto as emoções como as lembranças estavam guerreando dentro dele. Eu sabia que aquilo era necessário para o crescimento da sua vida, o que não queria dizer que fosse fácil reviver um passado que preferia esquecer.

Mas, quando ele me disse seus planos, eu não sabia como reagir. A gente tinha acabado de se reencontrar e o futuro já estava tão certo? Eu estava acostumada a não confiar no destino e achar que o amanhã é incerto. Só que, vendo aquela confiança em seu rosto, me fez acreditar: sim, nosso futuro seria perfeito.

Antes que eu pudesse responder à sua pergunta, uma garotinha de mais ou menos oito anos se aproximou, parando ao nosso lado.

— Olá! — falei com ela sorrindo, um pouco nervosa com a pergunta que ainda martelava em minha cabeça.

A menina abaixou os olhos e respirando fundo olhou para o André.

— Você morou aqui?

Deco sorriu abertamente, lindo demais para o meu coração suportar.

— Sim, há vários anos. Qual é o seu nome?

— Vanessa! — Ela olhou para o lado parecendo muito sem graça. Torceu a boquinha fazendo uma careta. — Eu queria saber como você fez para perdoar sua mãe, as tias daqui dizem que eu tenho que desculpá-la, mas eu não consigo.

Deus! Meu coração se partiu por todas aquelas crianças e, principalmente, pela menininha e também por André que não sabia o que fazer com a pergunta. Eu tinha noção de que ele nunca perdoou a mãe e aquela menina só tinha oito anos para aquele tipo de sentimento, seu amadurecimento forçado era de dilacerar o coração.

Olhei para ele com expectativa esperando o que iria dizer, André fechou os olhos e respirou fundo. Sorriu tristemente e estendeu as mãos.

— Vem cá, Vanessa. Senta aqui! — Com relutância, ela sentou-se e olhou para ele com o pescoço esticado. — Isso é uma coisa muito complicada, acho que ninguém pode obrigá-la a perdoar sua mãe. Eu não sei a sua história, mas depende de você se vai desculpá-la ou não. O que sente por ela, agora?

Vanessa abaixou a cabeça, olhando suas mãozinhas pequenas.

— Fico triste, eu me lembro dela.

— Você veio pra cá há muito tempo? Quantos anos você tem?

— Tenho oito, minha mãe me abandonou quando eu tinha seis. Então, me lembro dela.

Deco olhou para mim cheio de dor sem seus olhos.

— Sei... E o que você sente quando se lembra dela?

— Saudade!

Engoli em seco e enxuguei as lágrimas que escorriam por meu rosto sem que eu pudesse controlá-las, a intensidade daquela conversa estava mexendo comigo de uma maneira que só eu sabia. Não fui uma criança abandonada, mas era como se fosse.

— Então, você tem sua resposta Vanessa, se sente saudade é porque já a desculpou. Você tem que ser apenas uma criança, sem se preocupar com a raiva.

— Você acha? — Vanessa tinha os olhinhos cheios de expectativa esperando a compreensão de alguém que passou pelo mesmo que ela.

Ela parecia chateada por sentir uma coisa ruim, porém, pelo que percebi, era uma menina doce.

— Com certeza! — Deco sorriu capturando meu coração pelo resto dos meus dias. Se ainda tinha dúvidas quanto ao nosso futuro, depois daquela demonstração de carinho e cuidado com uma

menininha que ele nem conhecia me ganhou de vez.

— Tudo bem, obrigada! Vou voltar pra mesa. — Ela levantou-se e no meio do caminho se virou, olhando para nós. — Vocês vão voltar mais vezes?

Deco tinha os olhos marejados e parecia incapaz de responder. Peguei suas mãos entre as minhas dando um aperto reconfortante.

— Vamos sim, Vanessa! Pode contar com isso.

Ela sorriu e voltou para os amigos, que a esperavam ansiosos. Percebi que Deco ficou mais leve depois daquela conversa e a todo momento observava pra onde Vanessa tinha ido. De repente, ele levantou o rosto sorrindo.

— Acho que encontrei!

Olhei para ele sabendo do que estava falando. Antes de ir embora, Deco foi até Júlia e conversou com ela por um tempo. Saímos de lá com a promessa de voltar no final de semana. Voltamos para casa conversando e ele dirigiu. Fiquei observando seu perfil por todo o caminho, apreciando como ele era lindo.

Meu coração estava apertado como se algo fosse atrapalhar toda aquela felicidade. Eu não era acostumada a ser completamente feliz, nem mesmo com Bernardo eu consegui ser plena. E agora que meu peito parecia explodir cada vez que pensava em meu futuro achava que duraria pouco. Não era uma mulher de finais felizes!

Paramos em frente ao meu apartamento e com a cabeça encostada no banco do carro fiquei olhando para André, sem nenhum propósito senão apenas observá-lo. Ele aproximou-se e colou seus lábios nos meus, mas tão delicadamente que doeu meu coração. Tinha tanto sentimento que mal podia me conter. Era quase hora do almoço e não queria me despedir. Ele se afastou e nossas bocas se desgrudaram, provocando um estalo.

— Obrigado por hoje!

— Eu quase desisti ao ver que você estava sofrendo.

— Ainda bem que não desistiu, foi bom ter ido lá e ver que tudo mudou. As crianças são realmente felizes. Sei que carregam a rejeição dentro delas, não tem como evitar, mas eles são bem tratados e amados.

— A Júlia é ótima! A vida dela são aquelas crianças! Eu achei que você precisava ver que poderia ter sido diferente.

Deco assentiu e colou sua testa na minha, acariciando meu rosto levemente, e sua respiração quente em minha boca fazia com que não quisesse me afastar nunca.

— Fica comigo! Dorme aqui!

Ele me olhou cheio de desejo e um sorriso delicioso se abriu em seu rosto.

— Não precisa pedir duas vezes.

Descemos do carro e de mãos dadas subimos até o apartamento. Era engraçado tê-lo às minhas costas me seguindo, parecia que eu controlava tudo e percebi que sim. Eu ditava tudo o que iria nos acontecer e aquilo provocou um arrepio de expectativa em meu corpo.

Assim que entramos deixei-o na sala e fui para o quarto vestir uma roupa mais confortável. Tirei as sandálias apoiada na parede, gostava de andar descalça em casa, estava só de *lingerie* quando senti alguém me observando. Virei-me com um sorriso no rosto e encontrei Deco encostado no batente da porta, de braços cruzados, me olhando com fome e desejo.

— Desculpe invadir sua privacidade, mas não resisti ficar imaginando você aqui. Tive que verificar.

Lambi os lábios e sorri, nunca fui muito ousada, mas com ele eu queria ser. Sempre!

— Não tem problema! Viu algo que gosta?

Ele levantou os olhos fixando-os nos meus, descruzou os braços andando até parar à minha frente. Meu corpo todo já esperava por ele. Deco descansou sua mão em meus quadris e aquela boca pecaminosa estava a centímetros da minha.

— Você é a mulher mais linda que eu já vi na minha vida. Seu corpo moreno e cheio de curvas me deixa maluco e tenho que me segurar a cada segundo que estou ao seu lado. Eu te amo tanto e meu desespero para possuir cada parte sua beira à loucura. Quando sinto seu cheiro, então, parece que vou explodir de tanto desejo.

Como responder a isso? Eu não tinha ideia, só sei dizer que apenas um gemido rouco escapou de minha garganta. Deco deslizou as mãos do meu quadril espalmando-as em minhas nádegas. Puxou meu corpo ao dele moldando-nos perfeitamente. Abaixou a cabeça e beijou meu pescoço e ombros desnudos.

— Eu quero fazer amor com você de novo.

Balancei a cabeça incapaz de pronunciar uma palavra. Deco se afastou, olhando em meus olhos, e retirou a camisa e a bermuda ficando apenas de *boxer*. Empurrou-me devagar até a cama e caí deitada de barriga para cima, André ficou em cima de mim me olhando e, então, sorriu.

Meu corpo esperava ansioso por ele, estava viciada naquele sentimento que me invadia quando nos tornávamos um. Deco era tão carinhoso e cuidadoso, mas também faminto. Cada toque de amor e desejo acendia um fogo dentro de nós. Cada beijo delicioso, apertão em minha carne e arranhar em suas costas fazia com que nós suspirássemos de prazer com o sexo maravilhoso. Seu corpo se movia no meu com desespero e amor.

Paixão e felicidade! Era o que senti naquela tarde nos braços do meu Deco. Pedimos almoço,

pois ele não me deixou preparar nada e voltamos para o quarto, conversamos, brincamos enquanto ele planejou o nosso futuro. Por mais que eu quisesse acreditar, ainda tinha receio de imaginar qualquer coisa.

Mas não podia evitar sonhar, eu sonhava com uma casa grande, casada com o Deco e uns dois filhos. Coisa de garota, seríamos pais diferentes dos que tivemos e nos amaríamos com tanta força que nada nos separaria. Claro que tudo era um sonho de adolescente. Bem, eu não era nenhuma garotinha, mas meus sonhos permaneciam ingênuos.

E parece que quando tudo está perfeito alguma coisa tem que acontecer para desandar tudo. Eu não imaginei que meu dia maravilhoso desabaria com um telefonema.

Demos um cochilo no meio da tarde e acordei com o telefone fixo tocando incessantemente. Levantei-me tentando não despertar o Deco, fui até a sala cambaleando e atendi meio sonolenta, mas logo fiquei desperta com a voz do outro lado da linha.

— Joana, precisamos falar com você! Podemos ir aí?

Eu esperava não ouvir falar dos meus pais por muito tempo, não depois que decidi viver sem eles em minha vida.

— Pra que, mãe? O que você precisa falar? Pode dizer pelo telefone.

— Não! Precisamos ir aí.

Droga! Eu não os queria na minha casa!

— Olha, mãe, se for pra atrapalhar minha vida mais do que já fizeram, prefiro que fiquem sem me perturbar.

— Por favor, Joana.

— Tudo bem, mas espere pelo menos uma hora, pois preciso me preparar psicologicamente.

— Ok!

Desligou e meu coração se despedaçou. Eu estava tão feliz e agora meu dia iria por esgoto abaixo. Voltei para o quarto e Deco estava sentado com o lençol cobrindo-o até a cintura. Ele olhou para mim preocupado, pelo visto deve ter me ouvido ao telefone porque eu não falei baixo.

— Tudo bem, Jô?

— Não! Eu preciso de você, Deco.

Ele assentiu e abriu os braços, imediatamente me joguei na segurança que sempre procurei e agora tinha. Enfrentaria meus fantasmas com ele ao meu lado. Não deixaria que nada me machucasse mais.

Capítulo 23

*(...) Não chore mais, não sofra assim,
porque eu posso te dar amor sem fim.
Ele não pensa em querer-te,
te faz sofrer e até chorar.
Não chore mais, vem pra mim, vem
(Esqueça – Roberto Carlos)*

Deco

Acordei assustado com a voz alterada da Joana. Não sabia ao certo o que estava acontecendo, mas tinha certeza de que ela precisava de mim. Sentei-me na cama e esperei. Quando vi em seus olhos angústia e sofrimento, meu coração se apertou. Abracei-a por alguns minutos e depois ela saiu dos meus braços, tomou um banho e se vestiu, parecia triste e distante, mas eu sabia que ela estava se preparando psicologicamente.

Levantei-me e me arrumei, estaria ao lado dela o tempo todo, dando a força que ela precisava. Mesmo eu não tendo ideia do que seus pais estariam querendo ali, me mantive firme e não demonstrei minha desconfiança. Joana andava de um lado para o outro na sala sem olhar em minha direção. Aquilo já tinha passado do limite. Quando ela atravessou à minha frente, peguei sua mão e a puxei em meu colo. Ela se debateu querendo continuar sua andança pelo cômodo, mas mantive meus braços em volta dela. Depois de um tempo, se acalmou um pouco e deitou a cabeça em meu ombro.

Acaricieei seus ombros, braços, rosto, pernas e cabelos. Jô precisava de carinho e atenção, tinha a desconfiança que depois da visita indesejável precisaria de muito mais.

— Vai ficar tudo bem, eu estarei aqui o tempo todo.

— Jura? Não vai me deixar sozinha com eles?

— Não, ficarei ao seu lado como um carrapato.

Ela riu fazendo cócegas em meu pescoço com sua respiração.

— Acho que posso conviver com um carrapatinho.

— Não sou um carrapatinho, sou bem grande e cheio de sangue. Nada de *inho*.

— Eca!

Tentar aliviar o clima com humor sempre foi a maneira que encontrei para fazê-la se sentir melhor. Quando tinha problemas com os pais, Joana se acabava em tristeza e eu a fazia rir. Era o som mais lindo do mundo.

A campainha soou e imediatamente Joana ficou tensa em meu colo. Ela levantou a cabeça do meu ombro e me olhou com tanto medo que quem não conhecesse seu histórico de vida acharia que os pais a maltrataram fisicamente. Ela respirou fundo, me deu um sorriso meio sem graça e caminhou até a porta, enquanto eu me levantei e coloquei as mãos nos bolso da bermuda. Quando os pais da Joana entraram, estacaram ao me ver ali.

— O que ele está fazendo aqui? Queríamos conversar com você a sós, Joana! Manda ele sair!

Eu nunca fui muito com a cara da mãe dela, a mulher era esnobe e arrogante.

— Não, mãe! Eu e o Deco estamos juntos agora, e ele vai ficar. O que vocês têm a dizer podem falar na frente dele.

Fiquei tão orgulhoso dela que precisei caminhar até o seu lado e envolver meu braço em seus ombros. Ela me olhou e sorriu em agradecimento. Os pais dela estavam parados na porta e nos olhavam curiosos.

— Venham, sentem-se e digam logo o que querem, amanhã temos que trabalhar e pretendo jantar com o Deco essa noite.

Bem, isso queria dizer que eles não estavam convidados. A mãe da Joana fechou a cara e caminhou à frente, seguida pelo marido cabisbaixo. Sentou-se e cruzou as pernas. Jô se acomodou numa poltrona de frente a eles e esperou. Me mantive atrás dela e coloquei minhas mãos sobre seus ombros.

— Bom, que fique claro que eu não estou aqui por vontade própria, foi seu pai que insistiu para que viéssemos conversar com você. — A mulher mal conseguia olhar para Joana; olhava para todos os lados menos para filha. — Quando você esteve na nossa casa, ficamos chateados por tudo que nos disse, mas devíamos estar esperando, você sempre foi ingrata pelo que te demos. E por isso resolvemos vir te visitar: para que possamos ter uma relação mais sociável no futuro. Agora que você está apresentável de novo, não parece mais uma múmia ambulante, pode circular em nossas festas.

Arregalei os olhos e encarei abismado aquele casal. Pra que se deram o trabalho de vir até a casa da filha para falar uma merda daquelas? O pai de Joana olhava para a esposa com uma cara fechada, mas ele era controlado. Não discutiria com a mulher. Senti os músculos da Jô tensos e me perguntei como ela não tinha explodido ainda.

— Entendi! Enquanto eu estava depressiva, era um caco de mulher, sofria pela perda do meu noivo e, ainda por ter me afastado de tudo o que conhecia, não era necessária. Não, na verdade, era inconveniente. — Eu não via o rosto da Jô, mas devia ser algo a ser considerado, pois seus pais já tomaram posições defensivas a julgar pela expressão dos seus rostos. — Eu só não consigo entender ainda o motivo dessa visita: se era apenas para me ofender, e também não sei o que os fizeram pensar que eu gostaria de frequentar a vida social de vocês!

— Eu disse a você, Luís. Ela não entende o que precisamos numa filha. É por isso que sempre se sentiu sozinha, nunca se encaixou em nossas vidas. Eu não preciso disso, nem queria vir aqui, seu pai que tem um coração mole que insistiu. Vou embora.

Observei aquela mulher fria e sem amor sair pisando duro da casa e bater a porta. Quando voltei meu olhar para onde o pai dela ainda estava sentado, percebi que ele estava tenso, seus ombros estavam caídos e ele suspirou resignado. O cara era bem idiota em deixar a esposa falar essas merdas sem dizer nada. Ele levantou os olhos, me observou por pouco tempo, balançou a cabeça e se levantou.

— Desculpa, filha. Ela não disse que ia falar essas coisas. Eu só queria que pudéssemos viver em família. Infelizmente não é possível, mas fico feliz por você ter ele. Obrigado, rapaz, por cuidar da minha menina.

Ele caminhou cabisbaixo até a porta e, antes que pudesse alcançá-la, a voz rouca da Joana o parou.

— Por que, pai? O que eu fiz, ou melhor, o que não fiz?

— Você sempre foi perfeita, filha! Esse é o problema — disse sem se virar. — Sinto muito!

Saiu sem falar mais nada e fiquei com vontade de ir atrás e dizer como ele era um banana por aturar uma mulher daquelas. Devia dar um pé nela e cuidar da filha, que mesmo sendo adulta e independente, precisava do amor dos pais. Joana permaneceu em silêncio e dei a volta, agachando-me à sua frente. Ela olhava para a porta parecendo catatônica, mas, então, me surpreendeu ao rir. Riu tanto que fechou os olhos e lágrimas saíram deles. Percebi que estava nervosa e que aquela era uma maneira de soltar tudo sem sofrer.

— Você acredita nisso, Deco? Ai meu Deus, só rindo.

Eu abracei Joana e encostei sua cabeça em meu peito, deixando que sua crise terminasse. Depois das risadas vieram o choro compulsivo e o silêncio. Carreguei-a em meus braços para o quarto e dormimos abraçados; eu a aconcheguei até que ela se acalmou. Estava triste por ela não ter tido uma alegria como a que eu tive naquele dia. Ela fez o bem e recebeu mais tristeza. Teria certeza de que sua noite seguinte seria perfeita.

Joana acordou diferente, não estava mais triste e saiu para trabalhar. Deixei-a na escola e fui para casa me arrumar para um dia cansativo. Era como uma nova segunda-feira por causa do feriado. Fiquei o dia todo pensando numa coisa para agradá-la e planejei um jantar bem caseiro e gostoso. Eu gostava de cozinhar e tem coisa melhor do que alimentar a mulher que você ama e depois venerar cada pedacinho dela?

Procurei na internet uma receita gostosa e prática, acabei optando por algo mais elaborado. Uma carne assada com batatas douradas e acompanhada de um arroz branquinho. O dia voou e corri para o mercado, tinha mandado uma mensagem para Jô no meio da tarde informando dos meus planos e ela chegaria por volta das sete da noite.

Cheguei em casa abarrotado de sacolas e tomei um banho rápido, vesti uma bermuda de tãtel e fui para a cozinha. Temperei a carne e a furei para rechear com bacon e calabresa. Coloquei algumas tiras de cenoura também. Piquei as batatas e ajeitei tudo na travessa. Liguei o forno e marquei o tempo. Refoguei o arroz e, quando estava colocando a água, a campainha tocou. Sorri ao ver como minha Jô era pontual.

Abaixei o fogo do fogão e fui abrir a porta sorrindo, ela estava linda demais! Não me cansava de apreciar sua beleza.

— Uau, que cheiro maravilhoso! Saudades da sua comidinha.

Abaixei-me e beijei levemente seus lábios.

— Eu sei, ainda mais que você não cozinha nada.

Joana se fingiu de ofendida e levou uma mão ao peito dramaticamente.

— Olha que calúnia, senhor André, eu cozinho muito bem!

— Hum-hum! Vem, senta aqui. Enquanto está cozinhando, podemos tomar um vinho. O que acha?

Joana sorriu, me seguindo até a cozinha.

— Perfeito! Sua casa é legal, Deco. Fez um bom trabalho aqui.

— Muito grande pra mim, mas eu gosto. Pretendo enchê-la em breve — falei, abrindo a garrafa e olhando fixamente para ela.

Joana corou e abaixou a cabeça envergonhada, adorava quando ela ficava assim.

— Mas é linda! O que você está fazendo que cheira divinamente?

— Carne assada, com recheio!

— Meu Deus, eu amo isso!

— Eu sei! E como foi no trabalho?

— Tive um dia cansativo, as crianças voltam dos feriados com a corda toda.

— Imagino, mas você adora!

— Demais!

— Dorme aqui essa noite?

Vi Joana mordendo os lábios e seu rosto, mais uma vez, tingiu de vermelho.

— Bem, eu estava contando com isso e trouxe algumas coisinhas para ficar.

Meu sorriso se ampliou e meu corpo se esquentou de desejo e amor. Se ela estava fazendo planos era porque me queria tanto quanto eu a ela.

— Hum, isso é bom!

Joana era uma mulher maravilhosa, inteligente e bem-humorada. Passamos muito tempo em nossa adolescência só conversando. Já chegamos a perder aulas por ficar no pátio batendo papo, era delicioso jogar conversa fora com a Jô, pois ela sabia de tudo. Nós éramos compulsivos por livros, dividíamos essa paixão.

Falamos de tantas coisas que o tempo nem demorou, quando percebi o jantar estava pronto e ela me ajudou a colocar tudo na mesa. Sentamos e comemos. Estava gostoso demais, modéstia à parte, eu era bom na cozinha mesmo.

Quando acabamos, levei os pratos sujos para a pia e estava de costas quando braços macios envolveram a minha cintura. Virei-me e enlacei seus quadris, beijando sua boca com vontade. Estava querendo aquilo desde a hora que ela entrou.

Estávamos esquentando o beijo quando a campainha tocou. Nos separamos ofegantes e estranhei a intromissão, não esperava por ninguém. Sorri para ela e fui atender. Quando abri a porta, dei de cara com minha ex-noiva.

Letícia tinha o rosto vermelho e me olhava com pesar, parecia chateada e envergonhada de estar ali.

— Preciso falar com você. Desculpa aparecer assim!

Sim, se tivesse avisado seria menos constrangedor. Não me atrevi a virar-me e ver a reação da Joana.

— Tudo bem, pode entrar.

— Não, só quero te falar algo mesmo. Como vou dizer isso sem parecer que eu quero algo de

— você? Bem, acho que não dá, mas saiba que não quero mesmo. Só achei justo avisá-lo. — Respirou fundo e olhou em meus olhos. — Eu estou grávida, André!

E, então, aquela notícia despedaçou todos os meus planos para o futuro.

Capítulo 24

*Eu era tão feliz
E não sabia, amor
Fiz tudo o que eu quis
Confesso a minha dor
(Pra ser sincero – Marisa Monte)*

Joana

Eu cometi um erro! Fiz planos, sonhei com um futuro perfeito, achei que seria diferente. E quando estava tudo maravilhoso... desabou! Senti como se o chão fosse retirado sob meus pés como quando se puxa um tapete.

— Como assim, Letícia? Não estou entendendo!

A voz do André soou nervosa e me mantive na porta da cozinha olhando suas costas tensas sem poder me mover. A minha vontade era correr, sumir e fingir que isso não estava acontecendo.

— Desculpa, André. É verdade, eu não sabia como lhe dizer. Descobri ontem quando notei que estava atrasada há quatro semanas. Sabe que eu não me ligo nisso, tinha muita coisa na cabeça para me lembrar de verificar meu período. — A voz dela soava nervosa.

— Mas como? Sempre usamos preservativo! — Deco abaixou a cabeça e a sacudiu como se não acreditasse. — Tem certeza de que é meu?

Eu não vi a expressão da Letícia, mas provavelmente não fez uma cara muito boa com essa pergunta inconveniente.

— Não sei como tem coragem de me perguntar isso, mas eu tenho sim. Em dois anos só transei com você.

E meu coração doeu muito mais! Fechei os olhos, exasperada! Talvez fosse um pesadelo, alguma brincadeira que meu subconsciente resolveu fazer, quem sabe eu não acordaria feliz e

sorridente com o homem mais lindo do mundo ao meu lado?

— Eu não acredito nisso! Você pode esperar até amanhã? Te procuro para gente conversar. Não estou sozinho...

Saí do meu transe e caminhei até a sala, peguei a bolsa que tinha jogado no sofá e parei atrás dele. Coloquei a mão em suas costas nuas e ele tensionou o corpo antes de se virar. Eu não olhei para além da porta, não podia encontrar os olhos dela.

— Deco, pode conversar com ela! Eu vou pra casa e deixá-los se entenderem. Depois você me procura.

Seus olhos escuros me fitavam com tanta dor que não pude encará-lo. Era intenso demais e não podia lidar com aquilo agora.

— Não vai, Jô! Por favor.

Tentei sorrir para acalmá-lo, agora ele precisava da cabeça limpa para resolver tudo.

— Me procura amanhã, ok? — Dei-lhe um beijo no rosto e saí passando por Letícia. Cumprimentei-a com um aceno e ela me devolveu sem muito entusiasmo.

Sabia que não era fácil para ela ver a mulher responsável pelo cancelamento do seu casamento. Mas é engraçado como o destino consegue equilibrar as coisas, indiretamente eu tomei algo que lhe “pertencia” e agora ele devolveu.

Senti o olhar do Deco em minhas costas até descer as escadas. Não podia me virar, pois, se fizesse, desabaria em lágrimas e não conseguiria ir embora. E eu precisava ir! Tinha que deitar em minha cama e chorar tudo, porque eu tinha esse direito. Queria lamentar pelo sonho de lhe dar o primeiro filho, chorar pelos meus sonhos frustrados e de sempre ter um peso de um antigo relacionamento em nossas vidas. Pode parecer egoísmo, uma criança é motivo de felicidade. Eu estava confusa demais para pensar e minha depressão ameaçava me envolver em seus braços frios e sombrios.

Entrei em meu carro e dei partida, precisava estar em segurança logo. Meu peito parecia explodir a qualquer minuto e não precisava passar vergonha num lugar público.

A noite estava fresca e deixei a janela aberta, meus olhos começaram a arder e pisquei tentando espantar aquela tristeza. *Ainda não, ainda não.* Tinha que chegar em casa, era perigoso desabar ali. O vento que batia em meu rosto não fez muito bem para ajudar a conter, meus olhos lacrimejaram e o nó que se formou em minha garganta estava quase me sufocando.

Graças a Deus, eu não morava longe. Em dez minutos, estacionei na garagem do meu prédio e desci sem me preocupar de trancar o carro. Corri pelas escadas — morava no segundo andar — e abri a porta. Assim que a bati, foi como se abrisse a porta do inferno: caí sentada ao lado da parede, desesperada. Meu peito doía tanto que pareciam facas afiadas fincando vagarosamente em minha

carne; um soluço irrompeu do mais fundo de mim.

Eu não teria o privilégio de lhe dar o primeiro filho. Sonhei demais e isso me custou caro, de novo. Não tinha o direito de esperar um futuro lindo e perfeito, minha vida era para ser vivida um dia de cada vez. Eu errei em esperar demais.

Encostei-me à parede e fechei meus olhos, respirando profundamente. Estava sendo um pouco irracional e sabia, mas em meu coração queria ser eu quem daria essa notícia ao André. Imaginei a cena direitinho em minha cabeça... Eu o esperaria em casa, tomaríamos banho juntos quando ele chegasse do trabalho, pediríamos um jantar gostoso e eu sentaria em seu colo, beijando sua boca e conversando sobre como tinha sido o seu dia. E quando ele perguntasse do meu, daria a notícia maravilhosa que completaria nossas vidas e o amor se intensificaria.

Lágrimas quentes desciam por meu rosto fazendo com que quisesse me socar por estar sentindo aquilo. Não tinha direito, pelo amor de Deus, eu era professora, amava as crianças e um bebê só trazia felicidade, mas naquele momento decidi me permitir ser egoísta e afundar na tristeza de ter os meus planos despedaçados.

Percebi ali no chão da sala que cometi meu primeiro erro quando eu o deixei. Se não o tivesse abandonado, nada disso teria acontecido, estaríamos juntos há mais tempo e eu não teria me afundado em tristeza e depressão; talvez já tivesse esse filho dos meus sonhos, a vida teria sido diferente se houvesse feito a escolha certa.

Não sei quanto tempo se passou que eu fiquei sentada ali no chão da sala, já tinha esfriado consideravelmente. A noite estava alta lá fora e meus sentimentos tinham se acalmado um pouco, e pude pensar mais racionalmente.

Deco teria um filho com Letícia. E o que isso queria dizer para nós? O que mudaria? Como ficaríamos? O que ele faria? Meu Deus, que loucura. Eu seria capaz de suportar aquilo tudo, depois de toda dor, rejeição e depressão que passei?

Decidi aliviar a mente e fui tomar um banho, tirei minhas roupas e nem olhei para o espelho. Naquele momento não queria ver meu reflexo. Entrei debaixo da ducha quente e deixei a água lavar minha tristeza fora. Fiquei algum tempo ali e relaxei meus músculos tensos, saí do banheiro envolvida em uma toalha grande e rosa quando ouvi batidas na porta. Eu sabia que era ele, Deco não esperaria até o outro dia. Ainda bem que tomei um banho, estava menos destruída. Mas tinha certeza de que meus olhos permaneciam inchados e vermelhos.

Respirei fundo antes de abrir a porta e girei a maçaneta. Assim que lhe dei passagem, ele entrou envolvendo-me em seus braços fortes. Seu peito subia e descia ofegante; parecia ter corrido uma maratona. André me empurrou até a parede e invadiu minha boca num beijo desesperado; percebi seu rosto molhado e o abracei de volta, correspondendo aquela afirmação que estávamos ali, juntos. Que queríamos estar juntos. Um soluço irrompeu dele, mas não afastou seus lábios dos meus. Nossas línguas se entrelaçavam, guerreando para provar um do outro. Sua boca se movia contra a minha tão rápido que mal podia acompanhar. Era um beijo molhado com dentes, urros e gemidos sofridos.

Ele soltou minha boca e encostou a testa na minha, ficou de olhos fechados e percebi cada detalhe do seu rosto. André estava tão despedaçado quanto eu. Sua respiração forte soprava em minha boca e ele sacudiu a cabeça.

— Jô, fala pra mim que você não vai fugir. Não faz isso, por favor. Eu preciso de você, não posso te perder. Não me deixa!

Coloquei minhas mãos em seu rosto, enxugando as lágrimas dos seus olhos.

— Olha pra mim! — Ele abriu os olhos e me encarou com a testa ainda colada à minha. — Eu não vou fugir, ok? Vamos enfrentar isso, juntos!

— Promete? — sussurrou.

— Sim, eu disse que nunca te deixaria, não aguento mais viver sem você, Deco!

Ele suspirou e me abraçou de novo, apoiando minha cabeça em seu peito. Seu coração estava disparado e me tomou em seus braços levando-me até o sofá.

Sentou-se e me puxou para seu colo, ficou abraçado a mim e achei que tinha adormecido quando sua voz rouca perturbou o silêncio que nos mantinha seguros.

— Eu não queria isso, Jô! Juro que não! Queria que você fosse a mãe dos meus filhos.

Fechei meus olhos porque escutar aquilo doía muito mais do que eu admitiria, não podia mostrar a ele o quanto tudo me incomodava. Deco precisava de mim.

— Eu sei... — Suspirei com pesar.

— O que mais tem que acontecer com a gente, Jô? Será que vamos conseguir suportar mais essa provação?

— Deco, é um bebê. Não acredito que seja tão difícil — tentei usar o humor para aliviar o clima.

Ele levantou a cabeça do encosto do sofá e me encarou, estendeu uma mão e acariciou meu rosto com as pontas dos dedos, inclinei-me para seu toque e fechei os olhos inconscientemente.

— Sei que devo amar e vou amar essa criança, mas eu queria que ele fosse seu. Sempre me cuidei para ter o direito de escolher quem seria a mãe dos meus filhos e isso acontece...

Engoli em seco e voltei a me encostar em seu peito.

— O que decidiram?

— Ela vai ao médico e quando estiver tudo acertado irá me dizer para que eu possa acompanhar.

Assenti, respirando fundo. Agora André teria contato com Letícia pelo resto da vida. Mesmo eu não tendo nada contra ela, uma pontinha de ciúme me corroía, afinal ele iria se casar com ela se não tivéssemos nos reencontrado.

— Ela não quer nada de mim, Joana. Disse que vai criar a criança e só pediu para que eu registrasse. — Riu amargo. — Como se eu fosse abandonar um filho depois de tudo que passei na vida. Letícia não sabe que sou um órfão abandonado, nunca falei sobre meus pais, ela acha que somos brigados. Coitada, acho que nunca fui 100% sincero com ela. Como pude pensar em me casar com alguém, sem ao menos dizer sobre o meu passado. Inevitavelmente vou ter que falar sobre isso agora, ela vai querer que a criança conheça os avós e não tem ninguém. Não queria expor essa ferida, mas será preciso.

Ele colocou as mãos em meus ombros, me afastando do seu peito e segurou meu queixo forçando-me a encará-lo.

— Eu vou assumir esse filho, Jô. Vou amá-lo com tudo que eu tenho e quero que você o ame também, quero que esteja ao meu lado. Você pode fazer isso? Por favor, não me deixe! Quero você na minha vida mais do que quero respirar!

As lágrimas escorriam por meu rosto e Deco capturou-as com seus lábios, fechei os olhos e balancei a cabeça. Sabia que ele nunca deixaria um filho desamparado, ele iria amar essa criança como o bom homem que ele era.

— Vai dar tudo certo, Deco. Vamos atravessar isso juntos.

Eu esperava, e pedia a Deus com todas as minhas forças, que tudo se ajeitasse no final. Não suportaria uma vida sem o calor dos seus braços em volta de mim.

Capítulo 25

*Pois seja o que vier, venha o que vier
Qualquer dia, amigo, eu volto
A te encontrar
Qualquer dia, amigo, a gente vai se encontrar
(Canção da América – Milton Nascimento)*

Deco

Meus olhos já haviam se acostumado à escuridão do quarto. Eu olhava para o teto sem realmente enxergar nada, não procurava nada em específico. Apenas tentava esvaziar a mente dos acontecimentos daquele dia. Nunca imaginei que a minha noite terminaria daquela maneira. Joana já dormia tranquila em meu peito. Depois de conversarmos por algum tempo na sala fomos para o quarto descansar, mas eu realmente não conseguia pregar os olhos.

Não tinha ideia do que seria das nossas vidas dali em diante, estava com medo, acima de tudo da Jô não suportar aquela situação e eu perdê-la novamente. Meu coração sangrava só de imaginar. Aquela notícia que devia ser feliz e comemorada tinha desabado o meu mundo perfeito e bem organizado.

Meu cérebro trabalhava em velocidade vertiginosa e não parava de criar vários cenários que não me agradavam. Minha alma lamentava não poder estar feliz por aquele momento. Eu só conseguia sentir tristeza por algo que não pude controlar. O destino tem caminhos que não podemos prever e cabe a nós aceitá-los.

Apertei Joana em meus braços e ela se mexeu, aconchegando-se ao meu corpo.

— Ainda não dormiu, Deco? — A voz sonolenta da Jô me assustou um pouquinho e isso só me fez apertá-la ainda mais.

— Não consigo!

— Por que, amor? Amanhã temos que trabalhar cedo!

— Eu sei, só estou pensando!

— Para de pensar... Pensar é superestimado.

— Tudo bem, eu vou tentar.

Ela balançou a cabeça em meu peito e sua respiração engatou, achei que estivesse dormindo novamente quando ela disse algo que me acalmou e fez lágrimas brotarem em meus olhos.

— Amo você agora e para sempre!

Beijei o topo da sua cabeça sentindo o perfume que desprendia dos seus cabelos. Esperava que depois da tempestade viesse a calmaria que precisávamos.

— Eu também Jô, demais!

Algumas vezes ao longo dos anos, desde que Bernardo se foi, eu me lembrava do nosso passado, da nossa amizade improvável. Isso porque nós éramos de mundos diferentes e pensávamos totalmente distintos um do outro. Não concordávamos em nada, de verdade! Mas ainda assim ele foi o melhor amigo que eu poderia ter sonhado em ter algum dia.

Três semanas depois que toda a minha vida mudou, lembrei-me do dia em que conheci Bernardo.

Era o meu primeiro dia de aula na escola no ensino fundamental e, por consequência, o primeiro dia da minha liberdade. Tinha acabado de me tornar independente e por mais que meu objetivo fosse me livrar do sistema, estava assustado.

Mesmo sendo repetente consegui uma bolsa de estudo integral numa escola com alto índice de reprovação. Assim que entrei na sala, percebi que ali não era o meu lugar, porém, eu mostraria a todos eles que não era o que achavam de mim.

Sentei-me na última carteira no fundo da sala de cara amarrada, era minha maneira de manter os encenqueiros afastados. Já estava acostumado a isso, me mantive inteiro pela minha postura arrogante, mesmo sendo uma farsa.

O professor já ia fechar a porta quando um homem alto e bem-vestido chegou empurrando um rapaz pelos ombros para dentro da sala, falou algo com o professor e discutiu com o menino que entrou cabisbaixo. Como a carteira à minha frente era a única vaga, ele sentou-se sem olhar para os lados. Percebi que ele estava tenso enquanto o homem permanecia na porta. O que provavelmente era o pai dele se despediu e o professor fechou a porta, o garoto relaxou os ombros dando um longo suspiro. Não sei dizer o que me deu, mas alguma coisa me dizia que ele precisava de um amigo.

Cutuquei seu ombro com a caneta e ele se virou, me olhando de cara fechada.

— O quê?

— E aí? Queria me apresentar, sou o André!

O garoto estreitou os olhos, desconfiado, parecia esperar algum tipo de gozação ou sei lá o quê.

— Hum, sou o Bernardo.

Assenti e tombei a cabeça de lado prestando atenção na expressão fechada dele, provavelmente aquela também era sua arma.

— Situação chata ali na porta. Era seu pai?

— Sim!

— Bem, só pra constar... Ele é um babaca.

Eu realmente achei isso. Como um homem leva seu filho adolescente até a porta da sala e o faz passar vergonha no primeiro dia de aula sendo alguém normal? Só um idiota faz isso!

Bernardo balançou a cabeça parecendo chateado e com decepcionado, como se esperasse que eu dissesse aquilo.

— Não, na verdade ele só quer o meu bem! E o que você tem a ver com isso? — Ele realmente soava muito bravo.

— Uau! Nada, só estou querendo fazer amizade.

O garoto respirou fundo e assentiu, eu nunca tinha visto um rapaz daquela idade tão tenso e desconfiado. E olha que conheci muitos que deviam ser assim.

— Tudo bem, desculpa. É que não gosto que se metam comigo assim. Então Deco, o que planeja?

— Deco? Gostei... Não planejo nada, e você?

— Também não.

— Ótimo!

Aquela foi a conversa mais louca que tive com o Bernardo, e naquele dia ele falou da sua vida como nenhuma outra vez. Nunca mais deixou me envolver ou dar palpites em suas escolhas. Ele era extremamente controlado pelo pai, seu futuro, estudos e horários, mas não achava ruim, sentia orgulho de deixar o pai satisfeito. Eu achava um pouco louco, mas quem era eu pra falar? Nem pai eu tinha.

Tornamo-nos grandes amigos, irmãos por escolha e nunca deixei de sentir sua falta.

Olhei para a caixinha à minha frente e lamentei por ele não estar ali para ver isso acontecendo. Bem, se ele estivesse não estaria acontecendo, na verdade. O que não queria dizer que deixava de sentir a falta do meu amigo no momento mais importante da minha vida.

Estava planejando há alguns dias, fiquei receoso que desse errado porque estávamos numa situação delicada desde a notícia de que eu iria ser pai. Mas não podia mais suportar a ideia de ficar longe da Joana. O tempo já tinha nos roubado demais.

Tinha tudo acertado para a noite e encontrava-me ansioso!

Estava distraído em pensamentos quando meu telefone vibrou em cima da mesa, era Letícia mandando mensagem, dizendo que iria passar ali em alguns minutos, pois precisava falar comigo. Nas três semanas que passaram nos falávamos por telefone e essa seria a primeira vez que a veria.

Não queria ter que vê-la porque sabia que incomodaria a Joana, mas era inevitável que acontecesse, teria contato com a Letícia a vida inteira, e isso me preocupava.

Alguns minutos passaram e Rafa levou Letícia para dentro da sala. Ela sorriu antes que ele saísse fechando a porta, não sem antes me dirigir um olhar de compreensão. Apesar de eu me manter um pouco afastado desde que descobri sobre Joana, ele era um bom amigo que sabia de toda a confusão que minha vida se tornou. Levantei-me e dei a volta na mesa.

— Oi, como você está? — Dei-lhe um beijo no rosto e Letícia sorriu.

— Bem, fora os enjoos e as tonturas, está tudo ótimo.

— Isso é normal?

Não sabia nada sobre gravidez e me preocupava que ficasse doente. Ela sorriu e se afastou, sentando-se na cadeira em frente à minha mesa.

— É sim! Bem, eu vim pra te dizer sobre o meu pré-natal.

— Ok! — Sentei-me ao seu lado e a encarei, algumas mudanças em Letícia podiam ser notadas, ela estava mais cheinha, com o rosto corado e seus olhos brilhavam.

— Tenho consulta na quarta-feira que vem, se você quiser ir eu te dou o endereço.

Sabia que isso viria e, por mais que quisesse participar de tudo, tinha receio de como Joana iria se sentir. Fiz uma careta e assenti, baixando a cabeça.

— Tudo bem!

— André! — Olhei para cima e Letícia sorria. — Sei que está com medo pela Joana, mas acho que vai ficar tudo bem. Compreendo o quanto você a ama e não quero de maneira alguma afastá-los, então eu tomei a iniciativa de ir até a escola conversar com ela. Acho que ficou tudo bem entre nós.

Arregalei os olhos e meu coração disparou, não tinha ideia do medo que tinha do que Joana faria, caso algo assim acontecesse.

— Não sei se é uma boa ideia você ter contato com a Joana.

— Foi melhor assim, nos entendemos e a convidei para participar ativamente de tudo. Afinal, ela será a *boadrasta* do meu filho.

Respirei fundo, me sentindo estranho. Toda aquela situação era complicada, mas teríamos que superar e passar incólumes por ela.

— E como você está?

— Bem, muito bem! Realizarei um sonho que sempre tive e quem sabe no futuro encontre alguém que me ame assim como você ama Joana?

— Tenho certeza de que encontrará sim, você é uma boa pessoa. — E realmente era, esperava de todo o coração que algum cara fosse digno de retribuir seu amor.

Letícia corou envergonhada e olhou para as mãos que seguravam a alça da bolsa, que estava repousada em seu colo.

— Bem, já vou indo! Só passei para lhe dizer isso. Tchau, André.

Abaixou-se, me dando um meio abraço, e foi embora sem olhar para trás. Fiquei ali olhando para as minhas mãos, pensando se eu seria capaz de suportar aquilo tudo, e se Joana conseguiria. Tinha medo de não amar a criança como devia pelo simples fato de tudo estar estranho e incômodo.

Levantei-me com um suspiro e parei em frente à janela que dava pra rua. Coloquei as mãos nos bolsos e fiquei olhando os carros passando e as pessoas seguindo suas vidas. Era naqueles momentos que eu não sabia bem o que fazer, que sentia mais falta do Bê e de sua personalidade prática e controladora. Ele saberia o que fazer e como me aconselhar. Fechei os olhos e fiz uma prece para que onde ele estivesse olhasse por nós e nos guiasse para o caminho certo, que nosso amor resistisse a qualquer tempestade.

E que nós pudéssemos amar essa criança, que pudéssemos ser pais diferentes dos que tivemos. E seríamos, com certeza!

Capítulo 26

*Eu gosto tanto de você
Que até prefiro esconder
Deixo assim ficar
Subentendido
(Apenas mais uma de amor – Lulu Santos)*

Joana

— Jô, tem uma pessoa querendo falar com você!

Levantei meus olhos da atividade que estava ajudando a Júlia fazer e encarei minha ajudante. Sorri para ela e me levantei.

— Ajuda a Júlia, por favor! Já volto.

Ela assentiu e agachou onde eu estava até um minuto atrás. Não tinha ideia de quem poderia ser, talvez fosse o Deco. Porém, pelo menos, ele me avisaria por mensagem de texto. Com toda a situação que nos envolvia eu estava me sentindo estranha ultimamente, mas não deixava que ele percebesse, por isso não via motivo dele vir até a escola sem avisar.

Saí da sala, fechando a porta, e fui até a recepção. Quando me deparei com minha visitante surpresa, estaquei no lugar. Não podia acreditar que Letícia estava ali para me ver. Respirei fundo e resolvi enfrentar mais aquela batalha, que era comigo mesma — ou seja, com meus ciúmes e insegurança — do que com ela em si.

Letícia levantou-se sorrindo, um pouco sem graça, e parei à sua frente.

— Que surpresa, não esperava te ver aqui. — Tombei a cabeça de lado, tentando não demonstrar demais o quanto estava receosa com sua visita.

— Eu sei! Mas precisava falar com você. Tem um minuto?

Franzi a testa, pensando nos prós e contras. Não que eu não gostasse dela, tinha muita simpatia por tudo que me ajudou, mas ela era a ex do meu namorado e estava grávida de um filho dele. Meu

emocional aguentaria? Bem, eu prometi enfrentar todos os meus fantasmas...

— Claro! Vem, sente-se!

A recepção estava vazia e ninguém nos incomodaria. Sentei-me e esperei que ela se acomodasse, Letícia era uma mulher bonita e muito simpática. Droga, não tinha nada para odiá-la. Deus, de onde vinham esses pensamentos? Eu não era disso.

— Não sei se foi uma boa vir até aqui Joana, mas senti que precisávamos conversar.

— Tudo bem, eu não me importo. Pode falar.

Ela suspirou e balançou a cabeça.

— Como começo? — Torceu a boca e fez uma careta. — Bem, eu não vou dizer que esqueci o André, ele não é um cara que você deixa de gostar de uma hora pra outra, mas eu entendo que ele nunca foi meu. Sei o quanto vocês se amam, e percebi que o tinha perdido no dia que se reencontraram. Mas, como uma mulher apaixonada, achei que o tempo de vocês tinha passado e me iludi. Por isso não fiquei tão surpresa quando ele terminou tudo. Mas esse filho... — Ela sorriu olhando para a barriga ainda plana. — Ele já é tudo para mim, e quero que saiba que de maneira alguma quero usá-lo para tirar o André de você. E gostaria que participasse da gestação, porque, na verdade, terá grande importância na vida dessa criança.

Fiquei olhando para a bela mulher à minha frente sem realmente acreditar naquilo tudo.

— Eu não sei o que dizer.

— Não diga nada! Só aceite fazer parte disso também.

Respirei fundo e desviei meu olhar para o vaso de planta que enfeitava o canto do balcão.

— Não serei hipócrita e dizer que estou vomitando arco-íris por tudo que está acontecendo, mas eu quero e vou amar essa criança como se fosse minha, Letícia, quanto a isso você pode ficar despreocupada. Afinal, ela é uma parte do homem que eu amo, né?

Letícia balançou a cabeça, sorrindo.

— Na verdade, eu passei aqui para te convidar para a consulta na próxima quarta, estou indo falar com o André, mas preferi te chamar primeiro.

Percebi que ela, além de querer me deixar tranquila e me envolver, não gostaria que eu tivesse ciúmes e estava me colocando a par dos seus planos.

— Não sei se é uma boa ideia. Por mais que eu esteja disposta a participar e me envolver, acho que me sentiria deslocada. Ainda não estou preparada.

— Tudo bem, mas não quero que me odeie Joana. Não vou usar essa criança para fazer nenhum

mal a vocês, pode ter certeza.

— Obrigada!

— Bem, então vou indo porque tenho que trabalhar ainda. — Levantou-se e se inclinou, me dando um meio abraço. — André tem sorte de ter você!

Virou-se e foi andando até sumir da minha vista. Fiquei atônita com aquela conversa, mas me sentia mais leve. Mesmo Deco me afirmando que ela não queria nada com ele, ainda fiquei na dúvida. Uma mulher apaixonada não perderia essa chance, certo? Mas Letícia era uma mulher centrada e sabia que merecia mais que a metade de alguém.

Voltei para minha sala e vi o dia passando mais leve e sem tantas preocupações que me assolaram por três semanas. Reservaria a noite para curtir o Deco sem o peso de um futuro incerto. Mesmo não querendo ainda planejar nada, podia desfrutar daquele presente maravilhoso que era o amor. Eu não mandei mensagem a ele, nem mesmo pensei em ligar. Nada disso seria capaz de suprir minha vontade de abraçá-lo forte, beijar sua boca e sentir o que acontecia comigo cada vez que ele me tocava.

Era como se fosse uma reconciliação. Mesmo que não tenha rolado nada ruim, sentia como se estivéssemos afastados. Porém, nada me preparou para a imagem que me recebeu ao abrir a porta do meu apartamento.

A sala estava na penumbra, iluminada apenas por velas aromatizantes que desprendiam um perfume suave de jasmims. Meu coração começou a acelerar. Essa era uma flor que eu não gostava de nem sentir o cheiro, mas ali estava perfeito. Pétalas de rosas na cor rosa estavam espalhadas por todo o caminho até o quarto; uma música suave soava da porta entreaberta. *Íris*, do *Goo Goo Dolls*. Sorri, imaginando o que eu encontraria ao entrar.

Retirei o sapato e coloquei a bolsa na mesa ao lado da porta, desabotoei os botões da camisa e andei devagar apreciando cada momento daquela noite. Um furor tomou conta de mim enquanto seguia em frente, quase corri para andar mais rápido.

Parei em frente à porta e abri com uma mão. Deco estava parado em frente à minha cama vestido de calça e camisa brancas, segurando uma única rosa. Meu coração se acalmou ao vê-lo sorrindo.

— Sei que estamos juntos há tão pouco tempo, mas que parece muito mais. Sei que o mundo se revirou completamente para que não ficássemos juntos. Sei que temos muita bagagem e que não será fácil. Mas também sei que não vivo sem você, Joana. Nenhum minuto dos meus dias conseguirei viver sem estar ao seu lado. — Deu um passo à frente e pegou minhas mãos entre as suas. — Nada e ninguém conseguiu tirar esse sentimento do meu peito, não me orgulho em admitir que tentei, eu tentei sim, com muita vontade deixar de te amar, esquecer o que sentia por você e viver uma vida normal, sem lembranças, culpas e saudades. Mas não consegui e nunca conseguirei, aliás, nem quero. Quero viver cada segundo da minha vida ao seu lado, compartilhando tristezas e alegrias. Casa comigo?

Eu não sei dizer em que momento da minha vida percebi que o que vivia com minha família era errado. E eu não era a diferente, mas eles. Mas, quando eu notei a diferença dentre tantos pais que conheci, prometi a mim que só me contentaria com a totalidade no amor. Plenitude! E, na verdade, eu estava escolhendo metade de um sentimento ao me casar com Bernardo, ele me faria feliz, mas não completa. Com Deco à minha frente tão lindo, percebi que aquele sonho, a promessa de um amor perfeito estava bem ali. Sempre esteve, era só estender a mão e pegar.

E foi o que eu fiz, puxei sua nuca na minha e beijei sua boca com amor, desejo, paixão e tudo que sentia quando o assunto era o André. Ele ria em meus lábios e não consegui continuar beijando-o. Droga, estava queimando por ele.

— Acho que isso quer dizer que você aceita?

— E você tem alguma dúvida? — Bufeí divertida, olhando seu rosto perfeito.

Ele me olhou sério e deslizou a rosa em meu rosto.

— Tinha esperanças que dissesse sim, mas não havia certeza.

— Sim, meu amor, para tudo que você me der. Eu aceito tudo, tudo!

Ele riu e me abraçou, ficamos assim por um tempo até ele me soltar e andar até a cabeceira da minha cama. Pegou uma caixinha rosa e estendeu pra mim. Sorri e a peguei de suas mãos, enquanto abria a caixa as minhas tremiam.

Dentro, na almofada, repousava um anel de ouro com um diamante solitário em forma de coração, rosa.

— Sei que nosso costume é usar alianças de noivado, mas quando fui procurá-las vi esse anel e não resisti.

— E por que tudo rosa?

Estava curiosa, porque normalmente se usa rosas vermelhas fortes e que denominam paixão.

— A cor é suave e delicada como você, Jô. A pétala macia me lembra da sua pele; o perfume, dos seus cabelos; e a cor, seu corpo quando está rosado de desejo.

Deco não era um cara de palavras sujas, ele era romântico, sensual e irresistível. Estendi a caixa e minha mão direita. Ele sorriu, pegou a caixa, tirou o anel e beijou cada dedo, acariciando minha mão no processo e deslizando o anel, que coube perfeitamente.

— É lindo!

— Como você.

— Sério? Onde você leu isso?

Ele riu e envolveu meu rosto em suas mãos grandes.

— Só digo o que eu vejo e você é tão linda que ofusca qualquer coisa que preparei para essa noite. Nem sei se foi suficiente.

Sorri extasiada com a plenitude que sentia; meu coração disparado parecia querer saltar do meu peito a qualquer momento.

— Foi maravilhoso. Fez tudo sozinho?

— Sim, cada detalhe!

— Você é incrível.

Deco corou e deslizou dois dedos por meus lábios sem desprender os olhos dos meus.

— Dança comigo? Percebi que não fazemos muito isso!

— Só aquela vez que você esmagou meu pé. — Arqueei uma sobrancelha, lembrando da noite, anos atrás, que quase perdi os dedos.

— Eu sei, já melhorei depois daquilo.

Sorri e o acompanhei até a sala que estava como um sonho de tão romântica. Deco enlaçou minha cintura e respirou em meu ouvido quando colocou nossos corpos. Sussurrou suavemente a letra, fazendo sua declaração por meio da canção.

E tudo que eu posso sentir é este momento

E tudo que eu posso respirar é sua vida

Porque mais cedo ou mais tarde isso acabará

E eu não quero sentir sua falta esta noite

Parecia que eu estava dentro de um sonho e que acordaria a qualquer momento. Mas não estava. Minha realidade era mais bonita que qualquer fantasia. Estava nos braços do homem que nasceu para me amar e era uma mulher plena e realizada.

Obrigada, meu Deus, por reservar para mim um destino tão bonito. Dessa vez não tinha nada do que reclamar, estava tudo lindo. E se não estivesse faríamos ficar, porque quem faz nosso caminho e o trilha somos nós mesmos.

Eu, enfim, estava pronta para caminhar no meu de cabeça erguida.

— Pensei em você cada minuto desse dia, Jô. Quero que se recorde do nosso momento e sempre

se lembre dele no futuro.

— Não.

— Como assim? — Ele soou nervoso e se afastou para me olhar.

— Lembraremos juntos!

— Gostei de como soa. E você já pensa em datas?

— Nossa, que apressado!

— Sempre!

Aproximei-me e beijei a ponta do seu nariz.

— Deixo a seu encargo, fez tudo perfeito e não podia pedir melhor. Só tenho uma exigência.

— O quê?

— Nós vamos juntos para o casamento.

Deco parou e olhou para mim, erguendo meu queixo.

— Sim, nunca vamos nos separar.

Assenti com os olhos cheios de lágrimas. Deco me abraçou apertado e descansei minha cabeça em seu peito, ouvindo a música cadenciada que eu mais amava: as batidas do seu coração.

Capítulo 27

*Entre o céu e o firmamento
existem mais coisas do que julga
o nosso próprio pensar
que vagam pelo tempo
e aquele sentimento de amor eterno
(Firmamento – Cidade Negra)*

Deco

O que fazer quando o seu coração está tão cheio de felicidade e amor, que parece prestes a explodir?

Estava tudo correndo rápido demais e mal conseguia me organizar. Joana não quis ir à primeira consulta do pré-natal da Letícia, disse que se sentiria estranha e acho que foi bom. Eu havia notado que Jô estava estranha antes de conversar com minha ex e, quando tudo se resolveu, ela voltou a ser a minha amada de sempre.

Nossa noite foi maravilhosa, ela estava resplandecente e meu coração se enchia de amor cada vez que olhava em seus lindos olhos. Joana ficou feliz, mas planejou um casamento realmente simples. Não sei se ela tinha medo devido ao que aconteceu no último, mas, conforme o grande dia se aproximava, ela começou a ficar tensa.

Tentei acalmá-la a todo custo. Passeamos, voltamos ao orfanato e nos aproximamos de Vanessa, que estava encantada por Joana. Fomos à cachoeira e nos amamos inúmeras vezes na grama, nas pedras e dentro d'água. Cada dia que passei ao seu lado foi perfeito.

Ela se negava a fazer planos para um futuro próximo ou longo. Dizia que preferia ser surpreendida, mas eu sabia mais que isso. Ela estava com medo.

Estávamos a poucos dias do maior sonho que poderia ter. Ao contrário do habitual, quem estava nervoso era eu. Havia milhares de *e-mails* em meu computador, papéis e contratos, esse não era um dos meus melhores dias. E estava quase no fim, mas ainda não tinha resolvido metade das coisas.

— Ei, enforcado! Pronto para a bagunça?

Levantei meus olhos para o Rafa, que tinha enfiado a cabeça no vão da porta aberta e sorria amplamente.

— Não sei do que tá falando! Essa coisa de organizar casamento não é de Deus, cara.

Ele riu e entrou na sala com as mãos na cintura.

— É engraçado ver você nessa posição. Joana te enlaçou de verdade.

Eu sorri e acenei. Por mais que estivesse quase enlouquecendo, gostei de fazer isso. Ela seria surpreendida e eu pretendia que fosse tudo perfeito.

— Com certeza! E não poderia estar mais feliz.

— Eu sei! Er... eu queria falar com você, Dé!

Franzi o cenho, percebendo que, de repente, o Rafa havia ficado um pouco estranho. Ele parecia nervoso.

— Pode falar.

Ele havia sido de grande ajuda nesses dois meses. Apoiou-me como um verdadeiro amigo, tanto que estaria ao meu lado no altar no grande dia da minha vida.

Rafael se sentou à minha frente e larguei os papéis em cima da mesa, percebendo que era algo sério. Ele abaixou a cabeça, sorrindo e ergueu os olhos pra mim.

— Bem, em primeiro lugar isso não estava planejado. Simplesmente aconteceu. — Assenti e ele respirou fundo. — Eu estou saindo com a Letícia.

Uau! Isso era realmente uma novidade.

— Ok, e por que está me dizendo isso?

— Poxa, vocês tiveram um relacionamento longo e ela vai ter um filho seu. Achei que seria legal te falar antes de assumirmos publicamente.

— Entendo! E o que você pretende com ela. É sério? Sabe que Letícia não é qualquer uma e ainda terá bagagem.

Ele fechou a cara e me encarou.

— Eu sei disso, ela é maravilhosa. E sim, é muito sério. Estou gostando dela de verdade e acredito que ela gosta de mim, só não diz. Parece ter medo de demonstrar seus sentimentos.

E eu me senti culpado por aquilo. Sabia que o motivo dela ser retraída assim, era por eu ter desistido de tudo que construímos porque não a amava o suficiente.

— Bom, se você gosta dela e pretende ter algo sério, te dou todo o meu apoio. Vocês merecem!

Rafa sorriu e nunca o vi tão feliz, seus olhos tinham um brilho diferente.

— Obrigado, estava com receio do que você iria achar.

— Não precisava, eu te conheço e sei o quanto é gente boa. Só trate de não fazê-la sofrer. Não continue um relacionamento se não tiver plena certeza, não quero que repita o meu erro.

— Eu não vou, pode ficar tranquilo.

Assenti e voltei meu olhar para a tela que estava cheia de trabalho. Fiz uma careta de cansaço. Essa noite não dormiria com Joana, ela tinha insistido para que ficássemos esses dois dias separados. Eu achava uma bobeira, mas ela insistiu.

— Bom, vamos então?

Levantei os olhos do computador e olhei para o Rafael, confuso. Ir aonde?

— Como assim?

— Sua despedida de solteiro, cara! Acha que eu iria deixar isso passar? Afinal, tu será enforcado, meu velho.

— Nem pensar, tenho muitas coisas pra fazer. Não posso perder tempo.

— Nada disso, estamos indo e é agora! E não se preocupe, sua Jô já sabe. Me disse que, se você não quisesse ir, era para eu te arrastar. Segundo ela, você parece uma noiva, de tão tenso. E aqui estou eu com esse propósito.

Droga, se Joana estava nisso não ia me dar sossego enquanto não fizesse o que pediu. Assenti e abaixei o olhar para os papéis. Com um suspiro, larguei tudo e, com o dedo em riste, deixei claro minha opinião.

— Sabe que eu preferia ir pra casa descansar e me preparar para o dia do meu casamento. Mas se você vier com merda de *stripper*, eu vou te socar.

Ele levantou ambas as mãos e sorriu.

— Nem pensar em *stripper*, cara. Esqueceu? Agora eu também sou um cara comprometido. Seremos só nós dois, pra descontrair.

— Tudo bem!

Segui Rafael pela concessionária deserta e ele me encaminhou ao seu carro. Não gostava de ficar à mercê de ninguém, mas percebi que minha *Ranger* não estava mais ali. Nem perguntei por que, pois, pelo visto, uma gangue queria que eu tivesse minha última noite de solteiro.

Entrei no banco do carona, emburrado, e ele apenas ria. Ao longo do percurso, olhei para a janela me distraíndo, esvaziando a mente que, até então, não havia percebido que estava tão cheia. Quando paramos, olhei pra fora e percebi que estávamos num bar familiar e fomos atendidos por uma moça legal, vestida de vaqueira.

— Gostei do lugar, nada de *strippers*.

— Sem *strippers*.

Assenti e sentamos a uma mesa num canto do bar. Tinha música ao vivo e apreciei o ambiente limpo. Havia algumas pessoas tomando bebidas, jogando conversa fora e deixando o tempo passar. Uma garçonete se aproximou sorrindo.

— O que vão querer?

Rafa olhou para mim com um brilho malicioso nos olhos. Já fiquei alerta para o que ele iria aprontar.

— O que você tem, querida? Meu amigo aqui vai se enforcar em dois dias.

Ela me encarou, sorrindo, e acenou para Rafael.

— Que legal! Nós temos algo especial para meninos em despedida. Vai querer?

— Não! — Respondi entredentes.

— Sim! — Rafa rebateu minha resposta, e ela sorriu.

— Ok, saindo um bem *sexy*.

Arregalei os olhos enquanto ela se afastava. Voltei meu olhar assustado para Rafael, que apenas ria.

— Eu disse nada de *strippers*.

— E eu ouvi, cara. Relaxa, você vai apreciar. Elas são as melhores.

— Porra, eu vou sair daqui! — Levantei-me pronto para sair, correndo dali, e ir embora a pé se fosse preciso, quando quase trombei com uma moça mascando chiclete e sorrindo pra mim. Ela carregava uma taça com um líquido verde. — Desculpe, moça, mas não vai rolar.

Ela sorriu.

— Vai sim, você vai gostar.

Aproximou-se e eu dei um passo atrás. Ela se inclinou e colocou a bebida em cima da mesa, saindo logo em seguida e rindo da minha cara. Olhei para o Rafael sem entender nada e ele se rachava de tanto gargalhar.

— Que merda é essa?

— Você devia ver sua cara, Dé!

— Não estou achando graça nenhuma!

— Claro que não. Senta, velho, é só uma bebida especial que elas preparam para os caras que vão se enforçar. Chama-se *Sexy Rum*. É leve e não te faz perder os sentidos e ser chutado por ter feito merda.

— Caramba, você me assustou!

Sentei-me e peguei a taça, provando. Era realmente muito bom.

— Eu sei, devia ter visto a sua cara.

A garçonete se aproximou, rindo, e entregou ao Rafael um refrigerante. Fiquei envergonhado pela minha atitude e pedimos que ela nos trouxesse alguns petiscos.

— Não vou beber, serei o taxista hoje.

Assenti e olhei em volta. O lugar era *country* e muito bem frequentado. Como pude pensar que ganharia um *lap dance* ali?

— Agora que estamos aqui, você pode relaxar, Dé. está muito tenso e pode surtar antes da hora.

— Eu sei...

— E pode me dizer o motivo dessa tensão toda também?

Suspirei e o encarei. Se estava tão óbvio para um cara que não conhecia o meu passado, imagine o quanto Joana percebeu.

— Está tão na cara assim? — Ele fez uma careta e assenti. — Bem, eu estou com medo. Sei lá, me sentindo estranho. Apesar dos meus planos terem mudado, sei que vai dar tudo certo, pois tudo está caminhando para ficar bem.

— E vai!

— Então, por que me sinto assim? Não entendo.

— Olha, irmão, é muita coisa acontecendo em pouco tempo. É normal que fique ansioso e temeroso, mas vai dar tudo certo, você vai ver.

— Eu realmente espero que sim.

Ficamos algum tempo no bar, que descobri ser de um amigo do Rafael e estava tudo combinado

para me enganar. Ele riu mais um pouco e me juntei a ele. A noite passou e consegui relaxar, sem me embebedar demais. Rafa me deixou no apartamento da Joana. E, como eu tinha a chave, não quis incomodá-la, pois já era tarde e ela devia estar dormindo. Abri a porta e, na sala mesmo, me liberei das roupas. Percebi que estava mais bêbado do que imaginava. Fui rindo até o quarto e, quando cheguei lá, meu sorriso idiota desapareceu e fiquei sóbrio na hora.

Vê-la deitada na cama, usando apenas uma camiseta colada e uma calcinha de algodão fez com que coisas estranhas acontecessem dentro de mim. Todo medo, ansiedade e dúvida evaporou-se em um segundo. Eu a teria me esperando todos os dias assim e era o cara mais sortudo do planeta. Tirei a última peça de roupa e fui até o banheiro, escovei os dentes e deitei atrás da Jô. Abracei-a pela cintura e ouvi-a resmungar, se aconchegando a mim. Aproximei-me do seu pescoço e aspirei seu perfume doce.

— Amo você, Joana.

Capítulo 28

*Pra você guardei o amor
Que nunca soube dar
O amor que tive e vi sem me deixar
Sentir sem conseguir provar
Sem entregar
E repartir
(Pra você guardei o amor – Nando Reis)*

Joana

Os sonhos podem ser realizados quando se acredita e tem fé.

Braços fortes e um corpo quente se enroscaram atrás de mim e eu apenas sorri, me aconchegando nele. Pedi ao Rafa que o trouxesse para a minha casa. Aquela ideia de ficarmos separados era uma idiotice sem tamanho. Antes de dormir novamente, o ouvi dizer “*eu te amo*”. Minha alma se acalmou e dormi tranquilamente, coisa que não estava acontecendo com frequência.

O dia amanheceu. Eu trabalhei, fiz minhas coisas, passei a tarde sem pensar demais, porém, estava nervosa. Na verdade, estava a ponto de explodir. Loucura era pouco para o que eu estava beirando. Meus dedos estavam quase sem unhas. Sim, a manicure iria ter um colapso no dia seguinte. Meu dia de noiva estava ficando arruinado pela minha aparência tresloucada. E, então, estar nos braços dele me acalmava completamente.

O grande dia chegou e não pensei, porque limpei minha mente de todos os pensamentos e apenas fui com a maré. André tomou café comigo, sorrindo, e percebi que ele também estava nervoso, acredito até que muito mais do que eu. Ele havia preparado cada detalhe do nosso casamento, e eu escolhi apenas o vestido. Combinamos de ir para o local juntos, eu não passaria mais por uma dor semelhante a de anos atrás. Comemos pão francês fresco, tomamos café quente e forte para nos animar, não que não estivéssemos animados, mas o nervosismo era tanto que meu coração podia parar.

De mãos dadas, saímos de casa e fomos na *Ranger* do Deco até a pequena capela onde se realizaria nosso casamento. Bem, pelo menos era onde eu achava que seria, pois ele não tinha me

dito nada.

O percurso foi tranquilo. Brincamos, sorrimos, ouvimos música e contamos os minutos. Já estava tudo lá: meu vestido, sapato, maquiagem... Até a manicure me esperava. E seja lá o que André ia fazer, também estava providenciado.

Quando paramos em frente à capela, eu encostei a cabeça no encosto do banco, fechei os olhos e respirei fundo o ar fresco da manhã. Elevei meus pensamentos a Deus, agradecendo por termos chegado ali; não sabia o quanto tinha medo desse trajeto de casa até a igreja. Senti um toque em minha mão, que repousava em meu colo, e abri os olhos virando a cabeça para encarar Deco, que sorria lindamente.

— Chegamos, meu amor!

— Eu sei!

Ele se aproximou, colou seus lábios nos meus, envolvendo-me num beijo suave e cheio de promessas. Eu queria realizar cada uma delas. Deco se afastou e seus olhos negros brilhavam tanto que poderiam ser dois diamantes raros.

— Vou falar algo clichê! — Revirei os olhos e sorri. — Eu serei o cara no altar com o sorriso mais bobo da face da terra.

Ele saiu, deixando-me ali com um sorriso enorme e lágrimas nos olhos. Observei-o andando até a lateral da igreja e, antes que virasse a esquina e sumisse da minha visão, ele se voltou e sorriu. Deus, como eu amava aquele homem!

Peguei a chave, que ainda estava na ignição, e levei comigo. Liguei o alarme e caminhei devagar até o outro canto da igreja. Entrei pelos fundos e me dirigi a uma sala que o Deco disse que estava preparada para mim. Abri a porta e havia duas mulheres sorrindo.

— Você deve ser a Joana.

— Isso! — Uma delas se aproximou e me envolveu num abraço apertado. — Estava ansiosa para te conhecer, meu nome é Fernanda.

— Prazer, mas por que ansiosa?

— Porque eu queria conhecer a mulher sortuda que tinha o amor de um homem tão dedicado. Você não tem noção da lindeza de tudo que ele preparou.

Meu coração, que já estava acelerado, disparou em meu peito, que até me senti tonta. Tive que procurar um lugar para me sentar e fiquei ali por algum tempo. Fernanda e sua amiga me deram espaço, percebendo que eu precisava de um tempinho.

Olhei para o céu azul, perdida em pensamentos, e percebi que esperei aquele momento por toda minha vida. Não poderia estar mais feliz e realizada. Meu coração e minha alma estavam em paz.

Enfim, poderia descansar e aproveitar a beleza que me era concedida.

Levantei-me e sorri para as mulheres, que não demoraram e começaram a trabalhar comigo. Como previ, a manicure me deu um sermão por ter roído as unhas. Fiquei envergonhada e lhe expliquei o motivo, ela se arrependeu e disse que tudo daria certo.

Com os cabelos prontos e arrumados, levantei-me para colocar o vestido. Eu sempre fui uma pessoa simples, gosto de coisa práticas e sem muitos detalhes. Acho que esse era um dos motivos pelo qual minha mãe não gostava de mim. Ela sempre fora uma mulher extremamente sofisticada e não se conformava com minha personalidade simplista. Só que eu aprendi uma coisa a duras penas, não ser o que não é para agradar alguém. É frustrante e, no final, o seu “sacrifício” terá sido feito em vão. Se alguém não te ama pelo que você é, seu esforço não vale a pena.

E, por esse motivo, dessa vez, escolhi um vestido que combinava comigo e não mais para agradar ninguém. Peguei-o do cabide e tive ajuda para vesti-lo e fechar o zíper nas costas. Apoiando na parede, calcei os sapatos e olhei no espelho. Encontrei o vestido numa loja de noiva simples, perto da escola onde eu trabalhava. Ele era longo, tomara que caia, simples e sem brilhos ou qualquer renda ou pérola. Apenas uma fita branca enfeitava minha cintura demarcando-a; no busto era justo e caía solto ao longo dos quadris. Chegava a cobrir meus lindos sapatos, mas esses eu fiz questão que fossem mais sofisticados, podemos dizer assim.

Sorri para o meu reflexo e percebi que resplandecia. Nunca me achei bonita nem sensual, mas naquele momento eu achei. Estava linda e, acima de tudo, feliz!

Virei-me para Fernanda e Suzana, que tinham lágrimas nos olhos.

— Você está linda, Joana! — Fernanda sorriu, enxugando uma lágrima que escorreu por sua bochecha.

— Obrigada, querida!

— Pronta? — Suzana era mais nova e estava muito animada para me ver caminhando até o Deco. Bem, eu também estava.

— Sim, mais do que nunca!

Rindo, fomos até o lado de fora. Nosso casamento não seria um grande acontecimento, pelo menos foi o que Deco me disse, mas ao sair me surpreendi pela quantidade de carros que tinha estacionado próximo ao nosso. E fiquei repentinamente nervosa, não tinha ideia de quem ele havia convidado. E se acabou esquecendo de alguém importante?

Respirei fundo e parei em frente às portas fechadas. Estava pronta para caminhar até o homem da minha vida.

— Acha mesmo que deixaria você ir sozinha até lá?

Virei-me ao som de uma voz que conheci por toda minha infância e adolescência.

— Pai?

— Sim, não tem outro!

Franzi a testa e observei-o se aproximando devagar, como se tivesse receio do que eu iria fazer. Não estava entendendo realmente o que ele fazia ali. Será que minha mãe também estava? Não queria que estivesse, o dia era para ser perfeito e ela só iria estragar tudo.

— Sua mãe não veio, Jô! — Ele respirou fundo e abaixou a cabeça. Meu pai era um homem muito bonito, mas infeliz! Percebi ali, de frente pra ele, que nunca foi feliz realmente, e me perguntei o motivo de ter suportado tudo por tanto tempo. — Nós nos separamos há um mês, porque eu não aguentei. Desde a última vez que estivemos com você, brigamos feio. Ela me acusou de coisas ruins e ainda tentei ficar, mas não deu. Quando André me procurou, ela quis me proibir de vir. Então, percebi que por um erro do passado ela nunca me perdoaria ou amaria você como deveria. Saí de casa para poder retratar tudo o que te fiz sofrer, minha filha.

Eu olhava meu pai com os olhos arregalados, estava muito surpresa e curiosa com tudo, mas estava feliz. Ele estava ali por mim.

— Qual foi esse erro, pai?

— Outro dia te conto, filha. Agora é o seu grande momento! Me dá a honra de te levar até o altar? — Seus olhos castanhos brilhavam de expectativa e um pouco de medo da rejeição. Se eu fosse uma pessoa rancorosa, não iria de modo algum querer sua presença ali, mas meu pai era apenas mais uma marionete nas mãos dela. Assim como eu fui! Sorri pra ele e tentei não chorar.

Assenti, sem poder formar palavras. Meu pai levou uma das mãos até meu rosto e fechei os olhos sentindo pela primeira vez seu toque de carinho. Ele se aproximou e beijou minha testa.

— Perdão, minha filha! Amo você!

Afastei-me e abri os olhos. Ele chorava e sorriu, virou-se de lado e curvou o braço. Apoiei minha mão no seu antebraço e respirei fundo, olhando para frente. A emoção estava crua e difícil de segurar.

As portas foram abertas e imediatamente um perfume de jasmims encheu meus sentidos, não pude mais me segurar. Ainda bem que insisti para que não me maquiassem demais e era tudo a prova d'água. A capela era minúscula e não precisei andar muito; ainda não tive coragem de olhar para cima, pois, se eu o visse antes da hora, iria desabar e nem conseguiria chegar ao altar. Então, foquei apenas na decoração.

Estava tudo lindo e delicado, as flores brancas e as rosas enfeitavam os bancos, onde vi rostos conhecidos e alguns novos. Todos que me importavam estavam ali. E eu sorri para cada um deles. E, então, senti uma energia que me puxava, fechei os olhos e virei o rosto para frente, não sei dizer como não tropecei. Acho que foi graças ao meu pai por estar segurando minha mão.

Abri os olhos e me deparei com o homem mais lindo da face da terra: o meu amigo,

companheiro, confidente, amor, amante... O cara que fazia meu coração congelar e pegar fogo. O ser humano que foi criado especialmente para estar ao meu lado no momento em que mais precisei, quem dividiu a culpa junto comigo sem nem mesmo eu saber que o fazia.

Seu sorriso era enorme, achei até que suas bochechas poderiam estar doendo, mas refletia exatamente no meu. Seus olhos estavam brilhando de lágrimas não derramadas e o caminho até ele foi muito longo. Cada momento que passei com Deco voltaram à minha mente e a emoção me sufocou, junto com ela vinha as lembranças do Bernardo. A culpa já não existia, apenas saudades. Tinha certeza de que ele estava feliz por nos ver assim.

Deco estava tão lindo! Meu Deus, como estava bonito! Seu terno era preto com o colete prata e a gravata rosa. Perfeito!

Quando me aproximei, ele desceu a escada e nos encontrou no meio do caminho, olhou meu pai e assentiu.

— Obrigado por ter vindo!

— Obrigado por me convidar, cuida dela.

— Com todo o meu amor.

Meu pai assentiu e vi tanto respeito em seus olhos que fiquei emocionada, aliás, estava me emocionando além da conta aquele dia. André voltou sua atenção para mim e pegou a mão que meu pai estendia a ele. Abaixou a cabeça e roçou seus lábios provocando um arrepio em meu corpo. Ah, e aquela música. Quase me esqueci de mencioná-la. Era *From This Moment On*, da Shania Twain, que embalava minha entrada.

Ele levantou a cabeça sorrindo e tomou o caminho até o altar. Quando paramos, o silêncio absoluto se fez na capela e um padre bem velhinho sorria para nós.

— Com os anos usando batina e realizando casamentos, aprendi a decifrar os casais que passam por aqui. E eu preciso comentar o que aconteceu quando esse garoto veio falar comigo para realizar um casamento nessa humilde capela. Há muitos anos não realizo um matrimônio aqui, as noivas preferem algo mais sofisticado. Mas ele chegou pra mim e disse: “Minha Jô merece o melhor e também o mais bonito casamento, ela é linda por dentro e por fora. Quero que seja perfeito! E do jeito que ela é, irá amar e não esquecer de cada momento desse dia”. Eu percebi ali o quanto esse relacionamento era especial. As pessoas têm o costume de dizer que pensam nas outras antes de si, mas sabemos que não é assim. Mas aqui, meus amigos, esse casal, eles não têm duas vidas, eles tem uma só. Não existe pensar antes, mas em conjunto. Colocar suas vontades e interesses em seu par, seguir os mesmos passos, andar de mãos dadas. O destino tem uma maneira engraçada de trilhar os caminhos; às vezes é uma estrada límpida e sem obstáculos; outras, é cheia de buracos, lombadas e desvios. Cada um tem que trilhar esses caminhos para que possa merecer o prêmio no final do arco-íris. E eu vejo que, com alguém ao nosso lado, os fardos ficam mais leves e fáceis de carregar. Posso dizer que me sinto feliz por realizar essa cerimônia. Vejo um amor puro que já passou por muitas coisas e sobreviveu.

As palavras do padre me emocionaram e fizeram um nó se formar em minha garganta. Deco segurava minha mão forte e a palma estava suando.

— Acho que não preciso ficar falando demais, porque, na verdade, é um pouquinho cansativo. — Todos na igreja riram e ele olhou para nós dois. — Querem dizer alguma coisa um para o outro?

Assentimos e ele balançou a cabeça. Viramos de frente e nos encaramos. Deco sorriu e deslizou os dedos por meu rosto.

— Poucas pessoas me conhecem como você, nunca fui de me abrir com ninguém e com você foi simplesmente inevitável. Se não o fizesse, nunca mais falaria comigo. Eu me apaixonei desde a primeira vez que te vi, seus olhos assustados, sorriso contido e lábios vermelhinhos me encantaram. Depois de conhecer a pessoa maravilhosa que era, me apaixonei completamente e estava fechado para todo o resto. O destino não nos quis juntos como namorados no começo, mas acho que foi bom, porque tudo que vivemos nos trouxe até aqui. E não poderia ser melhor. Nós ganhamos e perdemos muito, Jô! Sentiremos saudades de alguém que nos foi importante. Tenho certeza de que o Bê nos abençoa de onde estiver. Meu coração sempre foi seu e continuará sendo. Eu te amo com toda a minha alma. Não existe ar que eu precise respirar se você não estiver ao meu lado. Você aceita acordar ao meu lado, sentindo meu amor te envolver a cada minuto de todos os dias das nossas vidas? Está pronta para isso?

Meus olhos já não se aguentavam e me derramei em lágrimas de felicidade e amor. Meu peito estava cheio de amor!

— Eu sempre fui alguém carente de sentimentos, de todos os tipos, nunca cultivei uma amizade por medo de não encontrar nela o que eu queria e precisava. Mas quando conheci você e Bernardo, ambos não me deram escolha, aliás, você não me deu. Envolveu-me em seu carinho, cada gesto, palavra de apoio, roçar dos dedos nos meus, sorriso sincero, parceria nos crimes, sussurrar de palavras... Cada momento foi precioso em minha vida. Vocês foram a família que Deus escolheu pra mim, para compensar a carência que eu precisava. Eu fui amada sim, por dois garotos lindos, e os amei tanto que não pude suportar quando um se foi e também porque o medo de perder o outro me sufocou completamente. Fiquei triste por anos, me culpei por viver, pois não merecia sorrir e ser feliz. O dia que decidi voltar à vida, eu te reencontrei, mas você não era mais meu. Achei que tinha te perdido para sempre e meu coração sangrou, porque eu perdi tempo. Ele não volta para algo precioso que temos, sempre segue em frente. Eu fui com a maré. — Sorri para ele, que me olhava muito sério. — A vida nos deu mais uma chance, e eu era louca de desperdiçar? Nunca! Você é meu ontem, hoje, amanhã e sempre. Então, se eu quero sentir seu amor me envolvendo a cada minuto dos meus dias? Com certeza!

Deco deu um passo à frente e envolveu meu rosto em suas mãos grandes. Olhou em meus olhos, eu mal o enxergava porque estava com a visão embaçada devido às lágrimas que não pude mais conter.

— Eu te amo, Jô!

— Eu te amo, Deco!

Ele sorriu e me beijou. Selou nossa promessa, a maior delas! O amor que nos negamos, enfim, estava sendo vivido, cada segundinho dele!

Capítulo 29

*Mas tudo que acontece na vida tem um momento e um destino,
Viver é uma arte um ofício,
Só que precisa cuidado,
Pra perceber que olhar só pra dentro é o maior desperdício,
O seu amor pode estar do seu lado.
O amor é o calor que aquece a alma.
(Do seu lado – Jota Quest)*

Deco

Os olhos transbordam o que o coração está cheio...

Alegria, felicidade, amor, paz... Esses sentimentos bons recheavam meu peito e me deixavam com um sorriso idiota no rosto. Eu observava Joana andando pelas pequenas mesas que foram ajeitadas do lado de fora da capela, porque fiz tudo simples, como pensei que ela gostaria. Naquele momento ela falava com Letícia, que, pelo que pude perceber, estava muito bem com Rafael. Fiquei receoso de Jô não conseguir suportar a gravidez de uma ex em nossas vidas, mas como sempre ela me surpreendeu. Estava se dando muito bem com Letícia, que ostentava uma pequena protuberância na barriga. Eu participava da gravidez relativamente, como um pai à distância tinha que ser. Não tinha a liberdade de chegar colocando a mão pra sentir o bebê mexer, nem ficar falando com ele como faria se estivéssemos juntos. Mas estava tudo certo e eu já tinha me acostumado com a ideia e amava cada dia mais aquela criança que viria ao mundo para colorir nossas vidas.

Todos que nos importavam tinham ido ao casamento, amigos da escola da Joana, funcionários da concessionária, Mira e Livia. Estavam todos felizes por nosso sonho ter se realizado. Já pertencíamos um ao outro, agora era oficial.

Notei o pai da Joana a observando por uns bons minutos e fiquei feliz por ele ter atendido ao meu pedido de levá-la até o altar. A mãe era um caso perdido para mim; mas sempre o notei reticente perto da esposa, parecia querer dar um passo em direção à filha, como se quisesse falar alguma coisa.

Meus olhos não desgrudavam da minha esposa, e parecia que ela também não conseguia ficar longe por muito tempo. Joana levantou a cabeça da mesa, porque estava inclinada, e me encontrou

secando-a. Então, sorriu e caminhou devagar em minha direção. Deus, como ela estava linda! O coque frouxo em seus cabelos deixava seu colo, ombros e pescoço livres para serem beijados.

Quando ela chegou perto foi a primeira coisa que fiz, abaixei-me e beijei seu ombro suavemente. Ela olhou para mim e sorriu.

— O que você está fazendo aí, todo lindo e pensativo?

Rocei o dorso dos meus dedos em sua bochecha e me inclinei para beijar seus lábios.

— Só apreciando minha linda esposa!

— Hum! Adoro como isso soa em sua boca.

— Quero tanto ter você só pra mim, não podemos fugir?

Joana se afastou, me olhando surpresa e sorriu.

— Mas é nossa festa!

— Exatamente! — Balancei as sobrancelhas.

Ela estreitou os olhos em minha direção em dúvida, mas percebi que estava tentada.

— Quero falar com meu pai primeiro! — Sorri em expectativa e assenti. — Você vem comigo?

— Lógico!

Ela pegou minha mão e fomos em direção à mesa que o pai da Jô estava sentado e sozinho. Quando ele nos viu, endireitou o corpo e fez uma careta. Pelo que Joana me disse, depois que saímos da igreja, ele tinha que contar um segredo do passado a ela.

Puxei a cadeira para que se sentasse e me acomodei ao seu lado. Sem soltar sua mão, para dar o apoio que ela precisava, pois Joana ficava muito nervosa quando o assunto era relacionado à mãe.

— Então, pai, agora pode me contar o tal segredo que você tem e que acabou com a minha infância! — Jô foi um pouco bruta, mas eu não a culpava. Afinal, passou tantos anos sendo ignorada e sem saber por quê.

Ele assentiu, cabisbaixo, e suspirou pesadamente.

— Eu e sua mãe nos conhecemos muito jovens e nos apaixonamos. Ela não era daquele jeito, foi tudo culpa minha ter se tornado tão fria. Nos casamos e, então, eu fui para a faculdade. Sua mãe não, porque ela engravidou de você. Bem, eu cometi um erro. Quando ela estava com sete meses de gravidez, eu me envolvi com uma garota da universidade. Era moleque e estúpido, e Elaine descobriu. Nossa, foi um inferno! Eu me arrependi assim que fiz, fui um idiota total. Pedi perdão, me ajoelhei e implorei para que não me deixasse, mas ela estava irredutível. Iria embora com minha

filha, e eu a chantageei dizendo que seria difícil para ela criar você sozinha, porque não tinha nada. Acho que ficou assustada com essa perspectiva e acabou ficando, mas, hoje, percebo que deveria tê-la deixado ir embora. Eli ficou cada dia mais amarga e quando você nasceu eu a vi te culpando por tudo, entrou em depressão e permaneceu assim por anos até que eu obriguei-a a se tratar. Nunca mais foi a mesma; ela absorveu tanta repulsa, dor, mágoa e tristeza que se transformou num monstro. Nós ficamos juntos até hoje, porque eu me culpei por todo nosso sofrimento, mas não podia deixar isso ir em frente, já abaixei a cabeça demais para isso.

Percebi que Joana apertava minha mão assim como os lábios. Ela estava nervosa e não conseguia falar nada. O homem errou. Traição é inadmissível, mas ter ficado com a mulher e tê-la induzido a ficar os levou a toda essa tragédia que sucedeu a vida daquela família.

— E por que o senhor ignorava Joana, se quem a culpava por tudo era sua esposa?

— Ela me proibia. Toda vez que eu me aproximava um pouco mais, ela jogava na minha cara tudo o que fiz. A culpa é um veneno em nossas vidas, ela te corrói e você perde a noção das coisas, não consegue seguir em frente e sente como se merecesse qualquer castigo imposto. Eu peço perdão a Deus porque não sei se Joana é capaz de me perdoar.

Eu olhei para ela, que estava de cabeça baixa agora, olhando para nossas mãos unidas.

— Eu te perdoo, pai. Sei como é se sentir culpada e não sou ninguém para julgar qualquer coisa. Porém, não vou dizer que a mágoa passou e que não estou mais triste. Afinal, são muitos anos de rejeição.

Ele olhava para a filha com os olhos marejados e sorriu tristemente.

— Eu sei e fico muito satisfeito se me deixar participar da sua vida.

Joana levantou a cabeça e olhou para ele, percebi que sua mão suava. Ela não disse nada, apenas balançou a cabeça positivamente.

Ficamos mais um tempo falando com o pai dela e nos levantamos, mesmo porque ele já estava indo pra casa. Disse que tinha comprado um apartamento pequeno e estava se ajeitando ainda. Eu fiquei feliz por eles terem se entendido um pouco e a perspectiva para o futuro era boa. A relação com a mãe, acho que nunca seria restituída, mas quem perdia era ela por não conhecer a filha maravilhosa que tinha.

Despistadamente eu peguei a mão da Joana enquanto ela se inclinava sobre a mesa de doces. Assustada, ela se virou e sorriu.

— O que foi?

— Eu vou te sequestrar agora...

Joana arqueou as sobrancelhas, sorrindo, e jogou um bombom na boca. Cruzou os pulsos à sua frente e sorriu.

— Sou toda sua, meu amor!

Puxei-a pela mão e andamos devagar até virar a esquina da igreja. Quando ficamos longe das vistas dos convidados, a imprensei na parede e beijei sua boca sem pensar em nada, estava louco por isso. Queria sentir seu corpo quente no meu, suas mãos em minhas costas e a boca macia na minha. Seus lábios eram como doces, que eu só queria devorar.

Toda vez que eu a tocava era com desespero, o medo de que tudo não passasse de ilusão da minha cabeça não me deixava, e ficava desesperado para confirmar que era real e, assim que fazia, devorava Joana em todos os sentidos.

Quando me afastei em busca de ar, ela me olhou com um sorriso lindo em sua boca vermelha e inchada.

— Nossa! Isso que é animação!

— Você não faz ideia.

Entramos na *Ranger* e liguei o som. Enquanto ouvia a música, eu a levei ao nosso lugar secreto, que estava tudo preparado. Joana olhava pra mim entre surpresa pelo caminho que estávamos tomando e curiosa pelo motivo que eu a estava levando até lá. Nossa cachoeira havia se tornado um refúgio que frequentamos muito ao longo dos meses.

Quando estacionei naquele pedaço de terra escondido, ela fez menção de falar. Eu apenas sorri, dando a volta no carro. Peguei-a em meu colo e ela olhou-me, assustada.

— O que você está fazendo? O noivo só pega a noiva no colo quando entram em casa.

— O caminho é ruim para você andar de salto.

— Deco, é muito longe e eu não sou leve.

— Você é linda.

— Deco...

— Joana, fica quieta! Eu vou te levar no colo e ponto-final.

Ela bufou, mas envolveu os braços em meu ombro e enlaçou meu pescoço, arranhando minha pele. Eu me arrepiava e perdia a concentração. Chegamos, enfim, em nosso cantinho e vi sua surpresa quando percebeu tudo preparado.

— Uau! Quantas surpresas eu vou ter ainda, hein?

Coloquei-a no chão e passei o braço em sua cintura.

— Meu estoque acabou. — Ela riu e se esticou nas pontas dos pés, me dando um beijo suave.

— Eu estou amando tudo. Muito obrigada, Deco! Foi tudo perfeito.

Segurei seu queixo entre meus dedos e sorri.

— Não precisa agradecer, meu amor! Simplesmente quis vê-la feliz.

Joana se abaixou e tirou os sapatos rosa. Deixou-os na grama e olhou para mim, me estendendo a mão. Eu a peguei, mordendo os lábios e desfazendo a gravata que joguei no chão, e que acabou caindo ao lado do sapato. Joana se dirigiu ao cobertor que estava debaixo da nossa árvore e se sentou, acomodei-me ao seu lado e a enlacei pelos ombros.

Ficamos olhando a água caindo da cachoeira por muito tempo até que ela quebrou o silêncio.

— Foi tudo tão perfeito que tenho até medo.

— Não tenha!

Ela suspirou e assentiu com a cabeça colada em meu peito.

— Vou tentar!

Sorri e passei a mão por seu braço, ainda era dia e o sol estava quente. Olhei para o sapato rosa que ela havia comprado.

— Fiquei surpreso quando vi a pontinha do seu sapato lá na igreja.

— Teve tempo de reparar nisso?

— Sei de cada detalhe seu, Jô. Mas sim, eu vi e fiquei surpreso, é o mesmo tom da minha gravata.

Ela se afastou, olhando em meus olhos.

— Eu sei, eu vi sua gravata, por isso o comprei. Você disse que rosa era a cor pra mim e resolvi fazer essa surpresa. Gostou?

Sorri de lado e me inclinei para falar em seu ouvido.

— Vou gostar mais quando estiver usando somente eles. — Joana ofegou.

— Uau, direto! Bem, eu vou gostar de satisfazer mais esse desejo do meu marido. Sabe como é... Marido feliz, esposa feliz.

Meu coração disparou ao ouvir essas palavras. Já queria levá-la dali e ter meu tempo para apreciar as pernas longas da Jô usando apenas sapatos de salto rosa.

— Bom, porque acho que não vou deixar você tirá-los por um bom tempo.

Joana riu e encostou-se novamente.

— Acha que sentiram nossa falta na festa?

— Com certeza somos os noivos, mas fica tranquila. Mira está tomando conta de tudo.

— Você realmente gosta muito dela, né? Fico feliz que a tenha em sua vida.

Fiquei com os olhos fixos num ponto qualquer, me lembrando na doce senhora que entrou em minha vida trazendo a paz e o carinho quando eu mais precisei.

— Gosto sim, Mira é especial. Assim como você!

— Ei, não precisa me bajular.

Eu ri e fiquei em silêncio, apenas apreciando a companhia da minha esposa. Cara, como isso era bom. Depois de tantos acontecimentos em nossas vidas, enfim, podíamos ter a certeza de que tudo daria certo.

— Você acha que Bernardo está feliz pela gente?

— Com certeza. Ele nos amava!

Joana suspirou e senti que seu corpo ficou tenso, a virei para mim e vi que as lágrimas deslizavam por seu rosto. Eu nunca disse, mas sempre tive medo de que ela voltasse a se sentir culpada por estar vivendo, ainda mais sendo comigo.

— Não chora, meu amor. Tenho certeza de que aonde quer que ele esteja está feliz por nós.

Ela assentiu e encostou a cabeça em meu peito.

— Eu queria te pedir uma coisa, Deco!

— Tudo o que quiser, princesa.

— Promete nunca me fazer sentir a dor de te perder. Tenho tanto medo disso. Por isso não gosto de planejar o futuro. Tenho medo de ter esperanças e perdê-las de uma hora pra outra.

Me afastei do seu abraço e olhei sem seus olhos, acariciei seu rosto passando o dedo em seus lábios carnudos. Tinha tanto carinho naquele toque que sentia como se meu peito fosse explodir.

— Eu não posso prometer algo assim, Jô. Nós não sabemos o dia de amanhã, mas eu prometo te amar cada dia de nossas vidas com tudo o que eu tenho. Fazer você feliz e sorrir sempre que puder. Sei que vou te irritar algumas vezes, é inevitável. Mas não tenha medo de viver. Viva com cada força que você tem, planeje o nosso futuro, sonhe e aproveite todas as realizações que conseguir. Não se prenda ao passado e às tragédias que se seguiram dele. São só momentos, e deles terá muitos mais, de todos os tipos. Apenas viva cada momento como se fosse o último.

E ela sorriu com os olhos brilhando, percebi o entendimento se enraizando dentro da minha Jô. Eu a abracei e apreciei aquele momento que vivíamos, e amanhã teríamos outros mais.

Capítulo 30

*Eu te vi e já te quis
Me vi tão feliz
Um amor que pra mim era sonho
Surpreendente provar
Do que eu só ouvi falar
E você resolveu me mostrar
(Logo eu – Jorge e Mateus)*

Joana

Quatro anos depois...

Eu olhava aqueles olhos negros que eu amava e me perguntava constantemente a cada segundo se merecia todo aquele amor que sentia. Será que era merecedora de tanto carinho? Ele era tão lindo! Perguntava-me se ele me amava assim como eu a ele.

Passei anos da minha vida esperando e precisando desse amor. Cada dia sentia como se faltasse alguma coisa e não sabia bem o que era até senti-lo a primeira vez. E foi tão intenso que roubou completamente o meu ar. Percebia ali, olhando para o seu rosto lindo, que minha vida não tinha nada tão importante até ele aparecer e tomar conta de tudo.

— Tá tudo bem? — Levantei os olhos e sorri para a senhora que estava parada ao meu lado.

— Perfeito!

Ela assentiu sorrindo e pegou algumas bandagens e outras coisas que tinha na beirada da cama. Saiu sem dizer mais nada e eu fiquei ali, ainda admirando a beleza daquele momento. A porta se abriu e levantei a cabeça. Um sorriso de amor se formou em meu rosto.

— Como você está, meu amor? — Deco se aproximou, beijando minha testa e automaticamente fechei os olhos apreciando aquele carinho.

Com o passar dos anos aprendi a ser mimada a cada segundo. Sempre recebia uma surpresa desde um toque e palavras de carinho, a presentes inusitados cheios de significados. André era um marido perfeito e nos últimos meses estava se superando de longe.

— Bem, e você como está? — sussurrei, roubando um beijo dos seus lábios macios.

— Agora estou bem, mas morri de preocupação.

— Imaginei! Mas está tudo certo. Ele não quer fechar os olhinhos para dormir.

— É igual o pai, não cansa de admirar a beleza da mãe.

Olhei para o nosso filho em meus braços e ele realmente não parava de me olhar. Parecia hipnotizado, eu sorri e acariciei sua bochechinha rosada com a ponta dos dedos.

— Ele é lindo, Deco!

— É sim!

Deco se acomodou ao meu lado na cama e passou um braço em meus ombros, beijando meu rosto e olhando nosso filho, que agora observava a nós dois com os olhinhos curiosos. Tão lindo! Tinha o rosto redondinho de bochechas rosadas, o nariz pequeno e empinadinho, a boquinha parecia um coração, seu queixinho era igual uma bolinha, mas o que mais chamava a atenção no nosso menino eram seus olhos tão expressivos. Meu bebê usava um macacãozinho azul com desenhos dos ursinhos carinhosos.

— Ele se parece com você! — Nosso menino realmente era a cara do pai. Bem que me disseram, você carrega por nove meses e sai a cara do pai. Mas eu amava que tinha cada traço do meu Deco nele.

— Mas é doce como você!

Balancei a cabeça conformada em não discutir com André, ele sempre aparecia com elogios e, mesmo que eu me sentisse incomodada, acabei me acostumando a aceitar.

— Você acha que ele vai gostar da nossa casa?

— Com certeza, você preparou o quartinho dele com tanto carinho.

— Ele é tão calminho Deco, nem parece recém-nascido.

— É porque foi amado todos os dias.

Sorri ao me lembrar do que senti ao descobrir que estava grávida, quase explodi de felicidade. Quando contei ao Deco, ele ficou maluco, começou a fazer planos e imaginar como seria nosso menino. Sim, ele sempre soube que era um garotinho, nosso pequeno.

Eu passei cada momento do parto pedindo a Deus que desse tudo certo, tive algumas complicações, mas no final foi tudo bem e meu filho estava em meus braços, onde seria sempre seu refúgio.

— Mamãe e papai te amam muito, Bernardo!

Deco beijou minha cabeça, puxando-me para seu abraço acolhedor.

— Muito e muito!

Ficamos admirando nosso filho quando uma batida na porta chamou nossa atenção. Eu sorri sabendo quem deveria ser, estavam todos à espera para conhecer o novo membro da família. Deco balançou as sobancelhas e se levantou para abrir.

Nossos amigos entraram com um sorriso no rosto, segurando balões e ursinhos. Letícia vinha à frente e logo atrás Rafael com a pequena Marina, de três anos, e sua irmãzinha Mel, de onze meses, nos braços.

— Ai meu Deus, Joana! Como ele é lindo, é a cara do André! — Letícia se aproximou, me dando um abraço e acenando para Bernardo de longe.

— Eu sei!

Rafa se aproximou com as pequenas em seu colo, uma em cada braço. A filha do Deco com a Letícia se agitou para conhecer seu novo irmãozinho. Eu a amava como se fosse minha e ela me chamava de madrinha, que foi o que acabei sendo.

— Dindinha, posso beijar meu irmão?

— Pode sim, querida.

Ela se aproximou e beijou a cabecinha de Bernardo, que ainda não tinha tirado os olhinhos brilhantes de mim. Ela havia se acostumado em ter um bebê na família. Depois que ela nasceu, Letícia e Rafael se casaram e não demorou em encomendar outro bebê. Marina gostava de mimar a irmãzinha.

Deco a pegou no colo e logo ela enlaçou o pescoço do pai. A menina parecia muito com a mãe, a única coisa que era igual a ele era a personalidade.

— Cadê sua irmã? — Deco perguntou olhando em seus olhinhos. Também estranhei a falta dela.

— Foi comprar um presente para o Bê.

Logo que ela terminou de falar, a porta foi aberta pela adolescente mais linda que eu conheci.

— Ai meu Deus! Como ele é lindo!

Vanessa se aproximou, me dando um beijo no rosto e admirando o irmão.

— Eu sei, a cara do Deco!

— Com certeza, vai dar trabalho, hein, mãe!

Cada vez que ela me chamava assim, meu coração pulava. Depois de um ano conseguimos adotar Vanessa, que estava conosco há três. Ela era doce e não dava trabalho algum, porém ficou reticente em nos chamar de mãe e pai. Nós não insistimos, pois se viesse a acontecer seria uma coisa natural. Nós a amávamos tanto que não importava o título que ela nos dava.

Alguns meses atrás, ela me chamou assim e eu chorei como um bebê. Culpei os hormônios da gravidez.

— E você vai me ajudar, sim?

Ela agora tinha doze anos, mas era tão madura que parecia ter mais.

— Com certeza, vou espantar qualquer engraçadinha que quiser magoar meu irmão. E Mari e Mel vão me ajudar, né?

As meninas gritaram e bateram palmas felizes por terem sido incluídas na conversa, e Bernardo se agitou em meu colo. Deco olhou para mim e sorriu. Nós tínhamos uma ligação inexplicável, ele sempre sabia o que eu queria sem que precisasse falar.

— Vamos dar uma volta, sim? Jô precisa de um momento com o bebê. Ele quer mamar.

Todos saíram e percebi que ele queria apenas despistar as crianças, uns dois minutos depois ele voltou e sentou-se comigo de novo, olhando em meus olhos. Beijou meus lábios levemente.

— Eu vim vê-la amamentar. Nunca perderia esse momento!

Senti borboletas em meu estômago. Essa palavra causava sentimentos tão intensos em mim. Assenti e me ajeitei alimentando meu menino. Nós o amávamos tanto. André encostou a cabeça na minha e ficamos admirando-o sugar e se encher de vida.

Passei por muitos momentos. Cada um deles foi importante e essencial. Fizeram-me ser quem sou, amar do jeito que amo, sonhar cada vez que fecho os olhos. Sempre serei grata por cada um que vivi, que fez com que minha vida mudasse e eu encontrasse a minha verdadeira essência. Cada vez que olhava meu passado, eu chorava de saudade e emoção. Porém, quando vislumbrava o meu futuro, via tantas possibilidades que planejar se tornou automático, não tinha mais medo. Mas, claro que o destino sempre mudava tudo. E, no final, tudo se tornava melhor e mais bonito do que sonhei. A realidade era mais bela.

Momentos fazem parte de nossas vidas e devem ser vividos. Cada um com a sua importância. Sentir em cada instante da vida, aproveitar cada segundo. Esse é o verdadeiro segredo.

E eu aprendi isso! Passei a aceitar o que era inevitável e aproveitar o que me era dado.

Beijei a testa do meu filho e abracei o meu amor.

Aquele era o momento perfeito. O momento que mudou a minha vida para sempre!

FIM

Cena cortada

Dezembro de 2007

Quando eu me levantei da cama não tinha ideia de que naquele dia minha vida mudaria. Um momento foi capaz de trocar tudo de lugar. Senti como se esmagassem meu peito a cada passo que eu dava naquele terno bem cortado, eu a perderia para sempre e em algum lugar dentro de mim fiquei feliz por eles, mas esse lugar estava muito escondido. Porque eu estava tendo ganas de roubá-la antes de entrarmos na igreja.

Desci do carro e já estava cheio de gente que eu não conhecia, apesar de eu ter participado um pouco da organização, os pais do Bê tomaram conta e fizeram tudo à sua maneira. Não parecia algo que Joana gostaria, ela era tão simples e linda.

Parei ao lado da grande porta de madeira olhando a movimentação de pessoas entrando e conversando quando um primo do Bernardo se aproximou de mim com os olhos arregalados.

— Aconteceu uma coisa, Deco!

— O que foi, Leandro? — Fiquei assustado com o timbre da sua voz. Ele respirou fundo e abaixou a cabeça.

— O carro do tio capotou, acabamos de receber a notícia. Ligaram pra minha mãe.

Meu coração deu um solavanco e senti como se meu estômago estivesse afundado.

— Como assim? O que aconteceu?

Ele balançou a cabeça e enxugou os olhos, Leandro era um rapaz de dezesseis anos e parecia desconfortável contando aquilo.

— Eu não sei direito, parece que um caminhão cruzou a pista e, quando o tio foi desviar, eles capotaram. Não sobrou ninguém...

Eu perdi o chão, tive que me sentar para evitar que desmaiasse. Olhei para o nada sem saber o que pensar, meu coração se despedaçou pelo meu amigo e irmão e, então, pensei em Joana. Meu Deus, o que aconteceria quando ela descobrisse?

— Já avisou a Joana?

— Não, eu liguei pra casa dela e ela está a caminho!

— Meu Deus! — Me levantei e enxuguei as lágrimas que nem tinha percebido que havia derramado. Respirei fundo e olhei para aquele menino que me encarava como se eu soubesse o que

fazer. — Esvazia a igreja Leandro, mas leva o pessoal pelos fundos. Joana vai estar aqui a qualquer momento e não quero que tenha plateia.

Ele assentiu e se virou, mas antes de entrar pela porta ele me olhou e disse:

— Sinto muito, Deco, principalmente porque vai ser você a dar essa notícia.

Balancei a cabeça e a inclinei olhando para o céu azul. A dor apertava meu peito e senti como se tivesse algo atravessado em minha garganta, engoli em seco e olhei para o rapaz que me observava penalizado.

— Eu também!

Encostei-me à parede lateral da igreja e fiquei esperando. Sentia como se uma mão de ferro apertasse meu coração, tinha que me manter forte por ela, Jô precisaria mais de mim do que nunca precisou. Porém, meus sentimentos estavam em frangalhos, queria chorar a perda do meu amigo, mas não podia.

O tempo passou e em minutos vi o carro se aproximando, desencostei da parede e vi o rosto sorridente da Joana. Ao ver minha expressão, ela ficou séria e parecia assustada, abri a porta e me abaixei à sua frente. Deus, ela estava linda. Peguei suas mãos entre as minhas e percebi que ela tinha o buquê rosa no colo, foquei meus olhos nele antes de fixá-los nos dela, alguma coisa me intrigou naquelas flores, pareciam um presságio, não consegui entender na hora.

— Jô, eu preciso que você seja forte, viu?

Ela franziu a testa parecendo confusa e assustada.

— O que foi, André? Tá me assustando!

Sua voz baixa dilacerou meu coração, percebi que ela já havia notado que algo ruim tinha acontecido e só queria uma confirmação. Fechei meus olhos e não pude impedir que as lágrimas quentes descessem por meu rosto fazendo com que minha alma se perdesse ao dar aquela notícia para Joana. Quando os abri deixei que todo medo e tristeza transparecessem em meu olhar.

— Bernardo sofreu um acidente de carro quando vinha para cá — Balancei a cabeça tentando sacudir aquela dor, quem sabe as coisas não mudasse assim? — Ele estava com os pais e um caminhão os fechou numa curva e capotaram. Sinto muito!

Joana respirou profundamente soltando um gemido de dor e seus olhos ficaram vagos.

— Ele morreu, né? — Assenti sem coragem de dizer.

Ela murmurou alguma coisa e se levantou com os olhos assustados, deles desciam lágrimas torrenciais, o buquê de rosas caiu no chão, parecendo abandonado, como um sonho perdido. Infelizmente, aquela imagem ficaria gravada em minha memória por anos a fio.

Joana cambaleou e eu a segurei, mas estava tão fraco de tristeza, que nós acabamos sentados na grama, um abraçado ao outro, dividindo a dor de perder alguém que amávamos. Ela chorava e dilacerava meu coração. Seu corpo convulsionava e sabia que nunca mais minha Jô seria a mesma. Tanta dor seria capaz de mudá-la para sempre.

Seu lamento em meu ouvido fazia com que meu desespero aumentasse, sentia como se uma parte de mim tivesse sido arrancada. Se eu pudesse faria o que fosse possível para não vê-la sofrendo daquela maneira, trocaria de lugar com Bernardo facilmente para que Joana não sofresse tanto.

Colei meus lábios em sua testa e acariciei suas costas, braços e pescoço, tentando passar algum tipo de conforto que nem eu sentia.

— Vai ficar tudo bem, meu amor, vamos atravessar esse momento. Eu juro que você voltará a sorrir.

E eu teria a certeza de cumprir essa promessa.

Opiniões de leitoras betas

“Com uma linda história de amor e amizade, ‘Momentos’ ficará para sempre marcado em mim. Bernardo, Joana e André chegaram e arrebataram meu coração com companheirismo, lealdade, amor em sua forma mais pura e altruísmo. Ai, como queria que eles fossem reais... Preparem-se para momentos inesquecíveis!”

(Luana Salles)

“Às vezes ficamos refém do passado, achando que não há futuro. ‘Momentos’ nos mostra que por mais que não exista mais esperança, sempre há um novo amanhã.”

(Iza Corat)

“Um livro intenso e arrebatador a cada página. Podemos sentir com os personagens todas as suas emoções, que nos deixam com o coração apertado e transbordando de muitos momentos pungentes. Deco é um homem que, através de sua simplicidade, consegue transformar pequenas situações em algo grandioso. ‘Momentos’ é apaixonante!”

(Isabel Cristina)

“Gisele sempre me emociona com suas histórias, mas em ‘Momentos’ ela conseguiu trazer à tona os sentimentos mais profundos do meu coração. Leitura com risos, choros, esperança, superação, realização e amores... Merece não só cinco estrelas, e sim uma constelação!”

(Andréa Titericz)

“‘Momentos’, nome perfeito para esse livro, nada definiria melhor... ‘Momentos’ é tão leve e gostoso que passa num instante, e mesmo assim cheio de surpresas, delicadezas e emoções que te fazem refletir, chorar e amar... Curtam esses momentos...”

(Giseli Bernardes)

“Esse romance é pura emoção. Toca sua alma do início ao fim. Te faz sorrir, chorar, amar e refletir. Um dos livros mais intensos de Gisele Souza, o que me faz admirá-la ainda mais ao ver seu amor e sensibilidade em cada palavra de 'Momentos'.”

(Gracileni Melo Aguiar)

"Uma história de amor apaixonante que vai mexer com suas emoções e ensinar que o amor é capaz de nos transformar em meios às adversidades impostas pelo destino. Assim como Joana e André precisamos aprender a viver cada momento de nossa vida com muita fé, persistência, coragem e, acima de tudo, esperança. Além de ‘Momentos’ ser encantador, extrovertido, romântico, ele é visceral e inspirador, uma lição de vida e de reflexão."

(Carla Santos)

A autora

GISELE SOUZA



Nasceu em Volta Redonda, no Rio de Janeiro, em 1 de maio de 1987. Leitora compulsiva, apaixonada por livros filmes e séries. Começou a se aventurar no mundo da escrita em 2013 e assim encontrou sua verdadeira vocação. “Inspiração” é seu primeiro romance publicado. Considera-se uma pessoa simples com uma vida descomplicada. Casada e mãe de um menino lindo de cinco anos.

Contato

Entre em contato com a autora em suas redes sociais:

[Blog oficial](#) | [FanPage](#)

Gostou do livro? Compartilhe seu comentário nas redes sociais e na **Amazon** indicando-o para futuros leitores. Obrigada.

Outras obras na Amazon

Conheça outros romances contemporâneos da autora:

INSPIRE!



Conheça Layla Bonatti em seus doze anos, uma menina doce e feliz.

E seu irmão Lucas, um encanto de herói.

Prequel do livro *Inspiração*. Inspire-se e se emocione!

INSPIRAÇÃO



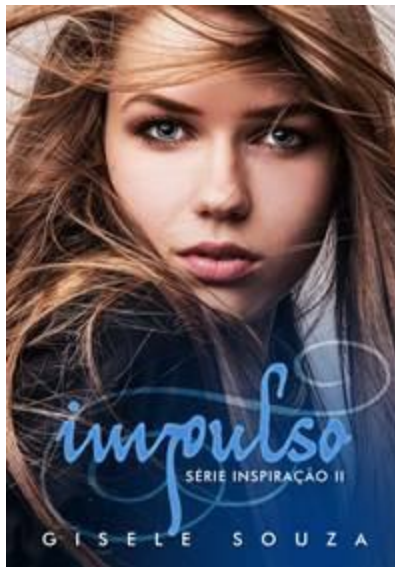
Para Layla Bonatti, não havia pessoa mais importante do que o seu irmão, Lucas. Criá-lo desde pequeno cobrou seu preço e seus próprios sonhos foram anulados, exceto um: a música, paixão que cultivava desde que era uma menina.

Cantar no bar era o seu único prazer, em suas apresentações deixava transparecer todos os seus sentimentos. Desta forma, encontrou a recompensa tão sonhada: ser amada e valorizada, seus anseios mais secretos.

Porém, o fantasma da perda ainda rondava o seu coração.

Layla será capaz de esquecer toda a dor e finalmente abrir o seu coração para um intenso romance?

IMPULSO



Lucas Bonatti nasceu para ser brilhante. Criado pela irmã, sua vida foi regada de responsabilidades, amor e companheirismo. Contudo, sempre escondeu a ânsia de amar incondicionalmente. Quando, enfim, acreditou ter encontrado a mulher da sua vida, seu coração foi despedaçado. Então, Lucas não via mais motivos para ser o bom moço da família.

Sabrina Petri, a caçula de quatro irmãos, sempre foi cercada de cuidados e amor. Uma garota alegre e extrovertida que teve a vida virada pelo avesso subitamente. Quando conheceu o homem que poderia fazê-la feliz, ela já não podia se entregar.

Um romance tórrido e intenso. Uma atitude movida por impulso pode fazer a vida dos dois mudar completamente.

O amor será capaz de consertar dois corações feitos em pedaços?

Table of Contents

[Agradecimentos](#)

[Prólogo](#)

[Capítulo 1](#)

[Capítulo 2](#)

[Capítulo 3](#)

[Capítulo 4](#)

[Capítulo 5](#)

[Capítulo 6](#)

[Capítulo 7](#)

[Capítulo 8](#)

[Capítulo 9](#)

[Capítulo 10](#)

[Capítulo 11](#)

[Capítulo 12](#)

[Capítulo 13](#)

[Capítulo 14](#)

[Capítulo 15](#)

[Capítulo 16](#)

[Capítulo 17](#)

[Capítulo 18](#)

[Capítulo 19](#)

[Capítulo 20](#)

[Capítulo 21](#)

[Capítulo 22](#)

[Capítulo 23](#)

[Capítulo 24](#)

[Capítulo 25](#)

[Capítulo 26](#)

[Capítulo 27](#)

[Capítulo 28](#)

[Capítulo 29](#)

[Capítulo 30](#)

[A autora](#)

[Contato](#)

[Outras obras na Amazon](#)